

ECOS DE UM ANO EXTRAORDINÁRIO

BOLETÍN UISG

NÚMERO 161, 2016

INTRODUÇÃO	2
TESTEMUNHO DAS IRMÃS JOVENS ASSEMBLEIA PLENÁRIA DA UISG	4
AUDIÊNCIA COM O PAPA FRANCISCO	21
UM AMOR NÃO RESIGNADO PARA HABITAR OS NOVOS HORIZONTES. LINGUAGEM, ESTILO, PROJECTO ECLESIAL DE PAPA FRANCISCO	33
<i>P. Bruno Secondin, O. Carm</i>	
INTERCONGREGACIONALIDADE. SOLIDARIEDADE INTERCONGREGACIONAL	52
<i>Ir. Paulo Dullius, FSC</i>	
O SILÊNCIO QUE CONDUZ À ORAÇÃO E A ORAÇÃO QUE VEM DO SILÊNCIO	61
<i>P. Carlos del Valle, SVD</i>	
VIDA NA UISG... CRIANDO A IRMANDADE GLOBAL	69
OS PROJECTOS DA UISG ATUALIZAÇÕES E NOTÍCIAS	73
SÍNTESE DO QUESTIONÁRIO SOBRE A COMUNICAÇÃO	78

INTRODUÇÃO

No ano de 2016 foram entrelaçados muitos eventos significativos para a vida religiosa e para a UISG: o encerramento do Ano da Vida Consagrada, o Ano Santo da Misericórdia, o jubileu dos 50 anos da fundação da UISG, a celebração da XX Assembleia Plenária (Roma, 9 - 13 de Maio de 2016) com o tema “*Tecendo a Solidariedade Global para a Vida - Para que tenham vida e a tenham em abundância*”.

Nesta edição do Boletim, o último de 2016, queríamos recolher alguns ecos destes eventos para que o dom da graça que eles trouxeram-nos, se consolide na nossa vida e acompanhe-nos no caminho de fé que continua-se nos anos vindouros.

Abrimos o boletim com o testemunho que seis jovens religiosas têm oferecido à Assembleia Plenária da UISG. As religiosas, provenientes de diferentes países, culturas e congregações, têm respondido à pergunta: *O que me entusiasma da vida religiosa, agora e no futuro?* É interessante ver nas suas respostas as motivações, as expectativas e as esperanças das jovens consagradas para o presente e para o futuro da vida consagrada.

Um momento inesquecível da Plenário foi a Audiência com o Papa Francisco, na Sala Paulo VI, no Vaticano. Um encontro gozoso e fraterno, um diálogo fecundo dos quais citamos o texto, mesmo com o coração cheio de gratidão ao recordar a presença do Santo Padre entre nós.

E ainda é, o Papa Francisco, o centro do artigo de *Padre Bruno Secondin* que, com um fino destreza, registra e descreve “*o efeito Francisco*” a partir do estilo, da linguagem, do projecto eclesial deste Papa “*com o coração nas periferias*”, que constantemente nos surpreende e nos mostra novos horizontes e novas fronteiras à qual deve dirigir-se a nossa missão de consagradas.

O compromisso que, como consagradas, tomamos juntas durante a Assembleia Plenária, é de tecer uma Solidariedade Global para a Vida. A solidariedade global também passa através da solidariedade intercongregacional. O *Frater Paulo Dullius* fala-nos disso no seu esclarecedor artigo. A intercongregacionalidade, concretamente, é a aliança que nos últimos anos se estabelece entre diferentes congregações, mas também entre as congregações e os leigos. Esta aliança coloca a missão comum como centro. A intercongregacionalidade é acima de tudo a solidariedade que flui na missão.

A nossa vida é uma vida doada ao seguimento de Cristo, para que o Reino de Deus torna-se uma realidade diária. Mas o Reino de Deus é um tesouro escondido, uma semente que germina dentro da escuridão da terra ... se vê com os olhos do coração. A fim de poder ver o Reino de Deus que cresce, temos de educar o coração à oração e ao silêncio. Este é o tema com o qual o artigo do *Padre Carlos del Valle*, com grande sabedoria nos guia através das profundezas do silêncio e da oração, que juntos criam em nós aquela *solidão habitada*, aquela interioridade profunda, que nos permitem uma comunicação mais intensa com os seres humanos e com Deus.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS JOVENS À ASSEMBLEIA PLENÁRIA DA UISG

Relatamos neste Boletim os testemunhos que algumas irmãs jovens tinham apresentado à Assembléia Plenária da UISG (Roma, 9 - 13 de Maio de 2016).

As seis irmãs jovens que vêm de diferentes países, culturas e congregações têm respondido à pergunta: "O que me entusiasma da vida religiosa, agora e no futuro?"

É interessante palpar nas suas respostas, as motivações, as expectativas e as esperanças das jovens para o presente e para o futuro da vida consagrada.

O que me entusiasma da vida religiosa, agora e no futuro?

Ir. Eulogia Quiruchi Negretty, MSCS

Ir Eulogia nasce na Bolívia e é religiosa das Irmãs Missionárias Catequistas do Sagrado Coração, fundada no dia 1 de Maio de 1908 pelo Padre Eustáquio Montemurro. Depois do postulante e noviciado no Brasil, ela fez os primeiros votos em 2010.

Original em Italiano

É com simplicidade e gratidão que eu gostaria de partilhar alguns aspectos da minha experiência como consagrada. Vou fazê-lo contando brevemente a realidade de onde eu venho; o início da minha vida como religiosa, com as minhas motivações e expectativas, o que faz que cada dia peço ao Senhor a graça da perseverança, e de poder olhar para o futuro com esperança, como o Papa nos pede.

Eu venho da Bolívia, um país multicultural na América do Sul. Sou de uma cidade que tem características culturais muito específicas, uma das quais é um profundo respeito pela nossas tradições e crenças.

Como religiosa, devo dizer que ainda não tive a graça de ganhar experiência no meu país. No entanto, o facto de responder à chamada de Deus, ir para outro país como o Brasil, permitiu-me recolher experiências, que, hoje, com a graça de Deus, permitem-me de olhar com fé para a realidade do meu país, a realidade onde eu comecei minha vida como consagrada e a minha situação actual. A maneira em que Deus tinha disposto da minha vida, fez-me ser consciente da missão que as congregações realizam nos países de missão, como na Bolívia, no Brasil e mesmo na Itália.

Ao iniciar a experiência religiosa em um país de uma cultura diferente da

minha, não foi nada fácil, mas foi isso mesmo que me deu a possibilidade de ver, de enfrentar, de avaliar, de despertar-me à uma realidade que concretamente desafia-nos todos os dias. Penso por exemplo agora, perante as dificuldades, as crises, os sofrimentos das pessoas, a situação dos refugiados, as pessoas que estão no meio de guerras, o impacto dos meios de comunicação, os desenvolvimentos tecnológicos ... etc. Tudo isso afecta em todos os ambientes, porque justamente como diz São Paulo, somos o Corpo Místico de Cristo, então, quando um membro do corpo sofre, todo o corpo sofre.

Na Bolívia, a incidência destas situações é óbvia. Essas de uma parte provocam o distanciamento e a perda gradual de valores cristãos. A isso é adicionado o sistema de governo que favorece pouco à missão dos consagrados. As pessoas que vivem em áreas rurais, apesar de se encontrarem um pouco salvaguardadas de essas influências, muitas vezes, pelo menos na realidade da Bolívia que conheço, eles vêm de culturas que não podem conceber uma outra forma de vida fora do casamento.

Apesar de tudo, eu sinto que é precisamente estas dificuldades, que dão sentido à nossa existência e ao nosso ser, porque, graças a Deus, não nos distanciamos da missão que Deus, em sua grande bondade e misericórdia nos confiou, pelo contrário, na verdade estas têm representado um desafio para nós, um empurrão para encontrar novas formas, mais adequadas à cada necessidade.

A comunidade da minha família religiosa, que encontra-se em uma das aldeias mais pobres da Bolívia, com muita fé e confiança na providência de Deus, consegue levar adiante a missão tentando de fazer despertar a presença de Jesus em muitas crianças, jovens e famílias, que pouco a pouco, com muita paciência, estão recebendo e fazendo germinar em seus corações a presença do Senhor. Embora isso tinha implicado e ainda implica grandes sacrifícios, é mesmo alí que nós encontramos uma maneira de dar vida ao nosso carisma de amor e reparação, como Irmãs Missionárias Catequistas do Sagrado Coração.

Estou ciente de que é Deus quem guia a nossa história, por isso Ele nos prepara para tudo. No Brasil eu tive a graça de começar a formação. Do tempo em que eu morava lá, haveria muitas experiências para contar, mas eu gostaria apenas de compartilhar a graça que eu tive de conviver com crianças e adolescentes de uma obra social, foi uma experiência muito concreta e edificante em todos os níveis.

Partilhar os seus sofrimentos, por causa das drogas, de famílias desestruturadas, e muitas outras coisas, quer queiramos ou não, coloca-nos em uma posição de sair de nós mesmas e dar espaço para eles. Não é minha intenção de fazer parecer que o apostolado está antes de todas as outras áreas de nossas vidas como consagradas, mas penso que este aspecto, pelo menos para as famílias religiosas de vida activa, é importante, porque se estamos consagradas à Deus é para participar de sua missão, cada uma de acordo com seu próprio carisma específico. E notem-se que, se as nossas missões vão adiante é porque detrás existe uma vida de oração, caso contrário, o apostolado em sí, de uma maneira ou de outra, mais cedo ou mais tarde,

irá revelar a falta de Deus em tudo o que fazemos.

As experiências concretas com adolescentes e com os jovens, fizeram-me experimentar que todas nós, de uma forma ou de outra, vamos à procura de algo que dá sentido às nossas vidas; nós, como religiosas estamos conscientes de que o sentido da nossa vida é Cristo Jesus, o Seu seguimento. Assim, mesmo os jovens têm o desejo de encontrar algo radical e genuína e consistente que dá sentido às suas vidas.

Posso concluir afirmando que o que me dá e me deu a coragem e a fé de responder à chamada, era por ter feito experiências muito concretas, seja na comunidade, como no apostolado, donde o avizinhamo ao outro deu-me a oportunidade de crescer na responsabilidade, de reforçar o sentimento de pertença à minha família religiosa, e como tinha dito antes, a essência de tudo isso é a vida de oração, uma dinâmica de oração recíproca, de confiança recíproca. Tudo me leva a lembrar o início da minha jornada, quando ainda não muito consciente, fui atraída pela presença e testemunho destas irmãs que sem a pretensão de serem perfeitas, elas estavam comprometidas em serem pessoas genuínas, muito humanas e de vida espiritual.

Ir. Alberte Kabunda Lupisuku, Passionista

Irmã Alberte Kabunda Lupisuku de Maria Mãe da Santa Esperança, é uma religiosa passionista da República Democrática do Congo (África). Agora ela está na Itália para estudos.

Original em Francês

Introdução: Olá Reverendas Madres! Eu sou a irmã Alberte Kabunda Lupisuku de Maria Mãe da Santa Esperança, Passionista. Sinto-me indigna da oportunidade de falar diante desta augusta assembléia. Na verdade, o meu testemunho não tem nada de extraordinário e não vai acrescentar nada de novo ao vosso conhecimento; pelo contrário, eu gostaria de ouvir-vos e aprender com vossas ricas experiências. Tudo o que eu estou tentando de contar-vos é o resultado da minha experiência do amor a Cristo. Depois dos meus primeiros encontros com Cristo durante a minha infância, encontros, que deixaram no meu coração pensamentos vagos e fragmentários; depois como adolescente, comecei a desenvolver uma relação mais pessoal com Jesus e orei ao Senhor para encontrar um homem sincero que vai me amar de todo o coração e que eu amo para toda a vida. E o Senhor respondeu à minha oração e me apresentou para aquele que é o amor, a fidelidade e a vida eterna.

A minha vocação religiosa é uma graça Divina, é tão misteriosa para mim mesma e que não sei dizer muito neste tempo tão limitado. É certo, no entanto, como dizem as escrituras : “*Antes que eu te formasse no ventre te conheci; antes que tu saíesses do seio, eu te consagrei* “ (Jeremias 1: 4-5); por esta palavra Eu também percebi que o Senhor tinha pensado em mim e tinha querido que eu seja como hoje sou, “*uma religiosa passionista*”.

Minha crise: depois meus votos em 2009, durante o tempo de férias com meus

pais, eu encontrei-me com a minha melhor amiga desde a infância, Moseka, que me convidou para ir com ela, e me apresentou o seu marido e seus dois filhos, um menino e uma menina, muito lindos. Se via parcela bem cuidada, cercada e protegida e a condição de bem-estar, os móveis da casa, a delicadeza de sua afeição como marido e mulher. A maneira de como eles tinham-me acolhido; de repente, senti-me pobre e infeliz; a alegria dos meus votos tinham desmoronado. *Eu percebi a gravidade da minha vocação, do “sim” que apenas tinha pronunciado ao Senhor.* Na hora do almoço, eu consegui dar de comer a menina, que de acordo com a sua mãe era impossível. Vendo isso, o marido da minha amiga disse-me “como você é boa em cuidar dos filhos de outras pessoas! Que graça? Mas por que você faz essa escolha? Não seria melhor ter sua própria família e ser feliz? Além disso, com seus votos de obediência você é forçada a fazer a vontade de outra pessoa. Como você consegue? Você está feliz com a vida que você faz, você está feliz?” De volta para casa, meu coração estava quebrado com a dor; todas estas questões preocupantes ressonavam na minha mente; e pensei para mim mesma: “mas estás vendo, também tu serias capaz de ter uma menina como essa, uma casa luxuosa, um homem excepcional, mas o que é que te impulsiona, o que é que tem falhado?” Oh, eu lhes asseguro, que nunca tinha experimentado uma dor tão profunda, que eu só precisava chorar amargamente

Acabadas as férias, de volta para a comunidade, as coisas não estavam indo bem, tudo parecia negativo; uma crise total. Um dia eu encerrei-me no meu quarto, e comecei a conversar com o Senhor como se estivesse fisicamente lá diante de mim. *“Jesus, meu Senhor e Salvador; Sim, acho que sim e digo-vos; Você é o rapaz que me fascinava, me seduziu e me levou! E aqui estamos longe de tudo, dizem que no deserto, e você quer abandonar-me? Diga-me que tu não es o Príncipe de todos os príncipes, diga-me que tu não es o objecto do meu amor, diga-me que tu não es mais fiel do que a própria fidelidade! Peço-te, venha em minha ajuda, faz-me sentir a tua presença forte, e faça que não haja nada no mundo que me afaste de ti.”* E garanto-vos que esta minha batalha que tinha começado; lentamente, a minha convicção cresceu e subiu de um nível para outro.

O que me atrai, me dá alegria e entusiasmo nesta vida: o mundo em que vivemos hoje é cheia de desafios. É um mundo de divertimento com suas seduções afectivas, um mundo materialista que faz elogiar o bem puramente material, um mundo do progresso tecnológico com as suas influências mídiaticas; um mundo que se revela finalmente anti-votos. Meu *segredo* é Cristo. Na verdade, a minha convicção é baseada neste versículo da Bíblia: Gal 2 : 20 *«Eu vivo, mas já não sou eu, mas Cristo quem vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim»*. Assim, a minha alegria e entusiasmo se baseia no conhecimento de que sou o objecto do amor de um Príncipe que me ama gratuitamente; no conhecimento de que Lhe pertencço inteiramente e particularmente; o facto de ter recebido dele a vocação missionária, que me abre a uma liberdade universal; tudo por Cristo, e tudo ao serviço dos meus semelhantes seres humanos; o facto de compartilhar a minha fé, a minha vida com pessoas de diferentes nações e culturas que eu não poderia imaginar.

Além disso, estou contente da minha vida religiosa que me leva à descobrir a presença de Deus, a sua ajuda e sua vontade através de suas mediações, ou seja, as minhas superiores, irmãs, amigos e conhecidos.

Além disso, a renovação diária do meu amor, do meu sim, da minha fidelidade, da minha gratidão pelo dom da vida, da minha vocação, de tudo o que faz na minha vida, sustenta a minha alegria nesta vida.

Como eu vejo o futuro da vida religiosa: Jesus diz-nos, “*Ninguém vem a mim, se o meu Pai, não o atrair*”. Sendo uma simples religiosa, não me preocupo muito com o futuro, porque pertence ao Senhor! A vida consagrada, o dom do carisma, a vocação, tudo é a iniciativa do Senhor; e a obra de Deus nunca morre, ela nasce no tempo sem nós e continuará no tempo sem nós. O que faço é tentar de estar disponível para acolher as Suas novidades, porque Deus suscita sempre no momento oportuno servos dignos de continuar a sua missão e sua vontade divina no mundo, na Igreja, especialmente em nossas congregações. Para mim, o futuro da vida religiosa é e continuará a ser, fidelidade à vocação, à chamada de Cristo e disponibilidade ao Espírito Santo; porque é ele que nos guia e nos indica a vontade divina.

Para vocês que sois responsáveis e autoridades, é certo que a questão do futuro é uma das vossas preocupações ao ver a crise vocacional, o declínio de forças no trabalho, as idades dos membros, a necessidade de fechar algumas comunidades, etc. . Mas garanto-vos, a obra de Deus nunca morre! Confiai nele, Ele agirá.

Conclusão: Eu estou feliz com a minha vida, e estou convencida. Portanto, a minha oração por todas as consagradas e todos os servos do Senhor é sempre: « *fazei Senhor que nada nos separa do seu amor misericordioso, nem a alegria, nem os sofrimentos, nem os serviços, nem as humilhações, nem as incompreensões, nem as indiferenças, nem as ingratidões, nem a pobreza, nem as riquezas deste mundo.* ” Obrigada.

Ir. Juliet Mousseau, RSCJ

Ir. Juliet Mousseau é uma religiosa do Sagrado Coração de Jesus. Ela estudou a história da teologia na Universidade Saint Louis, especializando-se na história da Igreja medieval. Ela alcançou um doutorado em 2006 e ensinou na Universidade de St. Louis e na Universidade de Dallas. Ela é Professora Associada de História da Igreja no Instituto Teológico de Aquino, em St. Louis, Missouri.

Original em Inglês

Sinto-me muito honrada de estar aqui, e tão feliz de dar testemunho da minha esperança e entusiasmo no presente e futuro da vida religiosa. Obrigada pela oportunidade!

Entre na minha Congregação apenas sete anos atrás, aos 30 anos. Eu nunca

sonhei em tornar-me uma irmã, mas depois de completar um programa de doutorado em teologia, comecei a sentir-me puxada nessa direção. Minha história é única, como todas as outras, mas as histórias de irmãs jovens compartilham alguns elementos comuns. Nos Estados Unidos (e suspeito que, em outros lugares), muitas irmãs jovens vêm à vida religiosa depois de tornarem-se independentes e de terem iniciado uma carreira. Muitas de nós não conhecemos muitas (ou mesmo nenhuma) Irmãs quando estávamos crescendo. Eu conhecia duas irmãs que ensinavam na minha pós-graduação, mas a maioria das pessoas religiosas que eu conhecia eram homens. A nossa cultura mudou-se muito porque os números mais altos de mulheres religiosas entraram nas congregações na década de 1950 de que é difícil de entender como as histórias de diferentes gerações se divergem.

No entanto, todas nós vimos com o desejo de algo mais, e todas nós viemos sabendo que Deus nos chamou para sermos irmãs e viver de uma maneira particular. A maioria das irmãs jovens que eu conheço são atraídas para a vida em comunidade, para a oração em comum, e muitas estão ardendo em chamas pela justiça social. É esta realidade de núcleo comum que me dá esperança para o futuro: Deus nos chama, e nós respondemos com todo o nosso coração. Embora os nossos números estão diminuindo, estamos aqui, chamadas por Deus para amar e servir o povo de Deus.

Quando me pediram para falar como parte deste painel, o tema da “solidariedade global” e a esperança para o futuro da vida religiosa falou-me primeiro das áreas onde eu encontrei companheirismo na vida religiosa, tanto na minha própria congregação como entre membros de outras ordens religiosas. Uma segunda área onde encontro esperança está na vivacidade ou na flexibilidade de números reduzidos, e na liberdade que vem do reduzir o nosso patrocínio de grandes instituições. E, finalmente, o Papa Francisco me oferece uma visão do que a vida religiosa deve ser sempre: um testemunho alegre e profético para o Espírito de Deus no mundo. Vou falar sobre cada uma dessas áreas separadamente: companheirismo e colaboração; a flexibilidade de Congregações mais pequenas; e a visão do papa Francisco para a vida religiosa.

Primeiro, eu encontro esperança, entusiasmo e apoio nos meus companheiros nesta jornada. Porque havia uma diferença entre mim e a última irmã que entrou antes de mim, muitas das minhas relações com os da minha mesma idade vêm de outras ordens religiosas. Uma fonte dessas amizades é *Giving Voice* (Dando Voz), uma organização de jovens religiosas (menos de 50 anos) provindas de uma variedade de congregações apostólicas. *Giving Voice* começou na década de 1990, a partir da base, quando as irmãs jovens começaram a perceber que precisavam de um fórum para compartilhar seus pensamentos sobre a vida religiosa. Uma das dificuldades de ter menos vozes jovens é que às vezes parece que as nossas vozes são abafadas pelas vozes das nossas irmãs mais velhas, que são muito mais numerosas. Então, algumas irmãs se reuniram para compartilhar suas experiências e *Giving Voice* cresceu mais além de suas reuniões.

Sendo parte de *Giving Voice* levou-me à algumas das minhas amizades mais

próximas na vida religiosa, com as mulheres perto de minha idade que tiveram experiências semelhantes de formação e de viver na realidade intra-geracional. Como um todo, *Giving Voice* representa a grande diversidade entre os jovens católicos e irmãs norte-americanas, incluindo algumas irmãs do Canadá e da América Latina. Embora diferentes, estamos unidas no nosso desejo comum de viver conforme a chamada de Deus para cada uma de nós e para ministrar de uma forma que contribui para o Reino de Deus, pelo qual ansiamos. Nós reconhecemos uma chamada comum dentro de umas e outras, e ainda assim cada uma de nós conservamos o nosso próprio carisma tão amorosamente que somos capazes de valorizar os carismas de umas e de outras, porque cada uma contribui de forma única para o todo comum.

Neste contexto de jovens religiosas, juntas, nós colaboramos e desenvolvemos habilidades de liderança. Em várias ocasiões, tenho trabalhado com outras irmãs para programar um retiro de fim de semana. Actualmente, estou no processo de trabalhar com uma irmã Franciscana em reunir 14 mulheres de diferentes congregações, etnias e visões da vida religiosa para colaborar em um livro. Juntas, e com o apoio financeiro da Fundação Conrad N. Hilton, vamos explorar a linguagem contemporânea para a vida das religiosas apostólicas.

Além do companheirismo de *Giving Voice*, eu encontro esperança em colaboração com outros religiosos e religiosas e leigos ministros. No meu ministério actual, eu, uma irmã do Sagrado Coração, ministro em uma escola de teologia dirigida por frades dominicanos, onde os outros membros do corpo docente, tanto homens como mulheres, são da vida religiosa, do clero diocesano, e leigos. Os nossos alunos reflectem a mesma diversidade, unidos no desejo de servir a Igreja. Eu aprendi a adoptar uma forma de espiritualidade Dominicana do Sagrado Coração, a fim de ensinar aqui! Esta colaboração entre os carismas me ajuda a entender quem eu sou como uma religiosa do Sagrado Coração e, ao mesmo tempo que oferece oportunidades para expressar os dons Dominicanos. Encontro-me a combinar o foco do Sagrado Coração em relações pessoais com a visão Dominicana de estudo contemplativo na busca da verdade.

Uma segunda área onde eu encontro esperança para o futuro da vida religiosa é na flexibilidade dos números reduzidos e no aumento do desprendimento de grandes instituições. Esta é talvez a realidade mais difícil de articular, porque é uma esperança misturada com profunda tristeza e aflição. Estamos cada vez mais livres das nossas instituições, que é tanto dolorosa para os membros e também nos liberta de uma carga material e financeira que já não é mais sustentável. Na vida religiosa, estamos a envelhecer rapidamente, as irmãs que estão vivendo vibrantemente nos seus 70 anos, em breve entrarão todas na reforma. Na medida em que nos diminuimos em número, acredito que nós vamos a tornar mais ágéis, mais capazes de abrir as mãos para deixar algumas das propriedades que nos agarram e as instituições que não podemos mais fazer funcionar. Isso irá encorajar-nos a procurar os dons dos leigos e das irmãs de outras congregações muito mais do que já estamos a fazer. Isso vai significar que lamentaremos muito ao longo dos

próximos anos, à medida que as irmãs que amamos vão fazer o seu caminho para à casa de Deus. Precisamos de cuidar-nos umas das outras neste sofrimento, especialmente dos nossos membros mais jovens que pode ser que não tenham os recursos internos para enfrentar um nível de dor que não é comum entre os leigos de suas idades.

Este tamanho pequeno vai significar que temos de tomar decisões deliberadas para viver em comunidade, e para unir-nos de forma particular. Eu tenho tais sentimentos mistos sobre esta imagem em rápida mudança, à medida em que a “bolha” das irmãs que entraram na década de 1950 e 60 alcançam e ultrapassam a idade da reforma (até mesmo idade de reforma duma irmã!). Nós temos o dom da sua sabedoria e o entusiasmo de sua chamada à vida religiosa. Nós nos beneficiamos pelas mudanças que elas tinham vivido e que permite que a vida religiosa seja vista de modo diferente por um mundo moderno. E na medida que elas vão deixando-nos, teremos a oportunidade de estar firme em nossos próprios pés, apoiadas pelas nossas tradições e nossos santos no céu, envolvendo-nos e mudando-nos dentro dum mundo que está constantemente transformando-se ao nosso redor. Não tenho a menor idéia de como será realmente o futuro, mas tenho grande esperança de que vamos ser suficientemente flexíveis e ao mesmo tempo suficientemente ancoradas em nossa tradição, para atender fielmente às chamadas do mundo.

Finalmente, eu encontro esperança na pessoa do Papa Francisco. Ele convida-nos à ser alegres, à estar nas periferias, à ser proféticas na forma de como vivemos. Este é o presente e o futuro da vida religiosa. O nosso mundo precisa desesperadamente do testemunho profético que a vida religiosa oferece. Enquanto o nosso mundo agarra-se ao individualismo, nós vivemos em comunidades de conexão profunda e permanente. Enquanto o mundo em torno de nós sucumbe ao comercialismo que promove o consumo à níveis sem precedentes, nós nos comprometemos à pobreza voluntária, em solidariedade com aqueles que são verdadeiramente pobres. Em um mundo que teme o compromisso e a permanência, nós fazemos votos à Deus que nos coloca em relação perpétua umas com as outras. Enquanto o nosso mundo ignora as necessidades das pessoas que são pobres e do nosso meio ambiente, a fim de atender aos ricos e poderosos, nós testemunhamos e defendemos uma relação justa com a terra e com todos os povos que vivem nela. O nosso mundo está cada vez mais secular, e nós oferecemos um modo diferente de ser — estamos no mundo, em contacto com suas necessidades, e ainda assim nós compartilhamos a nossa fé em Jesus Cristo e uma relação profunda com Deus. Nós temos algo que o mundo agora anseia: propósito, conexão e amor incondicional. Enquanto os outros talvez possam sentirem-se vazios, nós oferecemos profundidade de sentido e uma vida de integridade.

Eu não vejo uma crise de vocações à vida religiosa, e não vejo pequenos números como um “problema”. Sim, há menos mulheres que vêm às nossas portas, mas, ao mesmo tempo, estamos aqui. Nós tínhamos escolhido um caminho que é diferente da maioria dos nossos semelhantes, e chegamos às nossas congregações prontas para rezar juntas, para trabalhar forte e ministrar em situações desafiadoras.

Admiro as mulheres que estão ao meu lado na vida religiosa hoje, e adoro ser capaz de colaborar com elas no ministério, na oração e na conversa. O presente é o futuro! Estamos aqui —e vamos testemunhar o amor que Deus tem para o mundo.

Ir. Magdalena Winghofer, CJ

Ir. Magdalena Winghofer vem da Alemanha. Em 2007 ela entrou na Congregação de Jesus, uma congregação inaciana com as Constituições de Santo Inácio, fundada por Mary Ward, no início do século 17. No ano passado, em Setembro ela celebrou os seus votos finais. Ela estudou teologia e está fazendo um trabalho de pastoral num nível paroquial. Lá, ela está trabalhando especialmente com os jovens.

Original em Alemão

Queridas Irmãs,

Primeiro de tudo muito obrigada por este generoso convite para eu vir e dirigir-me à vocês. Obrigada pelo vosso interesse nos pensamentos de uma jovem irmã da Alemanha.

O que me atrai para a vida religiosa, agora e no futuro? A minha resposta pessoal em apenas uma frase: o que me atrai é “*A radical liberdade para confiar totalmente em Deus.*”

Gostaria de responder à pergunta, apresentando três aspectos, tendo em vista o que pode significar para as nossas comunidades.

Um primeiro aspecto: A libertação do estar à circular em torno de si mesmas.

O que me atrai para a vida religiosa não é alguma coisa, mas alguém. Em última análise, eu não tornei-me uma religiosa porque encontrei a vida religiosa como algo atraente, mas porque fui atraída *por Deus*.

Isso pode soar piedoso ou auto-evidente, mas eu penso que não é de todo fácil, se levarmos realmente a sério.

Então isso significa: que Deus é o princípio e a justificação duradoura da vida religiosa. Cabe a Deus, se e como a vida religiosa será no futuro, e não precisamos de preocupar-nos indevidamente sobre isso.

A diminuição do número de pessoas, que entram alterando contextos sociais, deslocando tarefas, pode levar à pergunta sobre a identidade pessoal de cada uma e o futuro, ou também procuram as causas e os culpados: a si mesmo, a sociedade de hoje, e os jovens de hoje.

Em alguns lugares, esse tipo de questionamento pode ser que seja apropriada, mas eu acredito que também pode tornar-se uma tentação. A tentação de, ou ser pessimista-depressiva e desistir, ou tornar-se desesperadamente activa. E no processo de não notar como o nosso ponto de vista tem mudado lentamente de direcção e tornou-se concentrado em nós mesmas: portanto, o que importa é *o nosso*

futuro, *a nossa sobrevivência, a nossa identidade, as nossas acções*, estamos girando em torno de nós mesmas.

Mas Deus é o Senhor de nossas vidas, isso significa que podemos estar livres de circular-nos em torno de nós mesmas e caminhar para o futuro com a cabeça erguida, confiantes e relaxadas, mesmo que não estaremos mais lá.

Um segundo aspecto: A liberdade de assumir riscos.

I não tornei-me uma religiosa para ter uma vida confortável e segura. Isso eu poderia ter tido. Mas não foi o suficiente para mim. Não é suficiente para mim, viver só para mim. Na vida religiosa é absolutamente essencial para mim tornar-me disponível para um maior projecto para o mais grande projecto que existe, isto é: o projecto de Deus.

Às vezes ouço as pessoas dizerem quando olham para uma Irmã mais velha: que não se pode mais esperar isso dela. Espero que essas frases não sejam uma vez ditas sobre mim também. Porque eu quero ser tomada a sério no que eu prometi, até o fim da minha vida. Porque, eu era realmente séria.

Há, talvez, frases ousadas, especialmente considerando o rápido que isso seja ouvido também pela minha Superiora Geral. Mas para mim isso pertence essencialmente ao que me atrai para a vida religiosa: essa enorme liberdade, porque eu tenho entregado toda a minha vida para Deus. Em última análise, não tenho nada, somente Ele, e é por isso mesmo que eu não possuo nada à perder.

Esta liberdade, penso eu, que não é só para mim ou nós como indivíduos. Aplica-se igualmente para as nossas comunidades.

Eu sonho que nós, como Religiosas, em vistas do futuro, seremos mais corajosas, mais loucas, mais dispostas para assumir riscos. Que vamos colocar em risco as nossas seguridades, também os nossos valores financeiros, e a nossa posição, também na Igreja. Não é minha intenção de destruir especificamente tudo isso; mas eu não quero ver-nos ser apegadas à isso. O que pode acontecer connosco? Talvez vamos perder nossas protecções e seguranças financeiras e outros. Talvez nós seremos realmente pobres. Talvez perderemos a nossa influência social e status. Talvez chegemos a entrar em conflito com a hierarquia da Igreja. Talvez ... Sim, e daí que?

Quem, se não nós, deveríamos ter essa liberdade para realmente abandonar tudo para servir à Deus e ao povo de Deus?

Um terceiro aspecto: A liberdade de ser.

Estou convencida de que nós, como mulheres religiosas, temos muito à dar para as pessoas e para o mundo. E, na verdade muito mais do que todos os inúmeros serviços e trabalhos que fazemos. Caso contrário, privariamos as pessoas da coisa mais importante: a nossa própria pessoa, o nosso ser e o que vivemos como pessoas consagradas.

Talvez nós mesmas não apreciámo-lo o suficiente. Os jovens especialmente têm ensinado-me isso: eles não precisam das minhas obras, mas do meu ser, do meu ser Religiosa. Este ser tem a mensagem para eles, que uma vida significativa e

repleta é possível. Isso mostra que, entre todas as inúmeras possibilidades e incertezas, existe um modelo de vida, que tem passado por muitas provas e que com sucesso viveu por muitos séculos. Isso oferece-lhes a oportunidade de abordar as questões sobre o sentido da vida, dos valores e das prioridades. Acima de tudo, o meu ser dá-lhes uma mensagem sobre a liberdade: o valor e a alegria de viver não dependem de conquistas, do poder, do dinheiro, do sucesso, etc.

Eu acredito: que a vida religiosa não *deve ser* uma alternativa; é uma forma alternativa de vida. Em momentos diferentes e em lugares diferentes, existem diferentes aspectos que interessam e atraem as pessoas. Eles são o espelho da situação e dos apuros das pessoas que vivem ao nosso redor. Desta forma, as pessoas nos “dizem” o que eles precisam de nós.

Na Alemanha, neste momento, por exemplo, as pessoas me perguntam muito sobre a vida de comunidade. E penso que isso reflecte a necessidade e o anseio da nossa sociedade. A questão é se isso realmente existe; e se a verdadeira comunidade ou comunhão pode ser alcançada: em conviver numa relação de vinculação. Em verdadeiramente compartilhar vida e fé e de permanecer juntas, embora existam certas dificuldades. Nós carregamos uns aos outros com misericórdia em vez de permitir que as nossas relações, sejam determinadas pela pressão de perfeccionismo, também. Eu penso que é um mandato para nós de dar uma resposta à isso e dar vida à resposta.

Eu sonho que, em vista do futuro, nós mesmas encontraremos a liberdade de acreditar: o nosso ser Religioso é o serviço mais importante que podemos dar. Portanto, não devemos ser apegadas às nossas obras ou certas actividades. Tudo o que precisamos é a nós mesmos.

O que me atrai para a vida religiosa, agora e no futuro?

É a visão de caminhar para o futuro com a bagagem ligeira:

- Livres de todas as preocupações sobre nós mesmas e o nosso futuro.
- Ousadas e imperturbáveis e comprometidas de todo o coração.
- Dando testemunho através do nosso ser sobre a liberdade radical, que vem do confiar totalmente em Deus.

Ir. Marie Désirée Carvalho, SMR

Ir Marie Désirée, é da Costa do Marfim, é religiosa da Congregação das Servas de Maria Reparadora. Ela exerce o seu apostolado na Costa do Marfim. Neste momento ela está na Itália para participar na formação de preparação para os votos perpétuos.

Original em Francês

Agradeço às responsáveis da União Internacional das Superiores Gerais que me convidaram e estimularam a compartilhar um pouco do meu ponto de vista da minha curta experiência na vida religiosa.

Em primeiro lugar, gostaria de partir desde a concepção da mulher e do seu papel em nossas diferentes sociedades africanas. Geralmente, a mulher Africana

é colocada em segundo lugar depois do homem, mas no fundo, ela joga um papel fundamental que a eleva à um nível superior. A mulher dá a vida e acompanha-a até o fim. Do ponto de vista religioso (tradicional e cristã), podemos dizer que a mulher participa na obra da criação, associada e escolhida pela divindade tradicional e da mesma maneira escolhida por Deus para ser a mãe dos vivos, (como diz-nos o livro de Gênesis) e mãe de Deus e de toda a humanidade (como consta nos Evangelhos).

Dito isto, estou feliz de ser uma mulher, e de ser Africana. Minha vida consagrada encontra o seu significado neste contexto onde senti a chamada de tornar-me ainda mais mulher para Deus e para os meus irmãos e irmãs, chamada a dar a vida que recebi de uma maneira cada vez mais ampla.

Hoje, sinto uma profunda alegria de pertencer a uma família mais alargada, a família da vida religiosa, não só para a minha congregação e minha família de sangue, mas para todas as pessoas que encontro no meu caminho, na minha vida inteira, as pessoas que esperam de mim, um sinal de vida.

Sinto que a alegria da vida religiosa para mim hoje pode-se traduzir em uma palavra de duplo movimento: *abertura* : por uma parte receber e dar por outra dar e receber. Eu recebi do Senhor o dom da minha Congregação e eu estou disponível para dar-Lhe tudo o que tenho e o que sou. No mesmo movimento, continuo a possuir a vida para dar aos outros e abrir-me para receber dos outros.

Hoje tenho o prazer de pensar na vida religiosa em termos de «*dom*».

Receber e dar, assim sempre se renova e se consolida, como o jarro da viúva de Sarepta (1 Reis 17:14). Eu vejo a vida consagrada como um bem que nunca se seca jamais, porque possui a Fonte, que nunca jamais se secará.

Sim, a vida religiosa é um dom que nós, na África, recebemos dos nossos predecessores missionários do Ocidente que eu gostaria de agradecer nesta sessão. Na minha caminhada vocacional, fui recebida e acolhida pelas Africanas mais velhas que acompanharam a minha formação. Eu agradeço profundamente a minha Congregação que me permitiu encontrar e incarnar os valores fundamentais da minha cultura através do serviço, da devoção à Virgem Maria, da reparação e da comunhão fraternal.

A vida religiosa hoje está experimentando momentos de crise, pois está inserida em um mundo em crise. A crise da família em nossas comunidades africanas não é apenas uma crise econômica, mas uma crise do valor da família que, especialmente nas áreas urbanas, os pais estão tornando-se cada vez mais ausente na educação dos filhos. Nos nossos aposolados nós encontramos com jovens e crianças que os pais, são mais ausentes nas suas vidas. Esta realidade interpela a vida religiosa para uma nova forma de presença na vida das nossas famílias.

A vida religiosa é uma palavra de Deus; é uma expressão do coração de Deus para a humanidade e meu sonho é que, na África, especialmente como um lugar de florescimento vocacional, as religiosas, como mulheres, que possam ser formadas para superar este estilo de vida que eventualmente cria algumas barreiras na vida consagrada. Que as religiosas possam deixar-se incomodar pelos jovens, pelas famílias em crise, pelos procuradores de Deus, pelas pessoas desesperadas, e também

por aqueles que pensam que eles já têm alcançado o ponto de não precisar mais de ninguém.

Algumas vezes, sinto-me desolada na frente do jargão religioso “foi sempre assim! Foi sempre assim!” Sinto como que é uma barreira que contradiz a nossa consagração, ao apelo de adaptar-nos à evolução do nosso mundo, para poder sempre dizer algo forte.

Eu sonho por uma vida religiosa no futuro, aberta, que se deixa perturbar pelas mulheres e pelos homens à imagem de Deus.

Deus apela às religiosas, hoje e amanhã para dar a vida, e não podemos dar a vida se fecharmos (permitam-me a expressão) o nosso «ventre» para os outros, é dizer, se nos recusamos a fazer frutificar os talentos depositados em nós por Deus pelos outros.

A nossa maternidade e a nossa fertilidade precisa estar aberta à um futuro benevolente para mulheres e homens, jovens e crianças que estão ao nosso redor...

Normalmente nós entramos na vida religiosa, como mulheres adultas, todos capazes de dar a vida, de desenvolver a família, mas às vezes, depois disso, as nossas casas de formação e as nossas comunidades, parecem convidar-nos a tornar-nos meninas pequenas! Este é evangelizar no futuro para empurrar em direção de um maior sentido de responsabilidade partilhada. Somos mulheres! Somos mães! E não crianças!

Eu sonho, eu diria ainda, por muito mais inculturação dos nossos vários carismas que precisam de ser vividas em forma Africana, para fazer conhecer melhor à Deus e oferecê-Lo à uma pessoa da Africa de hoje, para ser mais *profética*. Sabendo manter a essência de nossas famílias religiosas, não tenhamos medo de sacudir nossos costumes, nossas vidas e nossos programas comunitários. Obrigada.

Crescimento das Congregações Religiosas Femininas Chinêsas Agora e Futuro

Ir. Teresa YU, MSCJ

Ir. Teresa YU é uma Religiosa das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, na diocese de Wenzhou, na China. Sua Congregação de direito diocesano, foi estabelecida em 1991. Actualmente têm 50 irmãs, 4 noviças e 2 postulantes. Irmã Teresa é vice-superiora geral e responsável pela formação das noviças.

Original em Chinês

1. Frutos do Crescimento

De dormir para reviver, de germinação para formar

No início de 1980, a Igreja na China tinha sofrido muito com a perseguição religiosa durante cerca de 30 anos. A Igreja chinesa começou em cima de um monte de miseráveis ruínas e o trabalho difícil e árduo de reconstrução. Como um grande

número de evangelizadores eram urgentemente necessitados, pôde-se observar muitas e tantas Congregações religiosas femininas subindo e crescendo rapidamente. De acordo com estatísticas preliminares, a China tem cerca de 60 Congregações religiosas femininas legais com cerca de 3000 irmãs, e 30 Congregações subterrâneas com 2000 irmãs. Quase a metade das Congregações foram fundadas antes da libertação da China (1949), revivendo entre 1980 e 1990. E as demais Congregações também foram estabelecidas neste período. Actualmente, quase todas as dioceses na China têm Congregações religiosas femininas. O maior número de membros numa Congregação é de cerca de 300 irmãs, e o menor é inferior a 10 irmãs.

Gradualmente iniciando um caminho de formação integral

A formação de uma Congregação irá salvar e guardar o crescimento de uma Congregação para à maturidade. Nos últimos dez anos, o caminho da formação teve uma grande mudança da ignorância sobre a natureza humana e devoção excessiva, para à espiritualidade, para à compreensão da natureza humana e centrando-se na integração física, psicológica e espiritual. As irmãs aprenderam muito com a sua valiosa experiência que foi adquirida pelo facto de serem feridas e curadas, e perceberam o verdadeiro sentido do crescimento. Elas começaram a tocar a natureza humana, a compreender a importância da personalidade madura, e vieram a saber que a formação deve ser baseada na verdadeira natureza humana, ser apoiada e protegida, passo a passo, crescer integralmente, de modo a atingir a meta de internalização dos valores evangelicos. Hoje em dia quase todas as Congregações religiosas estão crescendo num movimento de integração física-psicológica-espiritual, participando na direcção espiritual, cursos integrados, workshop espiritual de Tai Chi, retiros e formação de formadores etc. As religiosas estão conscientes da importância da formação, e já começaram a rever os programas de formação e melhorar as Constituições das Congregações.

Diversidade na evangelização

Como é do conhecimento de todos, a China de hoje não é a mesma do antes. A sua economia é dramaticamente desenvolvida com excessiva-expansão na vida material, mas seguido por muitos efeitos colaterais — como a deficiência de espírito, o coração vazio e solitário, os valores distorcidos. Para atender às necessidades do presente, discernir os sinais da época, as irmãs adoptaram a diversidade na evangelização, as abordagens tradicionais cultivadas pela Igreja podem ser aplicadas: Catecumenado, escola dominical, música de igreja, partilha da Bíblia e ensinamento da catequese, etc. Algumas irmãs tomam conta dos serviços sociais, saindo da Igreja para à sociedade e possibilitar a sociedade de compreender a Igreja. As irmãs estão na frente do serviço de caridade social, na criação de orfanatos, asilos, hospital para crianças com deficiência mental, estação de serviço da lepra e de atendimento do AIDS, etc. Além disso, os serviços especiais são projectados para as necessidades da sociedade nos dias de hoje, como são o aconselhamento matrimonial, acompanhamento espiritual, serviço pastoral nos hospitais, visitas às famílias, etc., ouvindo e acompanhando às pessoas que

sofrem fisicamente e espiritualmente são especialmente populares e acolhidas. Quando aparece o sorriso e o poder da vida é recuperado durante cada empresa, as irmãs sentem-se como o bom Samaritano, que estão curando as pessoas que sofrem de dor e pressão. Agora, mais de metade das irmãs na China já receberam o curso de acompanhamento espiritual. Nos últimos anos, a espiritualidade de Tai Chi é amplamente popularizada pelas irmãs. É um método de oração que combina psicologia, espiritualidade da Igreja Católica e cultura chinesa de Tai Chi e Yin Yang. Milhares de Irmãs e Sacerdotes participaram do treinamento, e todos eles têm sido muito beneficiados com isso. Os centros de retiro, centros espirituais, centros de pastoral, centros de formação de jovens, são especialmente apreciados pelos sacerdotes, irmãs e leigos. Muitos centros estão procurando e treinando um grande número de assistentes competentes e qualificados. Eles esperam fortemente que todos nós contribuamos com o nosso apoio pessoal e material, dar generosamente e ajudar a Igreja necessitada de China.

Maior consciência de comunhão

Nos últimos anos, as mentes das pessoas estão gradualmente abrindo-se, experimentando a importância da comunhão e do desenvolvimento. As comunidades legais e subterrâneas na Igreja chinesa são relativamente harmoniosas. Enquanto o contacto da Igreja local e do estrangeiro tornam-se mais frequentes, especialmente as irmãs de ambas as comunidades, muitas vezes participam em várias actividades de formação e, sua amizade aumenta-se gradualmente. Além disso, ambas as comunidades têm próprias Conferências das Superiores Maiores, que organizam actividades de cada ano, fornecendo plataformas de comunicação e compartilhamento de recursos; e aprendendo umas com as outras. O desenvolvimento harmonioso entre elas é óbvio para todas nós. Além disso, na medida em que sacerdotes e irmãs terminam os seus estudos no estrangeiro e retornam à casa, os seus contactos tinham também promovido o entendimento e comunicação entre os sacerdotes e irmãs chineses no interno do país. Além disso, hoje em dia, como os meios de comunicação de rede têm-se desenvolvido rapidamente com informações espalhando de forma mais conveniente, a comunicação interactiva entre as pessoas já não é uma tarefa difícil. Portanto, como as comunicações têm aumentado, as pessoas têm vindo a conhecer-se melhor umas as outras, os mal-entendidos foram gradualmente eliminados, a confiança foi adquirida, o futuro brilhante está mesmo à frente. Além das questões focais de princípio, a comunicação humana, o respeito mútuo, a comunhão e o amor estão melhorando dia a dia.

Aumentando o número de professores e instituições de formação

Graças ao apoio da Igreja no exterior, aos Sacerdotes e às irmãs que estudaram no estrangeiro e voltaram para casa, a Igreja chinesa tornou-se mais vital. Sacerdotes e Irmãs retornados servem principalmente em alguns campos importantes, como a gestão, a formação, com alguns que ensinam Filosofia e Teologia nos Seminários, e outros que se dedicam a criação de centros de formação. Felizmente, as Irmãs tinham quebrado o estereótipo — servem apenas

aos Sacerdotes e aos Bispos, em vez disso, começam a ensinar, a criar centros de formação, e até mesmo ir no fundo da sociedade para vencer a grande aceitação da sociedade.

2. As Expectativas Futuras

Vigorosamente fortalecer a formação

A formação é a chave para o desenvolvimento da Igreja. Uma educação orientada para as pessoas é o trabalho essencial e missão da igreja, com o objetivo de cultivar talentos holísticos, espirituais, intelectuais, filosóficos, teológicos e profissionais. Confrontado com a complexidade e os desafios da China desta era, a formação continua a ser uma tarefa longa e árdua. Além disso, existem muitos limites na nossa formação, como o indevido uso e distribuição de talentos e perda de talentos, o que é realmente angustiante e para lamentar-se. Penso eu, que a direção principal da formação de futuro, deve ser o de como usar eficazmente os talentos com o esforço de todos.

Sabemos que Igreja na China está passando por um momento incomum, ineficiência em exercer o poder de líderes, o impacto da globalização e da secularização, e contemporâneo problema de “Nova Cultura” na China. Para lidar com esses problemas, a formação é um passo crucial porque quando a qualidade das pessoas aumenta, os problemas serão gradualmente aliviados e resolvidos. Embora já tenhamos percebido a importância da formação inicial, a formação de formadoras é o cerne da questão. Como o ditado Chinês diz: “A viagem de mil milhas começa com um único passo”. Em cada campo, a prioridade no futuro deve ser a formação de uma equipe que estão equipados com personalidades maduras, com sólida espiritualidade, com excelente conhecimento profissional e com formadores competentes.

Cooperação interna e no estrangeiro

Devemos promover a comunicação entre as congregações religiosas, enriquecer os recursos humanos, ampliar áreas de cooperação, como a formação, evangelização, caridade, gestão, etc. Uma vez que a vocação religiosa não é o ideal agora, se diferentes congregações juntam-se para a formação inicial realizando juntas determinados cursos, é uma maneira para reunir recursos e poupar professores. Se a caridade se unifica, não é só propício para evangelizar, mas para aumentar a influência na sociedade. Em alguns lugares com boas condições (na verdade, podemos esforçar-nos por algumas condições), podemos também designar irmãs no estrangeiro para se comunicarem com as comunidades de carisma similar a fim de adquirir experiência de vida religiosa em nome da amizade e do desenvolvimento mútuo. As características das Congregações na China é que são muitos os números de Congregações, e menos irmãs em cada Congregação; a idade jovem e fundamento fraco; ampla distribuição e grande potencial para se desenvolver. Enquanto que as Congregações religiosas ultramarinos têm história longa, rica em recursos, carisma abundante e força poderosa, mas os membros são relativamente mais velhos e têm

menos vocação. Se as Congregações locais e do estrangeiro se complementassem umas às outras, isto não só irá beneficiar o trabalho evangelizador e as pequenas comunidades, mas também seria uma grande ajuda para as Igrejas universais.

Precisando de afirmação da Congregação religiosa

Uma Congregação religiosa católica é um presente do Espírito Santo, com o objectivo de servir a Igreja universal. Na China, a maioria das Congregações são de direito diocesanas, e imperceptivelmente formam uma vaga relação entre a Diocese e a Congregação, sem uma identidade clara, o que afecta a gestão normal e operação financeira da Congregação religiosa. Além disso, mais da metade das Congregações foram erguidas após a libertação da China, algumas já aprovadas pelos seus Bispos, por escrito, ao passo que outros não, é claro, e elas ainda não têm aprovação pela Santa Sé. Elas parecem ser um grupo de trabalhadores baratos - não identificados. Quando a relação com a Diocese se torna tensa, elas provavelmente poderiam ser demitidas. Estamos ansiosas de obter afirmação pela nossa identidade como Irmã; sinceramente, esperando de poder viver a essência da Vida Consagrada que é ser leal à Cristo, e servir fielmente à Igreja Universal.

As nossas expectativas precisam dos esforços de Igreja chinesa e necessitamos o encorajamento e apoio da Igreja universal que sempre se preocupa pela Igreja chinesa. Juntos vamos à construir e realizar o “Sonho de Cristo” e o “sonho da China”.

AUDIÊNCIA DO PAPA FRANCISCO COM A UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS

Quinta-feira, 12 de Maio de 2016, na Sala Paulo VI, o Santo Padre Francisco encontrou-se com as participantes na Plenária da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), realizada em Roma, com o tema: “Tecendo a Solidariedade Global para a Vida” e programada no encerramento das celebrações jubilares para o 50º aniversário da UISG.

O encontro do Santo Padre com as Superiores Gerais - mais de oitocentos, vindas de todas as partes do mundo - transcorreu-se em forma de diálogo. A seguir relatamos a transcrição do colóquio publicada na versão original em Italiano e na tradução Inglesa pelo Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé no dia 13 de Maio de 2016.

Original em Italiano

Colóquio com Santo Padre

Primeira pergunta

Para uma melhor inserção das mulheres na vida da Igreja

Papa Francisco, Vossa Santidade disse que «o génio feminino é necessário em todas as expressões da vida da Igreja e da sociedade», e contudo as mulheres são excluídas dos processos decisórios na Igreja, sobretudo nos níveis mais altos, e da pregação na Eucaristia. Um importante impedimento ao abraço pleno da Igreja ao «génio feminino» é o vínculo que tanto os processos decisórios como a pregação têm com a ordenação sacerdotal. Vossa Santidade vê um modo para separar da ordenação os papéis da liderança e a pregação na Eucaristia, de modo que a nossa Igreja possa ser mais aberta a receber o génio das mulheres, num futuro muito próximo?

Papa Francisco

Neste ponto há várias coisas que devemos distinguir. A pergunta relaciona-se com a funcionalidade, está muito ligada à funcionalidade, enquanto que o papel da mulher vai além. Mas eu agora respondo à pergunta, depois falamos ... Vi que há outras perguntas que vão além.

É verdade que as mulheres são excluídas dos processos decisórios na Igreja: não excluídas, mas é muito frágil a inserção das mulheres ali, nos processos decisórios. Devemos avançar. Por exemplo — deveras eu não vejo dificuldades —

penso que no Pontifício Conselho Justiça e Paz a responsável pela secretaria é uma mulher, uma religiosa. Foi proposta uma outra e eu nomeei-a, mas ela não aceitou, porque tinha que ir para outro lado a fim de desempenhar trabalhos da sua Congregação. Deve-se ir além, porque em tantos aspectos dos processos decisórios não é necessária a ordenação. Não é necessária. Na reforma da Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, a propósito dos Dicastérios, quando não há a jurisdição que vem da ordenação — ou seja, a jurisdição pastoral — não se vê escrito que pode ser uma mulher, não sei se chefe de dicastério, não me recordo, mas... Por exemplo para os migrantes: no dicastério para os migrantes poderia ser uma mulher. E quando há necessidade — agora que os migrantes entram num dicastério — da jurisdição, é o Prefeito quem dá esta autorização. Mas no respeitante à normal administração pode ser, na execução do processo decisório. Para mim é muito importante a elaboração das decisões: não só a execução, mas também a elaboração, ou seja, que as mulheres, tanto consagradas como leigas, entrem na reflexão do processo e no debate. Porque a mulher encara a vida com um olhar próprio e nós homens não podemos vê-la assim. É o modo de ver um problema, de considerar qualquer outra coisa, que a mulher vê de maneira diferente do homem. Devem ser complementares, e nas consultas é importante que haja mulheres.

Em Buenos Aires tive a experiência de uma problemática: analisando-a com o Conselho presbiteral — portanto só homens — parecia estar bem tratada; depois, revendo-a com um grupo de mulheres religiosas e leigas enriqueceu-se tanto, tanto, e a decisão foi favorecida com uma visão complementar. É necessário, isto é necessário! E penso que devemos avançar, depois sobre isto o processo decisório verá.

Depois, a questão da pregação na Celebração Eucarística. Não há problema algum que uma mulher — uma religiosa ou uma leiga — faça a pregação numa Liturgia da Palavra. Não há problema algum. Mas na Celebração Eucarística há um problema litúrgico-dogmático, porque a celebração é uma — a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, é uma unidade — e Aquele que lhe preside é Jesus Cristo. O sacerdote ou o bispo preside em nome de Jesus Cristo. Trata-se de uma realidade teológico-litúrgica. Naquela situação, não havendo a ordenação das mulheres, elas não podem presidir. Mas pode-se estudar mais e explicar melhor o que muito veloz e um pouco simplesmente eu disse agora.

Ao contrário, na *leadership* não há problemas: nisso devemos avançar, com prudência, mas procurando soluções...

Aqui há duas tentações, das quais nos devemos precaver.

A primeira é o feminismo: o papel da mulher na Igreja não é feminismo, é direito! É um direito de batizada com os carismas e os dons que o Espírito concedeu. Não se deve cair no feminismo, porque isto reduziria a importância da mulher. Eu não vejo, neste momento, um grande perigo em relação a isto entre as religiosas. Não o vejo. Talvez outrora, mas em geral não há.

Outro perigo, que é uma tentação muito forte e falei dele várias vezes, é o

clericalismo. E isto é muito forte. Pensemos que hoje mais de 60 por cento das paróquias — das dioceses não sei, talvez um pouco menos — não têm o Conselho para os Assuntos Económicos nem o Conselho Pastoral. Que significa isso? Que aquela paróquia ou diocese é guiada com um espírito clerical, só pelo sacerdote, que não concretiza aquela sinodalidade paroquial, ou diocesana, a qual não é uma novidade deste Papa. Não! Está no Direito Canónico, é uma obrigação que o pároco tem de dispor de um conselho de leigos, para e com os leigos, leigas e religiosas, relativo à pastoral e aos assuntos económicos. E não fazem isto. Eis o perigo do clericalismo hoje na Igreja. Devemos avançar e eliminar este perigo, porque o sacerdote é um servo da comunidade, o bispo é um servo da comunidade, não é o chefe de uma empresa. Não! Isto é importante. Na América Latina, por exemplo, o clericalismo é muito forte, muito marcado. Os leigos não sabem o que fazer, se não perguntam ao sacerdote ... É muito forte. E por isso a consciencialização do papel dos leigos na América Latina está muito atrasada. Salvou-se um pouco disto unicamente na piedade popular: porque o protagonista é o povo e o povo fez as coisas como calhava; e aos sacerdotes, este aspecto não interessava muito, e havia quem não encarava de bom grado este fenómeno da piedade popular. Mas o clericalismo é uma atitude negativa. E é cúmplice, porque se realiza a dois, como o tango, que se dança a dois... Ou seja: o sacerdote que deseja clericalizar o leigo, a leiga, o religioso e a religiosa; o leigo que pede por favor para ser clericalizado, porque é mais cómodo. Isto é curioso. Eu, em Buenos Aires, tive esta experiência três ou quatro vezes: um bom pároco, que veio ter comigo e disse-me “Sabe, eu tenho um leigo muito bom na paróquia: faz isto e aquilo, sabe organizar, é muito activo, é deveras um homem de valor... Vamos fazê-lo diácono?”. Ou seja: “clericalizemo-lo?”. “Não! Deixa que permaneça leigo. Não o faças diácono”. Isto é importante. A vós acontece isto, que o clericalismo muitas vezes impede-vos no desenvolvimento lícito das coisas.

Eu pedirei — e talvez o faça chegar à Presidente — à Congregação para o Culto Divino que explique bem, de maneira aprofundada, o que disse um pouco superficialmente sobre a pregação na Celebração Eucarística. Porque não tenho a teologia nem a clareza suficientes para o explicar agora. Mas é preciso distinguir bem: uma coisa é a pregação numa Liturgia da Palavra, e isto pode-se fazer; outra coisa é a Celebração Eucarística, aqui há outro mistério. É o Mistério de Cristo presente e o sacerdote ou o bispo que celebram *in persona Christi*.

No respeitante à *leadership* é claro ... Sim, penso que esta pode ser a minha resposta em geral à primeira pergunta. Vejamos a segunda.

Segunda pergunta

O papel das mulheres consagradas na Igreja

As mulheres consagradas já trabalham tanto com os pobres e com os marginalizados, ensinam a catequese, acompanham os doentes e os moribundos, distribuem a comunhão, em muitos Países guiam as orações comuns na ausência

de sacerdotes e naquelas circunstâncias pronunciam a homilia. Na Igreja há o cargo do diaconado permanente, mas está aberto só aos homens, casados ou não. O que impede a Igreja de incluir as mulheres entre os diáconos permanentes, precisamente como aconteceu na Igreja primitiva? Por que não constituir uma comissão oficial que possa estudar a questão? Pode dar alguns exemplos de onde Vossa Santidade vê a possibilidade de uma melhor inserção das mulheres e das mulheres consagradas na vida da Igreja?

Papa Francisco

Esta pergunta vai no sentido do “fazer”: as mulheres consagradas já trabalham tanto com os pobres, fazem muitas coisas... no “fazer”. E aborda o problema do diaconado permanente. Alguém poderia dizer que as “diaconisas permanentes” na vida da Igreja são as sogras [ri, riem]. Com efeito, havia isto na antiguidade: havia um início... Eu recorro que era um tema que me interessava bastante quando vinha a Roma para as reuniões e alojava na Domus Paulo VI; vivia ali um teólogo sírio, bom, que fez a edição crítica e a tradução dos Hinos de Efrém, o Sírio. E certa vez perguntei-lhe acerca disto, e ele explicou-me que nos primeiros tempos da Igreja havia algumas “diaconisas”. Mas o que são estas diaconisas? Eram ordenadas ou não? Disto fala o Concílio de Calcedónia (451), mas não é muito claro. Qual era o papel das diaconisas naqueles tempos? Parece — disse-me aquele homem, que já faleceu, era um ótimo professor, sábio, erudito — parece que o papel das diaconisas era ajudar no batismo das mulheres, para a imersão, eram elas que as batizavam, para o decoro, também para fazer a unção sobre o corpo das mulheres, no batismo. E até uma coisa curiosa: quando havia um juízo matrimonial porque o marido tratava mal a esposa e ela ia lamentar-se com o bispo, as diaconisas eram encarregadas de ver as marcas deixadas no corpo da mulher pelas pancadas do marido e informar o bispo. Recordo isto. Há algumas publicações sobre o diaconado na Igreja, mas não é claro como aconteceu. Penso que pedirei à Congregação para a Doutrina da Fé que me refira acerca dos estudos sobre este tema, porque eu vos respondi apenas com base no que ouvi deste sacerdote que era um pesquisador erudito e válido, sobre o diaconado permanente. E além disso, gostaria de constituir uma comissão oficial que possa estudar a questão: penso que fará bem à Igreja esclarecer este aspecto; concordo, e falarei para realizar uma coisa deste género.

Depois dizeis: “Estamos de acordo com Vossa Santidade, que várias vezes apresentou a necessidade de um papel mais incisivo das mulheres nas posições decisórias na Igreja”. Isto é claro. “Pode dar-nos algum exemplo de onde Você vê a possibilidade de uma melhor inserção das mulheres e das mulheres consagradas na vida da Igreja?”. Direi uma coisa que vem a seguir, porque sei que há uma pergunta geral. Nas consultas da Congregação para os Religiosos, nas assembleias, as consagradas devem participar: isto é certo. Nas consultas sobre tantos problemas que são apresentados, as consagradas devem participar. Outra coisa: uma melhor inserção. De momento não me vêm à mente coisas concretas, mas sempre o que

disse antes: procurar o parecer da mulher consagrada, porque a mulher vê as coisas com uma originalidade diversa dos homens, e isto enriquece: quer na consulta, quer na decisão, quer na concretização.

Estes trabalhos que fazeis com os pobres, com os marginalizados, ensinar a catequese, acompanhar os doentes e os moribundos, são trabalhos muito “maternos”, onde a maternidade da Igreja se pode expressar mais. Mas há homens que fazem o mesmo, e bem: consagrados, ordens hospitalares... E isto é importante.

Por conseguinte, sobre o diaconado, sim, aceito e parece-me útil uma comissão que esclareça bem isto, sobretudo em relação aos primeiros tempos da Igreja.

No respeitante a uma melhor inserção, repito o que disse acima. Se há algo para concretizar, perguntai-o agora: sobre quanto disse, há mais alguma pergunta, que me ajude a pensar? Continuemos ...

Terceira pergunta

O papel da União Internacional das Superiores Gerais

Que papel poderia desempenhar a UISG, de maneira a poder ter uma palavra no pensamento da Igreja, uma palavra que seja ouvida, dado que tem em si a voz de dois mil institutos de religiosas? Como é possível que com muita frequência somos esquecidas e não feitas participantes, por exemplo da assembleia geral da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, onde se fala da vida consagrada? Pode a Igreja permitir-se continuar a falar de nós, em vez de falar connosco?

Papa Francisco

Irmã Teresina, tenha um pouco de paciência, porque me veio à mente o que me tinha esquecido da outra pergunta, sobre “o que pode fazer a vida consagrada feminina?”. É um critério que deveis rever, que também a Igreja deve rever. O vosso trabalho, o meu e o de todos nós, é de serviço. Mas eu, muitas vezes, encontro mulheres consagradas que desempenham um trabalho de servidão e não de serviço. É um pouco difícil de explicar, porque não gostaria que se pensasse em casos concretos, que talvez seja um mau pensamento, porque ninguém conhece bem as circunstâncias. Mas pensemos num pároco, um pároco que por segurança imaginemos: “Não, não, a minha casa paroquial está nas mãos de duas religiosas” – “E são elas que gerem?” – “Sim, sim!” – “E o que fazem de apostolado, catequese?” – “Não, não, só isso!”. Não! Isto é servidão! Diga-me, senhor pároco, se não há na sua cidade mulheres capazes, que precisam de trabalho. Que assumam uma, duas, que desempenhem este serviço. Estas duas irmãs, que se dediquem às escolas, aos bairros, aos doentes, aos pobres. É este o critério: trabalho de serviço e não de servidão! E quando, a vós Superiores, pedem uma coisa que é mais servidão do que serviço, sede corajosas e dizei “não”. Isto é um critério que ajuda muito, porque quando se pretende que uma consagrada faça um trabalho de servidão, desvaloriza-se a vida e a dignidade daquela mulher. A sua vocação é o

serviço: serviço à Igreja, onde quer que seja. Mas não servidão!

E agora [respondo a] Teresina: “Qual é, a seu parecer, o lugar da vida religiosa apostólica feminina no âmbito da Igreja? O que faltaria à Igreja se não houvesse mais religiosas?”. Faltaria Maria no dia de Pentecostes! Não há Igreja sem Maria! Não há Pentecostes sem Maria! Maria estava ali, talvez não falasse... Isto já o disse, mas gosto de o repetir. A mulher consagrada é um ícone da Igreja, é ícone de Maria. O sacerdote não é um ícone da Igreja: não é ícone de Maria: é ícone dos apóstolos, dos discípulos que são enviados a pregar. Mas não da Igreja e de Maria. Digo-vos isto para vos fazer refletir sobre o facto de que «a» Igreja é feminina; a Igreja é mulher: não é “o” Igreja, mas “a” Igreja. Mas é uma mulher casada com Jesus Cristo, tem o seu Esposo, que é Jesus Cristo. E quando um bispo é escolhido para uma diocese, o bispo — em nome de Cristo — desposa a Igreja particular. A Igreja é mulher! E a consagração de uma mulher faz dela ícone própria da Igreja e ícone de Nossa Senhora. E isto nós homens não o podemos fazer. Isto vos ajudará a aprofundar, desta raiz teológica, um grande papel na Igreja. Gostaria que este aspecto não passasse despercebido.

Concordo totalmente [sobre a conclusão da terceira pergunta]. A Igreja: a Igreja sois vós, somos todos. A hierarquia — digamos — da Igreja deve falar de vós, mas primeiro e no momento deve falar convosco! Isto é certo. Na Assembleia da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica vós deveis estar presentes. Sim, sim! Isto di-lo-ei ao Prefeito: na Assembleia vós deveis estar presentes! É claro, porque falar de um ausente nem sequer é evangélico: deve poder ouvir o que se pensa, e depois façamos juntos. Concordo. Eu não imaginava que houvesse tanta distância, a sério. E obrigada por o terdes dito com tanta coragem e com aquele sorriso.

Permiti-me um gracejo. Você fê-lo com aquele sorriso, que no Piemonte se chama sorriso da *mugna quacia* [com uma cara ingénua]. Muito bem! Sim, vós tendes razão neste aspecto. Penso que é fácil reformar, falarei disto com o Prefeito. “Mas esta Assembleia geral não falará das irmãs, falará de outra coisa ...” – “É necessário ouvir as irmãs porque elas têm outra visão da questão”. Trata-se do que disse antes: é importante que estejais sempre inseridas... Agradeço-vos a pergunta.

Alguns esclarecimentos a este propósito? Algo mais? É claro?

Recordai-vos bem disto: o que faltaria à Igreja se as religiosas não existissem? Faltaria Maria no dia de Pentecostes. A religiosa é ícone da Igreja e de Maria; e a Igreja é feminina, casada com Jesus Cristo.

Quarta pergunta

Os impedimentos que encontramos como mulheres consagradas no âmbito da Igreja

Caríssimo Santo Padre, muitos institutos estão a enfrentar o desafio de dar

novidade à forma de vida e às estruturas revendo as Constituições. Isto está a revelar-se difícil, porque nos encontramos impedidas pelo Direito Canónico. Vossa Santidade prevê mudanças no Direito Canónico, de maneira a facilitar esta novidade?

Além disso, os jovens têm dificuldade de pensar num engajamento permanente, quer no matrimónio quer na vida religiosa. Poderíamos ser abertas a compromissos temporários?

E outra questão: desempenhando o nosso ministério em solidariedade com os pobres e com os marginalizados, muitas vezes somos erroneamente consideradas ativistas sociais ou como se tomássemos posições políticas. Algumas autoridades eclesiais gostariam que fôssemos mais místicas e menos apostólicas. Que valor é atribuído à vida consagrada apostólica e em particular às mulheres, por algumas partes da Igreja hierárquica?

Papa Francisco

Primeiro: as mudanças que se devem fazer para assumir os novos desafios: Você falou de novidades, novidades em sentido positivo, se entendi bem, coisas novas que chegam... E a Igreja é mestra nisto, porque teve que mudar muito, mesmo muito na história. Mas em cada mudança é necessário discernimento, e não se pode fazer discernimento sem oração. Como se faz discernimento? A oração, o diálogo, depois o discernimento em comum. É preciso pedir o dom do discernimento, de saber discernir. Por exemplo, um empresário deve fazer mudanças na sua empresa: ele avalia concretamente, e faz o que a sua consciência lhe diz. Na nossa vida, entra outra personagem: o Espírito Santo. E para fazer uma mudança, devemos avaliar todas as circunstâncias concretas, isto é verdade, mas para entrar neste processo de discernimento com o Espírito Santo são necessários oração, diálogo e discernimento comum. Penso que sobre este aspecto nós não estamos bem formados — quando digo “nós” falo também dos sacerdotes — no discernimento das situações, e temos que procurar fazer experiências e encontrar também alguma pessoa que nos explique bem como se faz o discernimento: um bom padre espiritual que conheça bem estas coisas e no-las explique, que não é um simples “pró e contra”, fazer a soma, e avançar. Não, é algo mais. Qualquer mudança que tenha que ser feita, requer que se entre neste processo de discernimento. E isto vos dará mais liberdade, mais liberdade! O Direito Canónico: mas não há problema algum. No século passado o Direito Canónico foi mudado — se não erro — duas vezes: em 1917 e depois sob são João Paulo II. Pequenas mudanças podem ser feitas, fazem-se. Ao contrário, estas foram duas mudanças de todo o Código. O Código é uma ajuda disciplinar, uma ajuda para a salvação das almas, para tudo isto: é a ajuda jurídica da Igreja para os processos, para muitas coisas, mas que no século passado foi totalmente mudado por duas vezes, refeito. E assim podem-se mudar algumas partes. Há dois meses chegou um pedido para mudar um cânone, não me recordo bem... Mandeí estudar a questão e o Secretário de Estado fez as consultas

e todos concordaram, tinha que ser mudado para o maior bem, e foi feito. O Código é um instrumento, isto é muito importante. Mas insisto: nunca fazer uma mudança sem um processo de discernimento, pessoal e comunitário. E isto dar-vos-á liberdade, porque ponde na mudança o Espírito Santo. Foi o que fez são Paulo, o próprio são Pedro, quando ouviu que o Senhor o estimulava a batizar os pagãos. Quando lemos o livro dos Actos dos Apóstolos, admiramo-nos com tantas mudanças, tantas... É o Espírito! Isto é interessante: no livro dos Actos dos Apóstolos, os protagonistas não são os apóstolos, é o Espírito. “O Espírito constrangeu a fazer isto”; “o espírito disse a Filipe: vai ali e acolá, encontra o ministro da economia e batiza-o”; “O Espírito faz”, “o Espírito diz: não, não venhais aqui”... É o Espírito. Foi o Espírito quem deu a coragem aos apóstolos para fazer esta mudança revolucionária de batizar os pagãos sem percorrer o caminho da catequese nem da praxe judaica. É interessante: nos primeiros capítulos, há a Carta que os apóstolos, depois do Concílio de Jerusalém, enviam aos pagãos convertidos. Contam tudo o que fizeram: “O Espírito Santo e nós decidimos isto”. Eis um exemplo de discernimento que fizeram. Qualquer mudança, fazei-a assim, com o Espírito Santo. Isto é: discernimento, oração e também avaliação concreta das situações.

E em relação ao Código não há problema, ele é um instrumento.

No respeitante ao compromisso permanente dos jovens. Nós vivemos numa “cultura do provisório”. Contava-me um bispo, há tempos, que um jovem universitário tinha ido ter com ele, tendo terminado a universidade, 23/24 anos, e lhe disse: “Eu gostaria de ser sacerdote, mas só por dez anos”. É a cultura do provisório. Nos casos matrimoniais é assim. “Eu caso-me contigo enquanto o amor durar e depois adeus”. Mas amor entendido em sentido hedonista, no sentido desta cultura de hoje. Obviamente estes matrimónios são nulos, não são válidos. Não têm consciência da perpetuidade de um compromisso. Nos matrimónios é assim. Lede a problemática na Exortação Apostólica *Amoris laetitia* encontra-se nos primeiros capítulos e lede como preparar o matrimónio. Uma pessoa disse-me: “Eu não entendo isto: para ser sacerdote é preciso estudar, preparar-se por oito anos, mais ou menos. E depois, se não funciona, ou se te apaixonas por uma linda menina, a Igreja permite: vai, casa-te, começa outra vida. Para se casar — que é para toda a vida, que é “para” a vida — a preparação em muitas dioceses são três, quatro conferências... Mas assim não funciona! Como pode um pároco assinar que estes estão preparados para o matrimónio, com esta cultura do provisório, com apenas quatro explicações? Trata-se de um problema muito sério. Na vida consagrada, sempre me surpreendeu — positivamente — a intuição de são Vicente de Paulo: ele via que as Irmãs da Caridade tinham que fazer um trabalho tão árduo, tão “perigoso”, precisamente na fronteira, que todos os anos têm que renovar os votos. Só por um ano. Mas tinha-o feito como carisma, não como cultura do provisório: para dar liberdade. Penso que na vida consagrada os votos temporais facilitam isto. E, não só, vós vedes, mas

eu seria bastante favorável talvez para prolongar um pouco os votos temporários, devido a esta cultura do provisório que os jovens de hoje têm: significa... prolongar o namoro antes de celebrar o matrimônio! Isto é importante.

[Agora o Papa responde a uma parte da pergunta que não foi lida mas que estava escrita]

Os pedidos de dinheiro nas nossas Igrejas locais. O problema do dinheiro é um problema muito importante, quer na vida consagrada, quer na Igreja diocesana. Nunca devemos esquecer que o diabo entra “pelos bolsos”: tanto pelos bolsos do bispo, como pelos bolsos da Congregação. Isto concerne o problema da pobreza, disto falarei depois. Mas a avidez do dinheiro é o primeiro degrau para a corrupção de uma paróquia, de uma diocese, de uma Congregação de vida consagrada, é o primeiro degrau. Penso que vem a propósito: o pagamento dos sacramentos. Reparai, se alguém vos pedir isto, denunciái o facto. A salvação é gratuita. Deus enviou-nos gratuitamente; a salvação é como um “desperdício de gratuidade”. Não há salvação a pagamento, não há sacramentos a pagamento. Está claro? Eu conheço, na minha vida vi corrupção neste aspeto. Recordo um caso, logo a seguir à minha nomeação episcopal, ocupava-me da zona mais pobre de Buenos Aires: está dividida em quatro vicariatos. Ali havia tantos migrantes dos países americanos, e acontecia que quando se vinham casar os párocos diziam: “Esta gente não tem a certidão de batismo”. E quando a requeriam no próprio país diziam-lhe: “Sim, mas primeiro envia 100 dólares — recordo um caso — e depois envio-te”. Falei com o cardeal, o cardeal falou com o bispo do lugar... Mas entretanto o povo podia casar-se sem a certidão de batismo, com o juramento dos pais ou dos padrinhos. E este é o pagamento, não só do sacramento mas das certidões. Recordo que certa vez em Buenos Aires veio um jovem à paróquia, que se queria casar, para pedir a *nulla osta* para celebrar o sacramento noutra paróquia: é uma forma simples. Na secretaria responderam-lhe: “Sim, passe amanhã, venha amanhã e estará pronto, e isso custa tanto”: uma boa quantia, mas trata-se de um serviço, é só verificar os dados e preencher. E ele — que era um excelente advogado, jovem, muito fervoroso, bom católico — veio ter comigo: “Agora que faço?” – “Vai amanhã e diz-lhe que enviaste o cheque ao arcebispo, e que o arcebispo lhe entregará o cheque”. O comércio do dinheiro.

Aqui abordamos um problema sério, que é o problema da pobreza. Digo-vos uma coisa: quando um instituto religioso — e isto é válido também para as outras situações — se sente morrer, quando não tem a capacidade de atrair novos membros, talvez tenha passado o tempo para o qual o Senhor tinha escolhido aquela Congregação, a tentação é a avidez. Porquê? Porque pensam: “Pelo menos temos o dinheiro para a velhice”. Isto é grave. E qual é a solução que a Igreja sugere? A união de vários institutos com carismas que se assemelham, e continuar avançando. Mas o dinheiro nunca jamais é uma solução para os problemas espirituais. É uma ajuda necessária, mas em tanto em quanto serve. Acerca da pobreza Santo Inácio

dizia que é “mãe” e “muro” da vida religiosa. Faz-nos crescer na vida religiosa como mãe, e preserva-a. E começa a decadência quando falta a pobreza. Recordo-me de quando, noutra diocese, um colégio de irmãs muito importante tinha que fazer obras na casa das irmãs porque era velha, tinha que ser renovada; e fizeram um bom trabalho. Fizeram um bom trabalho. Mas naquele tempo — falo do ano de 1993/94 mais ou menos — diziam: “Façamos a casa com todas as comodidades, o quarto com casa de banho privado, e tudo mais, e até mesmo a televisão ...”. Naquele colégio, que era muito importante, das 2 às 4 da tarde não se encontrava uma freira no colégio: estavam todas no quarto a ver a telenovela! Isto é falta de pobreza, e leva-te à vida confortável, às fantasias... Este é um exemplo, talvez o único no mundo, mas para compreender o perigo do conforto em demasia, da falta de pobreza ou de uma certa austeridade.

[Outra parte da pergunta não lida mas escrita]

As religiosas não recebem um ordenado pelos serviços que desempenham, como os padres. De que maneira podemos demonstrar um rosto atraente da nossa subsistência? Como podemos encontrar os recursos financeiros necessários para o desempenho da nossa missão?

Papa Francisco

Dir-vos-ei duas coisas. Primeira: ver como é o carisma, o interior do vosso carisma — cada qual tem o seu — e qual é o lugar da pobreza, porque há congregações que exigem uma vida de pobreza muito, muito forte; outras, não tanto, mas todas são aprovadas pela Igreja. Procurar a pobreza segundo o carisma. Depois as poupanças. É prudência ter poupanças; é prudência ter uma boa administração, talvez com algum investimento, isso é prudente: para as casas de formação, para levar por diante as obras pobres, para levar por diante as escolas para os pobres, , para levar por diante os trabalhos apostólicos ... Uma fundação da própria congregação: que isto sim deve ser feito. E como a riqueza pode ser prejudicial e corromper a vocação, assim também é a miséria. Se a pobreza se torna miséria, também isto é prejudicial. Ali vê-se a prudência espiritual da comunidade no discernimento comum: a tesoureira informa, todos falam, sim é demais, não é demais ... Aquela prudência materna. Mas por favor, não vos deixeis enganar pelos amigos da congregação, que depois vos “depenarão” e vos privarão de tudo. Vi tantas casas, ou houve quem me contou, de religiosas que perderam tudo porque confiaram num tal ... “muito amigo da congregação”! Há tantos manhosos, tantos astutos. A prudência consiste em não consultar uma só pessoa: quando tiverdes necessidade, consultai várias pessoas, diferentes. A administração dos bens é uma responsabilidade muito grande, enorme, na vida consagrada. Se não dispondes do necessário para viver, dissei-o ao bispo. Dissei a Deus: “Dai-nos hoje o pão nosso”, o verdadeiro. Mas falai com o Bispo, com a Superiora-Geral, com a Congregação para os religiosos. Para o necessário, porque a vida religiosa é um caminho de pobreza, mas não é um suicídio! E esta é a santa prudência! Está claro isto?

E depois, onde há conflitos devido aquilo que as Igrejas locais vos pedem, é preciso rezar, discernir e ter a coragem, quando se deve, de dizer “não”; e ter a generosidade, quando se deve, de dizer «sim». Contudo, vedes quanto é necessário o discernimento em qualquer caso!

Pergunta (retomada)

Enquanto realizamos o nosso ministério, nós permanecemos em solidariedade com os pobres e com os marginalizados, muitas vezes somos erroneamente consideradas ativistas sociais ou como se tomássemos posições políticas. Algumas autoridades eclesiais olham negativamente para o nosso ministério, salientando que deveríamos concentrar-nos mais numa forma de vida mística. Nestas circunstâncias, como podemos viver a nossa vocação profética?

Resposta (continua)

Sim. Todas as religiosas, todas as consagradas devem viver misticamente, porque o vosso é um casamento; a vossa é uma vocação de maternidade, é uma vocação de estar no lugar da Mãe Igreja e da Mãe Maria. Mas quantos vos dizem isto, pensam que ser místico significa ser uma múmia, sempre assim, a rezar... Não, não. Deve-se rezar e trabalhar segundo o próprio carisma; e quando o carisma te leva adiante com os refugiados, com os pobres, tu deves fazê-lo, e chamar-te-ão “comunista”: não é o pior que te vão dizer. Mas deves fazê-lo. Porque o carisma te leva a isto. Recordo-me de uma religiosa na Argentina: foi provincial da sua congregação. Uma boa mulher, e ainda trabalha... sim, tem quase a minha idade. E trabalha contra os traficantes de jovens, de pessoas. Recordo-me que, durante o governo militar na Argentina, a queriam encarcerar, faziam pressão sobre o arcebispo, faziam pressão sobre a superiora provincial, antes que ela mesma se tornasse provincial, “porque esta mulher é comunista”. Mas esta mulher salvou tantas jovens, tantas moças! Sim, é a cruz. Que disseram de Jesus? Que era Belzebu, que tinha o poder de Belzebu. A calúnia, estai preparadas. Se praticardes o bem, com a oração, diante de Deus, assumindo todas as consequências do vosso carisma e continuais à caminhar para a frente, preparai-vos para a difamação e para a calúnia, porque o Senhor escolheu para si esta vereda! E nós, bispos, devemos preservar estas mulheres que são ícones da Igreja, quando fazem coisas difíceis e são caluniadas, perseguidas. Ser perseguido é a última das Bem-Aventuranças. O Senhor disse-nos: “Bem-aventurados sois quando sejais perseguidos, insultados” e todas estas coisas. Mas aqui o perigo pode ser: “Eu faço a minha” – não, não: tu ouves isto, perseguir-te-ão: fala. Com a tua comunidade, com a tua superiora, fala com todos, procura conselhos, discerne: outra vez a palavra. E esta religiosa da qual estou a falar, um dia encontrei-a a chorar, e dizia: “Olha a carta que recebi de Roma — não digo de onde — que devo fazer?” – “Tu és filha da Igreja?” – “Sim!” – “Queres obedecer à Igreja?” – “Sim!” – “Responde que obedecerás

à Igreja, e depois vai falar com a tua superiora, com a tua comunidade, com o teu bispo — que era eu — e a Igreja dirá o que deves fazer. Mas não uma carta que vem de 12.000 km de distância”. Porque ali um amigo dos inimigos da irmã tinha escrito, ela foi caluniada. Corajosas, mas com humildade, discernimento, oração, diálogo.

Conclusão

Uma palavra de encorajamento a nós líderes, que carregamos o peso do dia.

Papa Francisco

Mas concedei-vos também um alívio! O repouso, porque muitas doenças são causadas pela falta de um saudável repouso, descanso em família... Isto é importante para suportar o peso do dia.

Vós mencionastes aqui também as religiosas idosas e doentes. Mas estas irmãs são a memória do instituto, foram elas que semearam, que trabalharam, e agora estão paralíticas, muito doentes ou postas de lado. Estas religiosas rezam pelo Instituto. Isto é muito importante, que se sintam participantes da oração pelo Instituto. Elas têm também uma experiência muito grande: algumas mais, outras menos! Ouvi-as! Ide visitá-las: “Diga-me, irmã, o que pensa acerca disto, daquilo?”. Que se sintam consultadas e da sua sabedoria vai sair um bom conselho. Podeis ter a certeza.

Eis o que sinto que devo dizer-vos. Sei que me repito sempre e digo as mesmas coisas, mas a vida é assim... Gosto de ouvir as perguntas, porque me fazem pensar e sinto-me como o guarda-redes, que está ali, à espera de onde vem a bola... Isto é bom e é isto que fazeis também vós no diálogo.

Farei as coisas que prometi. E rezai por mim, eu rezo por vós. E vamos adiante. A nossa vida é pelo Senhor, pela Igreja e pelo povo, que sofre tanto e precisa da carícia do Pai, através de vós! Obrigado!

Proponho uma coisa: vamos concluir com a Mãe. Cada uma de vocês, em sua própria língua, ore a *Ave Maria*. Eu rezarei em espanhol.

Ave Maria...

[Bênção]

E rezai por mim, para que possa servir bem a Igreja.

UM AMOR NÃO RESIGNADO
PARA HABITAR OS NOVOS
HORIZONTES.
LINGUAGEM, ESTILO, PROJECTO
ECLESIAL DE PAPA FRANCISCO

P. Bruno Secondin, O.Carm

P. Bruno Secondin, carmelita, estudou em Roma, na Alemanha e em Jerusalém. É professor emérito de Espiritualidade moderna e Fundamentos de vida espiritual na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. É autor de várias publicações sobre diversos temas de espiritualidade e de lectio divina.

No dia 16 de Julho de 2014 o Santo Padre Francisco nomeou-o Consultor da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Do dia 22 até 27 de Fevereiro de 2015, ele pregou os exercícios espirituais ao Papa e à Cúria na Casa Divino Mestre em Ariccia, sobre o tema: "Servos e profetas do Deus vivo".

Conferência apresentada na Assembléia da USG, Maio de 2015.

Original em Italiano

É difícil de enquadrar ao Papa Francisco: sempre avança mais além das orientações. Parece cheio de fantasia para desconstruir o sistema eclesiástico sacralizado, ele está cheio de paixão criativa para reconstruir a identidade eclesial, repartindo desde o Evangelho.

Ele não faz isso com a teoria, mas com a sabedoria prática, com gestos proféticos, com as escolhas contracorrente, até mesmo com neologismos: situações, hábitos, línguas, práticas consideradas eternas, lugares e ritmos, ele muda tudo sem problemas. Sabemos bem disso e cada dia chegam-nos sinais. Esta é talvez a origem do entusiasmo popular: não têm esquemas teológicos precisos, mas têm um instinto particular e sentem que Francisco tocou certas preocupações e fala a linguagem que o coração estava esperando¹. Podemos aplicar-lhe o que ele mesmo diz, de que a missão da Igreja: “Um fermento de Deus no meio da humanidade” (EG 114).

Pela ocasião dos dois anos da sua eleição (13 de Março de 2013) muitos têm proposto uma interpretação do “fenômeno Francisco”². Já tinham tentado no ano anterior de “enquadrá-lo” e “domesticar-lo” dentro dos parâmetros habituais.

Mas no entanto, todos dão-se conta que, assim que eles encontrarem um enquadramento que parece válida, levantam-se questões e sucedem-se eventos que alteram as cartas sobre a mesa. No mesmo dia do segundo aniversário de sua eleição, com a Bula *Misericordiae vultus* o Papa conseguiu sobrepassar as biografias daqueles que pensavam tê-lo enquadrado. Ele relançou mais além a sua eclesiologia e sua reforma da pastoral e da espiritualidade na Igreja.

E para dar alguns exemplos: pensemos na maneira de realizar o Sínodo sobre a Família, na geografia eclesial na hora de eleger os cardeais, pensemos no *Jubileu da misericórdia* que não se centrou em Roma, mas nas igrejas locais, na originalidade da missa em S. Marta (que tornou-se em fonte original para os jornalistas). À tudo isso podemos adicionar a liberdade de expressão, até chegar quase ao insulto, com a Cúria Romana e com o clero, os seus contactos telefónicos com pessoas anticlericais, a mão pesada contra os abusos sexuais, a auto-definição na mensagem para a *Expo* de Milão: “a voz dos pobres”, num fórum de “potentes”. E muito mais. Verdadeiramente uma identidade *em progresso*, uma mente aberta, uma capacidade criativa que desloca a todos.

I. O efeito Francisco

1. Abordagens inadequadas.

1. *Não é possível entender muito* a Francisco se nos limitamos a fazer comparação com os seus antecessores: João Paulo II e Bento XVI. E, no entanto, é a nossa tendência bastante comum. Certamente ele herdou problemas e sensibilidade eclesial que conhecemos e reconhecemos nos pontificados anteriores. João Paulo II tinha caracterizado o seu pontificado, no início, com a luta contra o comunismo opressor, depois em seguida, enfatizou a globalização da Igreja com os Sínodos continentais e no final, com a sua doença prolongada, exaltou a figura do servo sofredor. Mesmo assim na sua morte, ele deixou uma igreja excessivamente ‘*movimentista*’, juntamente com uma identidade frágil perante a globalização. E também duma Curia que apropriou-se dum demasiado poder. Bento XVI, por natureza e carácter muito diferente de seu antecessor, tinha concentrado-se mais bem na doutrina e na liturgia. Ele estava muito impressionado com o colapso da civilização cristã e desanimado com os escândalos eclesiais que irromperam como um bubão infectado. Podemos dizer que estes dois Papas foram a apoteose do século XIX, em suas tragédias e em seu brilho. Com a renúncia de Bento XVI, concluiu-se o Século XIX eclesiástico.

Francisco não continuou a batalha contra a liquefacção do sistema “cristão”, para recuperar uma *identidade* vivida e fixadas nas figuras rígidas e nas determinadas definições. Ele optou por um *ethos* de acolhida e de misericórdia: pondo em marcha um novo sentido de pertença e de participação: a partir do paradigma da *misericórdia*, e dando especial ênfase à *alegria* do Evangelho.

Para ele, a Igreja não pode ser uma fortaleza sitiada, um sistema compacto de dogmas e prescrições. A Igreja é, antes de tudo, uma casa aberta, uma rede de amizade, um *hospital de campanha*, um povo peregrino que vive o *ethos* da hospitalidade acolhente, do diálogo confiante, da diversidade aceita e respeitada (veja o símbolo famoso do *poliedro*).

2. *Francisco vive* a sua identidade sem a obsessão de ser “diferente”, de medir-se conforme as características daqueles que o precederam. Não tem nenhum complexo de inferioridade ou de dissimilaridade: é simplesmente ‘ele mesmo’. E tem o prazer de encontrar-se com Bento XVI - quase um “avô sábio”, como ele o chama - e na verdade ele pede-lhe conselhos, visita-o, convida-o nas circunstâncias eclesiais mais importantes. Francisco também gosta de se referir à figura de Paulo VI, em especial, a *Evangelii nuntiandi*, uma das fontes de seu modelo de evangelização³. Não há sinais que mostram que ele está preocupado com as comparações: somos nós que o fazemos, arriscando-nos em manipular a sua figura com as categorias que não lhe pertencem.

E nem tão pouco a sua *opção popular* vem da grande corrente teológica e pastoral da *teologia da libertação*, bem conhecida na América Latina, embora possa haver contaminação recíproca. É possível que, pelo contrário, ele tenha assimilado a corrente argentina da *teología do povo*, entendendo este “povo” não no sentido sociológico ou marxista ou populista e nem menos clerical, mas sim como *ethos* colectivo encharcado de religiosidade, de piedade e de transcendência⁴. À *religiosidade do povo* compete um valor elevado e os teólogos têm a tarefa de ouvir a sua sabedoria e rugidos. E Francisco manifesta-o continuamente nos seus discursos, nos seus gestos e nas suas recomendações, quando convida-nos para estar “no meio das pessoas”. Na exortação programática *Evangelii gaudium* fala explicitamente de que “devemos pôr-nos à escuta do povo” (n. 154), e de provar “o prazer espiritual de ser povo” (268-274).

3. *Não se consegue entender muito* a Francisco, se ele é avaliado sob a luz das categorias eclesiais e eclesiásticas de Europa. Sendo de origem italiano (a sua família), e mesmo que realizou estudos ligados com algumas tendências europeias, teológicas ou culturais, ele expressa um espírito totalmente diferente. As referências à Guardini, à Dostoiévski, à Manzoni ou outros, remontam-se para a sua própria síntese cultural, típicamente ligada ao *ethos* da América Latina e, mais especificamente, da Argentina. Sua abordagem teológica são evidências duns núcleos latino-americanos muito específicas (por exemplo, a religiosidade popular, a mística do povo, o encontro, a compaixão, as periferias, os pobres, o multiculturalismo, a megalópole, etc.) que na Europa nem sempre são conhecidos de maneira correcta. Estamos também demasiados convencidos de que a nossa teologia é “teologia” por excelência. Mas, na verdade não é assim, se vemos as coisas desde a América Latina.

Agora podemos realmente falar de teologias “pós-coloniais”, e não só para

a América Latina, mas também para a Ásia e África⁵. Francisco representa este novo desenvolvimento que não é um subproduto menos acadêmico. Tem outras preliminares e outras prioridades: aqueles relacionados com as culturas emergentes, com as massas dos empobrecidos, com a corrupção global, com as tradições violadas, com as mulheres e os pobres, com os conflitos tribais, com as ditaduras de cor diferentes, com as diferenças étnicas.

4. *Não se consegue entender muito* a Francisco, se o seu estilo papal e suas preocupações eclesiais remontam-se única e exclusivamente para a prioridade da *reforma* da Cúria. São muitos os que têm na sua cabeça este “teste decisivo” para fazer o balanço e antecipar os seus movimentos. Penso que este critério é totalmente errado. A reforma da Cúria não é para ele a “prioridade”, embora seja consciente de que é uma das empresas que deve enfrentar. Não é só por dizer que ele abertamente diz que é uma Grande Cruz pensar em si mesmo sentado à uma mesa. Muitos estão alertas para detectar, interceptar os sinais da “reforma da Cúria.” E assim fazer uma leitura estrabismada, de tipo europeu, que não lhe pertence. Como, pois, em Buenos Aires tinha poucos membros da cúria, até agora ainda não sente a necessidade de todo este grande aparelho e fomenta uma Igreja do povo e não de estruturas...

É evidente que Francisco não suporta a introversão eclesiástica tão doente, e quer uma “Igreja em saída”, que sai de suas obsessões, de sua arte de “misturar a fé em Jesus Cristo” (a sua frase: *no licuen la fe en Jesucristo*) para em seguida, oferecê-lo em documentos sem garras, insípidos e enciclopédicos. A sua comunicação tão original e tão directa, é a primeira revolução que levou à Cúria: começando pela escolha do nome de *Francisco*, até as saudações informais ‘*boa tarde*’; a partir da solicitação para ser *abençoado* pelo povo na praça, até o caminho de volta para casa no *ônibus* entre os cardeais; desde o *sapato* preto e deformado, até a cruz que leva, a *Casa Santa Marta* onde vive e assim sucessivamente...

Ao olhar para as estruturas eclesiásticas e as hierarquias, às vezes parece realmente um “homem sozinho no comando”. Porque não são poucos os bispos e os sacerdotes - e alguns de seus mais próximos colaboradores credenciados – que têm dificuldade em seguir-lhe nas suas antecipações. E também nas suas “saídas” imprevisíveis, na sua linguagem espontânea, no seu aproximar-se directamente às pessoas, na sua abordagem as questões de maneira directa, são poucos os que o seguem. E têm ainda, muito mais dificuldades em implementar com naturalidade o seu estilo e a sua liberdade: e este é certamente um problema óbvio e de donde nascem as perplexidades sobre as “resistências” que retêm os impulsos de inovação⁶.

2. *Vendo as coisas “quase desde o fim do mundo”*

1. *Tem-se a impressão* de que muitos observadores das coisas eclesiásticas e das tendências que ocorrem na Igreja, não conseguem perceber a natureza

específica do estilo de Papa Francisco. Muitos pensam no seu carácter aberto e livre, menos formal, ou no seu itinerário profissional: tem muitas experiências tanto no campo da educação como na liderança, muitas vezes em circunstâncias emaranhadas, como a ditadura militar na Argentina. A sua mesma idade permitiu-lhe de participar em muitos momentos importantes da Igreja, seja na América Latina (lembro especialmente na *Aparecida 2007*), como em Roma (nos Sínodos Episcopais).

Desde que foi eleito Papa, foram traduzidos, e, portanto, são conhecidos, muitos dos seus escritos, até então desconhecidos, e que pelo contrário são esclarecedoras para entender a *pessoa* de Jorge Mario Bergoglio, antes de se tornar Papa Francisco. E isso porque ele gosta de repetir-se nos conceitos e nas semelhanças: e, portanto, o que parecia ser uma improvisação é revelado como um estilo maduro e uma linguagem típica, desde todos os tempos. Não é apenas a ênfase editorial normal que sempre acontece: que toda vez que uma pessoa é eleito Papa, todos os seus escritos tornam-se objecto do mercado editorial. Nos textos anteriores ao papado de Francisco, descobrimos uma riqueza de sensibilidade e de perspectivas, o que indica uma continuidade e uma especificidade que cresceu na Argentina e no solo latino-americano. E uma lucidez cultural cuja qualidade teológica, espiritual e pastoral era desconhecida até há dois anos.

2. *Outros enfatizam a sua matriz Jesuíta*⁷. Certamente que ele não a esconde: “Eu me sinto um jesuíta e penso como um jesuíta”, ele afirmou várias vezes, mesmo que se sabe que tem tido algum sofrimento por parte dos seus irmãos argentinos. Vive esta identidade com profundidade e naturalidade: na custódia interior, no exercício do discernimento, na inquietação geradora, na serenidade no meio das ambiguidades, na capacidade natural de abertura à novidade, no chamado “pensamento aberto”, que é a sabedoria de orientação em situações complexas. Certamente que a sua matriz jesuíta - e sua pertença à vida religiosa em geral - têm enriquecido-lhe com a capacidade de adaptação e intuições que muitas vezes aqueles que vêm do clero diocesano não o tenham.

Ele afirma com todas as suas forças de ser um jesuíta e de ser religioso: mas não para servir-se disto com um escudo ou para reforçar a sua função, mas sim como uma especificidade amada, entregada ao serviço da Igreja universal. E ele repete-o sem pretensão. Nem menos deixa de repetir que é uma identidade que também precisa de contínua releitura e que o carisma é para ser colocado em jogo e em diálogo com as novas situações, e não deve ser fixado num pergaminho. Não quer ser um modelo para ninguém, mas sim co-protagonista com todos numa aventura que afecta à todos e apela à responsabilidade partilhada e a imaginação de todos. Não é um recurso para destacar-se, mas para estar à disposição numa diversidade aberta à comunhão, como evidentemente é o *poliedro*.

Esta imagen do *poliedro* é a sua favorita e aplica-a às situações diferentes: seja para a variedade dos carismas da vida religiosa, seja para pedir aos

movimentos em aceitarem a originalidade dos outros, seja também em geral como uma forma de diversidade dialogante para todos. Até agora, esta imagem manteve-se como uma das suas maneiras de explicar-se: que ainda não formam parte das categorias de referência, ainda não tem feito fracturas. Estamos acostumados a uma linguagem mais abstracta e conceitual, e algumas comparações funcionam pouco na nossa mentalidade que está feita de mais conceitos e idéias.

3. *Não são muitas* as pessoas que sabem reconhecer e enfatizar o que ele expressa muito bem o *ethos latino-americano* da fé e da experiência eclesial: onde destacam-se a espontaneidade, a alegria de crer, o sentido de “povo”, as relações cálidas e directas, as múltiplas almas culturais e religiosas da população, uma longa humilhação colonial, bem como as ondas de migração da África (forçada) e Europa (favorecidas). E muitas outras características que todos nós conhecemos.

Para alguns intérpretes ligados ao esquema Romano ou Europeu, as suas saídas de improviso são consideradas expressões folclóricas, factores estranhos à perenidade pomposa de um certo estilo sacral, teatral e de corte, considerada essencial para a natureza da Santa Sé. E eles continuam a enquadrá-lo como um estranho para o “esquema” da figura clássica do Papa. Esta interpretação é o resultado de um estrabismo perigoso, e talvez até mesmo um pré-julgamento hostil à variedade de modelos de Igreja e de práticas pastorais não “europeus”.

É o primeiro verdadeiro papa *pós-moderno*. A sua espontaneidade de relação e a sua desmistificação da “boa impressão”, com a qual se protegem (na Cúria e ao redor) a sacralidade do viver eclesiástico, rompe-se em forma desconcertante. Ele frequentemente repete de ser um pecador, ele admite a sua fragilidade de saúde e idade, espontaneamente pede perdão e pede orações. Sua comunicação directa por telefone ou na praça, e todo o resto, quebra a ordem simbólica eterna, isto é, o mundo afectivo, cultural, linguístico, intelectual e narrativo da Igreja. Ao fazer isso, ele está produzindo um novo sentido de pertença e de participação: a Igreja é o lar hospitaleiro, não costumes nem museu de tradições desactualizadas. As suas palavras e seus gestos prefiguram a Igreja como “comunidade hospitaleira e confiável”, onde encontrar irmãos e irmãs, mas também empatia e carinho (assim como *num hospital de campanha*).

4. *Ele tem um desconforto instintivo* à todas as “formalidades” e formalismos da Cúria Romana. Em Roma - mas não apenas em Roma - as superestruturas organizacionais e os rituais barrocos da Igreja Católica têm vindo quase a substituir o sentido vital da fé, sacralizádo-se excessivamente. Olhando para as coisas com olhos desencantados, digamos com Francisco ‘desde as periferias’ - todo o aparato do Vaticano é realmente uma “corte”, um emaranhado de regras e estilos ultrapassados, vestida com uma linguagem de pelúcia e criptografado. E para além disso, está protegido por uma ritualidade barroca que congela emoções em um vazio etéreo. Portanto, a fé como uma experiência de vida é um pressuposto

ideológico no fundo, numas vagas névoas, numas fórmulas moduladas, expressadas num Latim de corte. Talvez Francisco estava pensando nisso quando falou do “deus de spray”, de “cristãos da sala de estar”, da “mundanidade espiritual”⁸ e de certas doenças curiales...

A partir daqui muitas maravilhas, surpresas e mesmo resistências - para além das ironias e das bisbilhotices - perante a sua forma de viver como Papa em Roma. Ele ganhou a simpatia do povo de crentes, e também de muitos não-crentes ou membros de outras tradições religiosas. Porque é um *homem que se tornou Papa*. Ele não é uma “personagem” de plástica e do teatro, um manequim de vitrine, vestido numa forma absurda e até mesmo ridícula. Muito menos um fantasma angélico, rodeado por assistentes de cera sem emoção, protegido por guarda-costas com roupas coloridas maravilhosas e armados com alabardas inofensivas. Ele é um homem *normal*, e que quer continuar assim, mesmo no modo de viver, no vestir, nas relações, nas emoções.

3. Ele é um homem feliz.

1. *É mesmo esta ressurreição de “humanidade”* cheio de calor e emoção que despertou simpatia e expectativa nas pessoas. Muitos sentem que nele a fé não é uma fórmula abstracta, não é um traje protector, não é uma prateleira de livros, nem uma longa lista de proibições e advertências. Mas é a liberdade e a espontaneidade, o céu brilhante, e também olhar que quer cruzar os olhos e as súplicas, beijo para os pequenos, carícia para os doentes, polegar para cima de compreensão e alegria por fazer barulho, deixando atordoados os guardas embalsamados. Para mim, faz muita impressão ver aquele estilo aguçado e carrancudo da gendarmerie que o acompanha: não vejo nenhuma diferença com outras figuras políticas rodeadas por rostos muito semelhantes. E não gosto muito dessa semelhança, bem contrastada com a espontaneidade de Francisco, o seu largo sorriso, o seu agitar-se feliz.

O que talvez não todos captam no estilo, certamente incomum, do Papa Francisco, é que este estilo não é um fim em si mesmo, não é habilidade teatral, não é astúcia comunicativa, não é constrangimento habilmente manipulados. Trata-se numa paixão evangélica, quase no estado incandescente, movida pela convicção de que Jesus Cristo “é sempre jovem e fonte constante de novidades” (EG 11). Esta é a fonte óbvia de espiritualidade que Papa Francisco viveu e vive, e deseja da Igreja.

Que haja diferentes sensibilidades em torno dele não é de admirar nem menos de ser algum problema; isto aconteceu com cada Papa, mesmo os mais recentes, como todos sabemos. É parte da lógica das coisas: existem diferentes caracteres e culturas, experiências e sentimentos, em todos os centros de governo. Tanto mais que num organismo tão complexo como a Santa Sé. Só que, neste caso, muitas vezes as dissonâncias cognitivas e de perspectiva são um

reflexo dos diferentes sistemas teológicos e eclesiológicos. E então uma certa veia de “sobrenatural” e de pensamento “dogmático” impede de reconhecer humores e manias muito humanas, muito discutíveis. Tudo vem (eu diria melhor, vinha) verticalizado em excesso. E o Papa Francisco fez uma descrição sarcástica, mas muito pertinente, no seu famoso discurso sobre as quinze “doenças curiais”. Esse discurso nas festas do Natal de 2014, foi sufocante para muitos no Vaticano; e ainda hoje alguém sente-se queimar por aquelas descrições cruas e fortes ... Porém naquele mesmo discurso, havia propostas de dez *terapias* que ninguém se lembra.

2. *Neste contexto*, é lógico que Francisco sente algum desconforto. Ele, porém, aponta em linha reta, fala directamente e por isso mesmo simplificador, por vezes talvez exagerando, com piadas “de Bar” (como dizem alguns). A mentalidade “destilada” por milhares de sutilezas e hábitos de hipocrisias e língua venenosas - típico do ambiente que o rodeia, e que ele a chama de “tagarelice terrorista” - é talvez o nó que lhe é mais insuportável. E também não soporta o “narcisismo teológico” e especialmente o que ele chama de “mundanidade espiritual”. Esta expressão não nasceu aqui em Roma, ele já tinha usado antes, mesmo na sua Buenos Aires: se vê que em todo o mundo e países, certas tendências para a hipocrisia são transmitidas facilmente. Ou talvez são também patologias intrínsecas ao mundo clerical?

Ainda mais óbvio, na minha opinião, é a diferença de *Weltanschauung*, de *ethos* cultural e humano, de abordagem à vida e ao sentido religioso. Por isso alguns críticos ácidos continuam a dizer que talvez seja um excelente arcebispo de Buenos Aires, mas a pena é que esteja em Roma e não está ciente disto ... Com o seu modo de fazer, de falar, de interpelar, de viver, de encontrar, etc, ele mostra não só que a tradição ocidental (e Romana) não é uma absoluta divina, mas que se corre o risco em torná-lo um andaime hipócrita, mesmo pagã e até mesmo atea. E de bom grado ela zomba de certas ilusões, camufladas no sagrado, certos costumes típicos de museu, privilégios de príncipes, cartéis e lobbies, bem como a mania da ordem, da eficiência, da duplicidade. Nas 15 “doenças curiais” há uma ironia bem pouco disfarçada, mas que revela a sua rejeição desse modo de ser e de fazer, e que em conjunto é todo um cenário eclesiástico vazio ...

3. *É famosa a sua obsessão sobre a “Igreja em saída”*: ele repete-a de muitas maneiras e em diferentes circunstâncias. Não é uma mania de extroversão, uma sua necessidade de escapar da solidão, um conselho para evitar a neurose, ou para preencher o tempo e dar-se um papel de protagonismo. Ele está convencido de que só saindo, procurando, tropeçando, arriscando, dialogando, é quando a Igreja é fiel à sua identidade. Já Gregório Magno no final dos anos 500 dC. advertiu que “*Roma in se ipsa marcescit*”: quer dizer que Roma estava apodrecendo-se ao estar encerrada nos seus próprios medos e na sua glória passada.

Quanto mais a Igreja. Não existe para si mesma, para proteger-se de danos e de riscos: mas para colocar-se no meio a fim de fermentar, a fim de recolher aos feridos, a fim de ouvir as preocupações, a fim de estar em companhia fora das seguranças confortáveis. Resumindo, significa ser fermento e sinal dum outro mundo, dum futuro de proximidade e de esperança, de solidariedade, de liberdade e de fertilidade. Todo o contrário de ser “cristãos da sala de estar, educados, que não sabem fazer filhos para a igreja com o anúncio e zelo apostólico”⁹.

A sua *escolha é uma estratégica*: as preocupações da Igreja não devem ser tratadas dentro de si mesma, da sua organização, dos seus documentos, das suas cerimônias, das suas estruturas. Isso corre o risco de ser “um castelo de papéis” sem o “perfume do Evangelho” (EG 39). A única finalidade para a qual existe a Igreja é para trazer o abraço de Deus à humanidade, especialmente à que mais sofre com a exclusão e é considerada “desperdício”. É no meio dos desamparado, dos últimos da terra, é que Deus espera aos discípulos do seu Filho Redentor. A saída como um paradigma total é refletida na própria *saída* de Deus para vir até nós, dentro da nossa fragilidade e noites de confusão. Esta *tensão* relacional *ad extra* é parte da natureza do crente e da pertença à Igreja.

Também o Papa Francisco usou uma imagem bonita para dizer o seguinte: “Fazei-vos esta pergunta: Quantas vezes Jesus está dentro e bate na porta para sair, sair para fora, e nós não deixámos-lo sair, pela nossa segurança, porque muitas vezes estamos encerradas em estruturas caducas, que só servem para fazer-nos escravos, e não filhos livres de Deus? Nesta “saída” é importante para andar ao encontro; esta palavra para mim é muito importante: o encontro com os outros”¹⁰.

4. Com as "periferias" no coração.

1. *Além de tudo isso*, eu diria ainda mais: a sua *identidade* latino-americana como um cristão e um homem da Igreja, e agora o seu estilo de ser “Papa”, principalmente como “Bispo de Roma”, é uma contribuição original. É uma contribuição para a verdadeira universalidade da Igreja, é um corretivo providencial para agitar situações escleróticas “europeias” e indevidamente sacralizadas. Ele leva dentro de si o prazer alegre de ser o povo de Deus, não é um homem do palácio, mas é natural para ele estar *in medio Ecclesiae*. E fá-lo a partir do Evangelho, a partir da matriz original: para ele, a questão básica é o Evangelho a ser encarnado com transparência e totalidade. A própria escolha do nome *Francisco* é emblemática: um legado de *autenticidade do Evangelho* e de *paixão pelo mundo*, a olhar com olhos de misericórdia e fraternidade. Podemos dizer que o próprio nome que ele escolheu é uma indicação duma *revolução evangélica* de que tínhamos perdido o sabor nestes últimos séculos. Ele reconduz a Igreja à sua identidade mais íntima: “O lintel que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Nada do seu anúncio e do seu testemunho para o mundo pode ser desprovida de misericórdia” (MV 10).

2. *Ele é o primeiro Papa* que não tinha experimentado directamente o Concílio. No entanto, ele é o fruto maduro do Vaticano II, ele adquiriu o seu método e tem o seu espírito e o seu sopro carismático. Ele não se sente obrigado a justificar a sua escolha hermenêutica na matéria. Com Francisco, inesperadamente as tensões eclesiais sobre a correcta *hermenêutica* aplicáveis ao Concílio - tão evidente em Bento XVI, e fonte de fricções problemáticas durante o seu pontificado - desapareceram. Ele põe em prática as múltiplas faces da Igreja delineadas pelo Concílio Vaticano II, sem impor nenhuma em particular.

Se acaso reabre à variedade, desde o paradigma guia que é o do *povo de Deus*, e da imagem guia de Cristo, que é o *profeta messiânico dos pobres*, consciente de que tais perspectivas nas últimas décadas têm sido um pouco “mortificadas e esterilizadas por várias razões. Ele não gosta de perder tempo com as questões hermenêuticas mais adequadas e vinculantes. Reconduz tudo - a herança milenar do Ocidente e o frescor das novas Igrejas no hemisfério sul; a pesquisa dos teólogos profissionais e as diferentes tradições religiosas – para à verificação estreita com o Evangelho, à encarnação das exigências expressas por Jesus. Porque no fundo, este foi também a *intentio prima* do Vaticano II, mas que depois de tudo, a hermenêutica diatribes tinha emaranhado tudo.

Ele está convencido de que no povo dos crentes - mas também no coração de cada pessoa honesta - há uma abertura à transcendência, uma disponibilidade à verdade e ao bem, um *sensus Dei et fidei*, que muitas vezes os profissionais de fé e das estruturas eclesiais não o mostram (ou talvez suspeita de que não o possuem?). E em qualquer caso mostram isso emaranhando o tudo com sistemas de pensamento e formas de preceitos e proibições, afastando-se da vida das pessoas e do seu *ethos* religioso. As suas frequentes *pontas* críticas para com os teólogos profissionais, dotados de muitos graus, mas talvez com pouca fé e senso pastoral, mostram que ele não tem medo de sacudir ilusões e despir vaidades. Podemos dizer que ao fazer isso ele vai muito mais longe: reabre a *questão de Deus*, e faz isso de uma forma incomum: não aceita que Lhe sequestram no templo dos clérigos, profissionais contadores de fábula sobre um Deus impassível, dentro duma sociedade que parece prescindir completamente de Deus¹¹.

Por isso a sua proposta cristã centra-se nos valores como a *misericórdia*, a *proximidade*, a *ternura*, o *encontro*, a *companhia*, o *caminho*, a *provisoriidade*, a *empatía*, para indicar que estamos na fragilidade de todos e todos somos *viatores*, bem como todos somos *peccatores*. Não é apenas questão de terminologia alternativa e quase desprezado pelos guardiães clássicos da teologia académica. É, antes de tudo, uma *forma ecclesiae* calcada sobre a *forma Christi*. Uma *reformatio* que retrabalha a *conformatio* segundo o perfil evangélico para uma nova *transfiguratio Ecclesiae*. No fundo pode-se facilmente intuir o paradigma da espiritualidade dos *Exercícios* inicianos.

3. *E em termos de categorias existenciais*, ele prefere dar a primazia aos *pobres*, àqueles que são marginalizados na sociedade, que são descartados, são excluídos, são os últimos, são recuzados, são vítimas, estão sós, são considerados inúteis. É questão de pura opção evangélica, não sociológica. Para os provenientes da América Latina esta é uma escolha que inclui a grande maioria das pessoas. E é também o terreno de exploração evangelizadora preferencial nas últimas décadas, cadenciados nas principais Conferências das Assembléias do CELAM. E neste caso Francisco é testemunha e herdeiro consistente: e na parte mais recente, particularmente *Aparecida* (2007), também ele é um protagonista reconhecido.

Para o Ocidente, em torno do primado dos pobres na vida da Igreja, existem memórias maravilhosas e cicatrizes sangrentas, nervos à flor da pele, messianismos perversos e até mesmo responsabilidades históricas, mecanismos de justificação e sistemas idolatrados. É por isso que os gestos e a linguagem de Francisco no âmbito dos “pobres”, são lidos e interpretados de uma forma totalmente diferente na cultura ocidental (com as suas memórias e tragédias) e nas outras culturas emergentes. A partir daqui é que surgem tantos conflitos, suspeitas e acusações de comunismo, de populismo, de anti-liberalismo. Porém Francisco inspira-se directamente no Evangelho; existe uma ligação intrínseca, de acordo com o Evangelho, entre a missão de Jesus - e, portanto, da Igreja - e a opção preferencial pelos pobres, e todos os seus problemas existenciais.

Porque não é apenas questão de penúria material de alimentos, de dinheiro, de trabalho, de saúde, etc. É questão de toda a constelação de sua *dignidade*, por uma vida “digna” de ser vivida: como bem tinha destacado na recente *mensagem* na abertura do *Expo* Universal de Milão (1 de Maio de 2015). Nessa mensagem, ele não convidou-nos à reflectir sobre a “fome” na teoria e em abstracto, mas sim à imaginar os *rostos humilhados* dos famintos, dos explorados, dos novos escravos, dos que estão desempregados, e portanto, dos sem *dignidade*. Ele pediu de “globalizar a solidariedade” para combater a “globalização da indiferença” (da qual ele tinha falado em Lampedusa).

4. *Critério hermenêutico e heurístico*: portanto, falar de “periferias” - e de todas as implicações que contêm, ao nível geográfico, existencial, cultural, antropológico - não significa sómente fazer apelo à uma sociologia de marginalização. Trata-se de introduzir um verdadeiro e próprio *critério hermenêutico*, até chegar à um processo *heurístico*. Trata-se de interpretar, e ao mesmo tempo de “descobrir”, os valores que necessitamos - “Os pobres são uma riqueza”¹² - e iniciar um processo de discernimento evangélico. Mas também é uma chamada para uma tomada de responsabilidade diante dos mecanismos financeiros, culturais, sociais, antropológicos, etc, que estas periferias produzem, ou pervertem ou ocultam ou exploram. Podemos dizer que também para o Papa Francisco, Jesus era um “judeu marginal” - conforme foi definido pela famosa obra de J. P. Meier¹³

e até mesmo a Igreja deve ter esta característica: colocar-se nas “margens”, tornando-se a si mesma frequentadora das periferias geográficas e existenciais, vivendo um estado de re-fundação e re-invenção evangélica.

Em uma globalização maciça que ameaça de homologar tudo aos critérios relacionados com o domínio de alguns “valentões” sobre os mais fracos, para obscurecer não apenas os factos negativos, mas também a consciência da sua própria responsabilidade diante deles, o Papa pede que a Igreja seja capaz de *deslocar-se* para onde o seu Mestre e Fundador queria mostrar Sua simpatia. Solicita, portanto, não só para ver a realidade e julgar-la *a partir das periferias*, donde, de acordo com ele, as demais coisas se podem entender ainda melhor. Mas para reconstruir corajosamente a sua própria identidade como Igreja do Senhor, a partir daí: por isso quer uma *Igreja em saída*. Não simplesmente para fazer alguma coisa lá, praticando a benevolência para com os que estão lá, olhando com compaixão e empatia para aqueles que lá sofrem e são excluídos. Mas pelo contrário. Para de lá explorar o significado e a linguagem, o estilo e as obras, as utopias e a fidelidade: em uma palavra, por uma verdadeira e original reformulação da própria identidade da Igreja. Esta é a sua verdadeira revolução copernicana: não uma Igreja que *também vai para as periferias*, mas sim que engloba essa situação, bem enraizada nas feridas do passado e ansiedades dos últimos, dentro da sua função, identidade e profecia. E repartir daí, com radicalidade.

As suas viagens apostólicas - a partir de Lampedusa (8 de Julho de 2013) em diante, quase sempre são dirigidas precisamente para as periferias, limitando-se a um mínimo nos deveres e formalidades institucionais - são a prova de que Ele atende as *periferias*, que está à vontade nesses contextos, evita os cenários triunfais e os privilégios honoríficos¹⁴. E até mesmo em sua casa, ele é muito discreto e quase fuge dos triunfalismos, enquanto dedica a sua atenção, inventa iniciativas, fornece de forma criativa para as situações de sofrimento e humilhação. Também as “periferias” existenciais “ao lado de casa” são o objecto de sua atenção e compromisso.

Todos nós vemos que realiza eventos corajosos e ousados com os pobres e os sem-teto, mesmo na sua casa: pensemos o concerto nos Museus do Vaticano ou na sala de audiências, onde os primeiros lugares são para os pobres. Pensemos nos chuveiros e nos barbeiros mesmo dentro das colunatas; pensemos nos momentos no qual actúa “fora do programa” quando visita as paróquias romanas; pensemos no trabalho enorme da sua esmolaria directamente no campo, etc. Eles não são apenas *episódios de notícias*, são gestos inspiradores dum outro estilo, de outras prioridades, de outras maneiras de ser verdadeiros discípulos do Senhor. A partir daí nasce uma outra Igreja: desde baixo, fora do esquema e do sistema, criativa e serva, sem retórica, mas chamando a todos para a colaboração, ao res de chão. E quem mais resistem à isto são precisamente os aparelhos eclesiásticos, que na Igreja fixaram a sua fisionomia e tarefas, para seu próprio uso e consumo...

II. Aplicando à nós consagrados

O relatório do Mestre Geral p. Bruno Cadoré op - que com antecedência pude conhecer as linhas gerais - que aqui vou ter que dar por implícita, vai iluminar muitas coisas. É sob a luz das minhas considerações feitas até aqui, e sem invadir o campo do p. Cadoré, quero dizer algo sobre as consequências deste *fenómeno Francisco* sobre a vida consagrada.

1. *Como a mulher encurvada*: começaria citando um pequeno ícone bíblico: a cura da mulher encurvada dentro da sinagoga num dia de sábado (Lc 13,10-17). Todos nós conhecemos aquele episódio, que suscitou júbilo entre a multidão das pessoas e irritação nos chefes da sinagoga, que o viam como uma perturbação para a santidade do sábado. Card. Bergoglio citou este mesmo episódio nas assembleias preparatórias ao Conclave: “Evangelizar, torna-se auto-referencial, e enferma-se, como a *mulher encurvada dobrada* sobre si mesma de quem fala o Evangelho de Lucas ... A Igreja auto-referencial quer manter Jesus Cristo dentro, e não Lhe deixa sair”. Ele falou para toda a Igreja, mas eu vejo uma aplicação relevante também para a vida consagrada. Parece que estou vendo a situação da vida consagrada nas últimas décadas.

Ignorada nos Sínodos continentais e naquelas temáticas, cansada de si pela anemia de forças e a crise de planejamento: e ainda assim, lá dentro, a vida consagrada continuou o seu serviço, sofrendo humilhações sem quase ser contada. Reduzida a ser invisível e *sub tutela*, para favorecer ainda mais o protagonismo de outras agregações galopantes e acusada de deixar-se conduzir ao aburguesamento. Gratuitamente mesmo criticada como resíduo em perigo de extinção. E em vez disso, agora com Francisco está chamada para um novo protagonismo, removida da marginalização e da invisibilidade, para participar numa nova *forma Ecclesiae*, com coragem profética. Olhando com amor e alegria, apesar do cansaço e da inquietude pelo futuro incerto de muitas iniciativas. Agora já não é mais uma espécie de peça do museu histórico, mas está convidada para *primerear*, para tomar iniciativa, para estar em linha reta em toda a sua originalidade, para “despertar o mundo”, para habitar as megalópoles com as suas ambiguidades, complexidades, desafios a campo cheio.

Podemos dizer que o inverno já passou; mas para o florescimento de uma nova primavera é preciso de frescos recursos, um “aguaceiro que ensopa a terra” (cfr. Os 6,3). As solicitações do Papa Francisco para uma nova estação de protagonismo, implicam um retorno sério e purificador para a centralidade da *sequela Christi*, para um sentido de Igreja que já não se baseia mais na eficiência e no ter ocupações, mas na escuta empática de novas solicitações, dentro dos novos contextos, para não dar respostas antigas à perguntas que ninguém faz (cfr. EG 155). “Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Encontrareis a vida

dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando”¹⁵.

2. Sobre a questão específica da *identidade e missão* da vida consagrada no seu projecto estratégico de *Igreja*, o Papa Francisco, até agora, não forneceu um tratamento orgânico real. Claro que temos uma infinidade de declarações muito interessantes e até mesmo sábias, mas sempre *in progress*. Estes têm sido propostas em contextos principalmente ocasionais - reuniões, capítulos, diálogos, mensagens, celebrações, entrevistas, contactos informais, etc. - E, por conseguinte, têm a característica de fragmentários¹⁶. Nós também podemos fazer uma *compilação*, ou seja, reunindo as muitas peças das suas sugestões e compor-lhes em um padrão orgânico e completo. Mas será exercício escolar, muito longe de seu método, que em vez evita esquemas *all-inclusive*, que esmagam tudo.

Podemos realmente dizer que, como um bom jesuíta que é, tem e apresenta uma *mente aberta*, continuamente adaptada. Isto não quer dizer que carece de uma visão global clara – em realidade vê-se que no fundo o possui¹⁷ - mas o que lhe interessa é concentrar-se nalguns aspectos do momento presente, fazendo ênfases icásticos, com imagens um pouco raspadas, deixando assim em aberto para posteriores esclarecimentos. Ele não não está interessado em fixar o pensamento, mas centrar-se numa situação ou num problema, encender a fantasia, ele convida para apoiar o bom senso comum, ele ri-se da hipocrisia. Também é importante a sua freqüente exclamação: “Eh ...!”, que desperta a atenção e dá um tom de interpelação, quase a espera de um aceno com a cabeça ...

Como um método, isso permite-lhe, de não sentir-se vinculado a uma temática teórica compacta e exaustiva, desde os contornos rígidos e não *líquidos*. Nós os ocidentais, geralmente, temos em mente essa exigência de teorias claras e distintas, que também preocupa alguns dicastérios romanos, que sentem a missão de “dar uma estrutura teológica ao papado ...”. Ele prefere deixar em suspenso muitas questões: às vezes até não termina mesmo uma frase. E isso é perfeitamente coerente com uma elaboração em continuo processo, que incorpora novas ênfases, que tende a consolidar-se, mas sem nunca concluir-se e nem esgotar-se.

3. *Ele tende a repetir* expressões originais, imagens, comparações. Por isso se conhecem os seus escritos e discursos - do passado e do presente - muitas vezes encontram-se repetições, de imagens e provocações, que não são apagadas, mas sim brilhantes. Ele não tem dificuldade em retomar - mesmo literalmente – as suas expressões já ditas, talvez adicionando alguns retoques de originalidade.

Indico só um *exemplo* concreto. Falando do *carisma*, aos religiosos tinha dito que “o carisma não deve ser armazenado como uma garrafa de água destilada, tem que fazê-lo frutificar, com coragem, confrontando-a com a realidade actual, com as culturas, com a história”¹⁸. Falando novamente sobre o mesmo tema na audiência com o movimento de *Comunione e Liberazione*, expandiu-lo assim: “O carisma não se guarda numa garrafa de água destilada! Fidelidade ao carisma não

significa ‘petrificar-lo’ - é o diabo que “petrifica”, não se esqueçam! - A fidelidade ao carisma não significa escrever-lo num pergaminho e colocá-lo num quadro” (7 de Março de 2015).

Nós podemos falar sobre um dos seus vocabulários típicos, ou mais precisamente duma sua arte heurística para traduzir a idéia em imagem, no gosto de uma *mise en scène* de hipocrisias e de manias eclesiásticas e dos religiosos em particular. É Freqüente a típica esquematização pedagógica jesuíta que recorre para uma argumentação (verbos, palavras, conceitos, etc.) apoiados por três *focus*. Ele às vezes sorri desta sua abordagem em grupos de três. Mas quando ele tem que fazer acenos rápidos para a prática - tanto positiva como negativamente - a tendência é a de acumular tantos exemplos. Dou um exemplo, citando a *Evangelii gaudium*: “... Isto implica a evitar diferentes formas de ocultação da realidade: os purismos angelicais, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projectos que são mais formais do que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria.” (EG 231). É o seu estilo, um exemplo após a outra (cascata), que é uma indicação duma mente e imaginação viva.

4. *Uma espécie de premissa* interpretativa de sua leitura sobre a vida consagrada, podemos encontrar na intervenção de Bergoglio no Sínodo sobre a Vida Consagrada em 1994, ao qual participou como bispo auxiliar de Buenos Aires¹⁹. Naquela intervenção ele coloca claramente a questão do “aspecto multiforme” da vida consagrada: porém não tanto na variedade dos carismas e dos ideais, mas sim nas tensões a que se deve responder. E citou três. A primeira é a de estar no meio do *povo de Deus*, numa específica Igreja local, contribuindo com o seu propio carisma, a edificação comum na fé. A segunda tensão está entre as *urgências* do presente e a *preservação* da própria identidade: nem isolacionismo e nem achatamento, mas sim a presença de uma identidade clara. E também assunção clara de responsabilidade directa, evitando “uma atitude de mundanismo espiritual que destrói a vida consagrada”. A terceira tensão a ser resolvida é a da *reserva escatológica*: para não só submerger-se na realidade histórica sem hipocrisia, mas também ser capazes de fermentar o tudo em vista duma plenitude que se realiza mais além do tempo. Um “mundo vindouro” não só de palavras, mas também demonstrado, vivido, desafiadora profeticamente com a eficácia da comunicação.

Muito mais articulada e pertinente foi a sua reflexão sobre a identidade e os problemas da vida consagrada no famoso encontro com os Superiores Gerais (29 de Novembro de 2013)²⁰. Mas se voltamos a ler, assim como fez com abundância na carta *Alegrai-vos* (2014), muitos outros fragmentos deste discurso - nas ocasiões dos capítulos, assembléias, comemorações, celebrações, grupos, viagens, visitas, até mesmo gestos que são apenas ocasionais - encontraremos que os temas multiplicam-se ao longo de vários outros aspectos da vida consagrada. Talvez o

texto muito mais orgânico e bem pensado, até agora, é sua *Carta Apostólica* à todos as pessoas consagradas (21 de novembro de 2014) por ocasião do início do Ano da Vida Consagrada. Em que no entanto - como é o seu estilo - ele não propõe uma teoria geral da vida consagrada, mas as diretrizes dinâmicas para o ano especial que estava prestes a começar. Dentro dessa especificidade, seguramente aparecem também os temas que ele quer dar privilégio: mas como rotas dinâmicas, e não como afirmações de princípios, frias e abstractas. É uma solicitação para uma *orto praxis* não mumificada.

5. *Os pontos focais da carta apostólica*: em resumo conciso, podemos detectar não só a conhecida divisão tripartite habitual mais ou menos harmoniosa: 1) Os objectivos; 2) As expectativas; 3) Os horizontes. Mas acima de tudo evidência-se a leitura dinâmica e projectiva das temporadas vividas, a centralidade constante e distintiva da *sequela Christi*, como lei suprema, o testemunho de comunhão e o convite para “elaborar juntos novas formas de Viver o Evangelho e respostas cada vez mais adaptadas às exigências de testemunho e de anúncio” (I,3). E depois a insistência sobre a *alegria* que brota do seguimento generoso, o desafio de “não dever jamais renunciar à profecia” e de “criar ‘outros lugares’”, onde se vive a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco (II,1-2). A disponibilidade de novos caminhos de interculturalidade, de solidariedade, de proximidade, de reutilização das grandes casas para o benefício das novas exigências de hospitalidade e como resposta ao clamor dos pobres (II,3-4).

A terceira parte da carta está aberta ao diálogo com todos os componentes eclesiais: as novas experiências de “família carismática” ampliada com os leigos, e entre instituições, a inclusão no meio do povo de Deus e a convergência com o tema incandescente da família neste período “sinodal”. Ampliam-se os horizontes também para as formas de fraternidade e comunidades pertencentes a Igrejas de tradição diversa da católica e também em todas as grandes tradições religiosas (III,1-4). Desta forma Papa Francisco pensa que a vida religiosa nas suas diversas formas é um recurso valioso para o diálogo ecumênico e inter-religioso e “pode abrir caminhos novos nas relações entre povos e culturas” (III,4). E, finalmente, dirigindo-se aos bispos repetiu uma sua frase pronunciada no Sínodo de 1994: “A vida consagrada é um dom feito à Igreja, nasce na Igreja, cresce na Igreja, está totalmente orientada para a Igreja”.

Se nos oferece assim, uma apresentação serena da vida consagrada, de sua identidade carismática, eclesial e profética. Sem negar fragilidades e sombras, mencionadas com a solicitação para superá-las, o Papa Francisco destacou a contribuição original e fecunda de um estilo de vida evangélico, projectivo e profético. Ele não pensa que este tipo de vida chegou ao fim - como às vezes nestes anos parecia que os Sínodos (e também certos dicastérios romanos) tendiam a pensar - mas honestamente revoca o risco da sacralização dos esquemas de

dados. Podemos dizer que apela a um exercício constante de uma identidade clara e de profecia exploradora, combinando de forma genial *lumen et numen*. Ou seja, dar forma a uma existência transfigurada donde brilha (*lumen*), sem imposições, a radicalidade evangélica dum autêntica *sequela Christi*, e não de plástica. E oferecer uma epifania do mistério da transcendência (*numen*) que habita a história e conduz para a meta futura. Este apelo para o futuro - a perspectiva tradicional *escatológica* - talvez seja uma das graves deficiências que enfraquecem a planificação dos projectos eclesiais de hoje. Aqui existe um espaço criativo que ninguém sabe como fazer frutificar. Mas também a retomada da *misericórdia* como característica central da revelação e do Evangelho precisa de uma nova fantasia, inventiva de percursos e estilos. É uma grande possibilidade para os carismas históricos, que já têm sido capazes de realizar obras e estilos em torno desse valor. Mas hoje é necessário de reelaborar o todo com uma parresia nova e com uma imaginação exploradora.

Coragem, levanta-te! Ele te chama!

Gostaria concluir com um segundo ícone, que tomo do Evangelho de Marcos. Trata-se da cura do cego de Jericó, Bartimeu. Marcos faz uma descrição colorida (Mc 10,46-52), melhor do que os outros Sinóticos (cf. Mt 20,29-34; Lc 18,35-43). Na cena, antes de tudo temos uma espécie de diálogo agressivo: Bartimeu vive nas margens da cidade, grita e implora “compaixão”, a multidão dos discípulos repreende-o para silenciá-lo. Depois, há uma reviravolta na cena: Jesus detem-se e quer encontrar-se com o cego dizendo: “Chamai-o!” As pessoas mudam de atitude e encorajam-o: “Coragem, levanta-te! Ele te chama”; pelo qual Bartimeu responde com três gestos: deixou o manto, deu um salto, foi até Jesus. Finalmente, há um diálogo entre Jesus e Bartimeu: este implora para “recuperar” a vista, Jesus responde que foi próprio a sua fé corajosa, a ser fonte da salvação. E depois Bartimeu curado seguiu Jesus na estrada para Jerusalém.

Parece-me que é a síntese do que a vida religiosa sofreu e implorou durante anos. Forçada a viver *nas margens*, assim como o cego, repreendida e silenciada por muito tempo, ou acusada de dar distúrbio à “comunhão” e à *gestão* tranquila do sistema, a vida consagrada, com certeza, tinha passado por tempos de tristeza e de invisibilidade. Agora Francisco queria compreender o sofrimento, encontrar-se com as pessoas consagradas, apreciar o seu desejo de uma nova temporada de cura e discipulado. E ele mesmo, o Papa Francisco, com o *Ano da vida consagrada*, é como se ele dissesse: “Coragem, levanta-te” à todas as pessoas consagradas. Ele convidou para levantar-se, para jogar fora as capas e defesas, preguiças e resistências, álibis e mundanidades, por um conhecimento mútuo na verdade. Mas também por uma nova liberdade no *seguimento*, numa Igreja que às vezes corre o risco de endurecer-se na sua auto-referencialidade sacralizada.

O Papa Francisco comentou também este episódio na Santa Marta em

Novembro de 2014, e fê-lo com seu próprio estilo. Na verdade ele insistiu sobre o risco que a Igreja corre de construir um cerco em torno de si, para fechar-se ao grito dos pobres, e afastar-se do Senhor mesmo. Ele falou de “microclima eclesiástico”, dos “pequenos mundos” no qual se fecham dentro dos privilégios, recusando a escutar o grito das periferias, das crianças, dos marginalizados ... (17 de Novembro de 2014).

Como Bartimeu, também nós devemos implorar misericórdia, porém ao mesmo tempo ter a coragem de não cerrar-nos dentro dos nossos “círculos eclesiásticos”, onde falam-se de si mesmo à boca cheia, de não cerrar-nos dentro dum medo *sagrado* e egoísta. E depois abandonar as capas, dar um salto, para encontrar a Jesús o amigo compassivo, e não a um seu fantasma, não um simulacro confortável. E deixar-nos conduzir à uma nova visão, em diálogo com Ele: reencontrar a liberdade do seguimento na intimidade confiante, a alegria de uma nova pertença, a criatividade de uma nova proximidade com todos os que choram e imploram compaixão. E nós também tornar-nos capazes de pronunciar palavras de encorajamento, de fazer voar os mantos e despedaçar ilusões sagradas, de levantar-nos e ajudar a levantar-se. E depois também de seguir o Mestre, com um olhar iluminado e curado, e com ânimo audaz e profético.

¹ A.M. VALLI, *L'alfabeto di Papa Francesco. Parole e gesti di un pontificato*, Ancora, Milano 2015.

² Mencionamos apenas algumas publicações: W. KASPER, *Papa Francesco. La rivoluzione della tenerezza e dell'amore*, Queriniana, Brescia 2015; R. LA VALLE, *Chi sono io, Francesco? Cronache di cose mai viste*, Ponte alle Grazie, Firenze 2015; G. F. SVIDERCOSCHI, *Un Papa solo al comando e una Chiesa che a fatica lo segue*, Tau Editrice, Todi 2015; A. IVEREIGH, *The Great Reformer. Francis and the Making of a Radical Pope*, Henry Holt and Company, New York 2014; R. LUISE, *Con le periferie nel cuore*, San Paolo, Cinisello B. 2014; M. POLITI, *Francesco tra i lupi. Il segreto di una rivoluzione*, Laterza, Roma-Bari 2014.

³ Cfr O curso de exercícios espirituais que ele pregou para os bispos espanhóis (2006): PAPA FRANCESCO, *In Lui solo la speranza*, Jaca Book-LEV, Milano-Roma 2013.

⁴ A referência agora reconhecida é a do pensamento de alguns teólogos como Lucio Gera, Rafael Tello e Juan Carlos Scannone, Carlos M. Galli e outros. Cfr. para uma primeira aproximação: C. SCANNONE, *Papa Francesco e la teologia del Popolo*, em *Civ. Catt.* (2014/I) 571-590 e *Il soggetto comunitario della spiritualità e della mistica popolari*, em *Civ. Catt.* (2015/I) 126-141.

⁵ Basta ler o dossiê de *Concilium* 2/2013 dedicado às “Teologías postcoloniales”.

⁶ G.F. SVIDERCOSCHI, *Un papa solo al comando e una Chiesa che a fatica lo segue*, Tau Editrice, Todi 2015.

⁷ V. V. ALBERTI, *Il Papa gesuita. “Pensiero incompleto”, laicità, libertà in Papa Francesco*, Mondadori, Milano 2015.

⁸ Um bom comentário aplicado à vida consagrada em: L. GUCCINI, *Vita consacrata e mondanità spirituale. La Parola di Papa Francesco*, Dehoniane, Bologna 2015.

- ⁹ *Homília*, em Santa Marta: 16 de Maio de 2013.
- ¹⁰ É o discurso aos movimentos eclesiais, novas comunidades e às agregações de leigos na véspera de Pentecostes, 18 de Maio de 2013.
- ¹¹ Cfr. R. LA VALLE, *Chi sono io, Francesco? Cronache di cose mai viste*, Ponte alle Grazie, Milano 2015.
- ¹² “Vocês não sois um fardo para nós. Sois a riqueza, sem a qual nossas tentativas para descobrir a face do Senhor são em vão”: mensagem de vídeo para os participantes do evento “Se não fosse por você”, espetáculo no Teatro Brancaccio organizado pela Caritas da Diocese de Roma (28 de Abril de 2015).
- ¹³ Vêm à mente as mais de 3.000 páginas dos 4 volumes de J.P. MEIER, *Un ebreo marginale. Ripensare il Gesù storico*, Queriniana, Brescia.
- ¹⁴ Cfr. R. LUISE, *Con le periferie nel cuore*, San Paolo, Cinisello B. 2014.
- ¹⁵ PAPA FRANCISCO, *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas*, 21 de Novembro de 2014, II,4.
- ¹⁶ As suas reflexões sobre o tema no período em que ele era o provincial estão recolhidos no livro: PAPA FRANCESCO, *Nel cuore di ogni padre. Alle radici della mia spiritualità*, Milão, Rizzoli 2014. Também importante é a síntese de uma ampla conversa com os Superiores Gerais (USG) no 29 de novembro de 2013: A. SPADARO, “Svegliate il mondo!”. *Colloquio di Papa Francesco con i Superiori Generali*, in *Civ. Catt.* (2014/I), 3-17. Uma proposta de leitura transversal de seu pensamento sobre o tema, expressado em várias ocasiões, encontramos na carta: *Alegrai-vos*, da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Lev, Cidade do Vaticano 2014.
- ¹⁷ De facto, o projecto do *Jubileu de misericórdia* é um elemento perturbador que nos obriga a repensar muitos enfoques anteriores. Para muitos continua a ser um dos muitos “anos santos”, mesmo que “extraordinário”. Na verdade, é uma escolha estratégica para uma nova temporada eclesiológica: a intenção original é uma verdadeira “refundação” eclesiológica: a bula *Misericordiae vultus* a evidencia, (cfr. n. 10-12), mesmo que não a explícita completamente. E aqui a vida consagrada podia encontrar o seu novo protagonismo: não trabalha mais por conta própria, e em concorrência com a sociedade, mas sim dedicar-se à *animação* espiritual, com generosidade, contemplação e criatividade.
- ¹⁸ PAPA FRANCISCO, *Mensaje*, Assembléia da CISM, Tivoli, 7 de Novembro de 2014.
- ¹⁹ Uma descrição detalhada deste tema feita por A. SPADARO, num artigo recente “*Uomini e donne che illuminano il futuro*”. *Sette sfide della vita consacrata secondo Papa Francesco*, in *Civ. Catt.*, 2015 II 153-155 [153-169].
- ²⁰ Sintetizado e publicado no artigo de A. SPADARO, “*Svegliate il mondo!*”, já citado.

INTERCONGREGACIONALIDADE. SOLIDARIEDADE INTERCONGREGACIONAL

Ir. Paulo Dullius, FSC

Irmão Paul Dullius, Lassalista, é formado em filosofia e teologia. Ele tem a licenciatura e o Mestrado em Psicologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e é Professor de Antropologia Filosófica na Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma.

Original em Português

O futuro da vida religiosa será mais humilde, não grandes instituições; mais centrada em Deus, muito mais espiritual; mais trabalhada interiormente; mais missionária e por isso mais preparada para tal; mais simples e simplificada do ponto de vista institucional; mais configurada com novas formas de comunidade ampliada, hospitaleira, centros de espiritualidade e missão; impressiona a sociedade com rostos compassivos, serenos, centrados, luminosos. (José Cristo Rey Garcia Paredes)

1. Contextualização

Poderia parecer que a intercongregacionalidade¹ seja algo totalmente novo na Igreja e na Vida Religiosa. A própria dinâmica da vida tende a recuperar a verdade, o bem e o amor. Esta dinâmica está na raiz do ser humano e nas estruturas. Mesmo que haja certos distanciamentos, as forças do bem tendem a acionar a criatividade para reencontrar o sentido da vida e da missão. As insatisfações diante do mal são contrabalançadas diante do bem estar e da paz resultante do bem.

Todos nós somos testemunho do surgimento de pessoas e de grupos que na história procuram recuperar ou promover o bem, a verdade e o amor. Uma instituição que surge por razões positivas pode descaracterizar-se com o tempo, pelo desvio do foco para aspectos imediatos e introduzir uma estrutura que se distancia progressivamente da causa original. Isso acontece com qualquer sociedade. Inicia-se um certo otimismo positivo um ‘estado nascente’ e, aos poucos, são introduzidos aspectos negativos que podem colocar em perigo a

própria instituição. Temos vários exemplos desta dinâmica na história de Israel, na Igreja, na história das Instituições religiosas em particular e também na Vida Religiosa como estado de vida assumido.

Francesco Alberoni², explicitando um esquema de Max Weber, fala dos movimentos, especialmente religiosos, passando por três etapas. De alguma forma a intercongregacionalidade pode ser enquadrada nesta dinâmica, principalmente na primeira. Como ‘estado nascente’, já esteve presente no início da Igreja e, de alguma forma, em cada início de Congregação Religiosa. O primeiro passo se caracteriza por uma alegria grande pois se encontrou o que se buscava. Esta alegria se transforma numa espécie de euforia e entusiasmo, ignorando diferenças, acreditando numa salvação dos participantes e certa ‘condenação’ naqueles que não participam. Em geral, a consciência de serem os privilegiados leva a encontrar um inimigo que precisa ser combatido. Na Bíblia e no Cristianismo este inimigo é o demônio, o pecado... Depois, este ‘inimigo’ passou a ser o governo, os ricos, os exploradores, os detentores do poder. Sutilmente a maioria das congregações acentuam o bem que querem realizar e ‘aumentam’ o inimigo, o mal. A igualdade dos integrantes leva a uma desconsideração das diferenças. Ignora-se o mal anterior e se projeta tudo para um futuro melhor.

Num segundo momento encontramos a institucionalização. Algumas regras se estabelecem e uma hierarquia se instaura. As pessoas que integram ainda são chamadas de ‘irmãos’, ‘irmãs’ e uma moral de comportamentos permite reconhecer os que pertencem e os que não pertencem. “Vede como eles se amam”! Isso significa que já não é a emoção o centro, mas outros aspectos, alguns bem racionais, sobretudo quando a dificuldade de se afirmar é acentuada.

Um terceiro momento é o da quotidianidade, ou seja, o dia a dia. Neste dia a dia começam a entrar dinâmicas sociais e pessoais que podem se distanciar aos poucos das perspectivas iniciais. Quando o cotidiano se estende no tempo, pode ser que a qualidade dos integrantes dê características mais próximas da causa inicial, servindo-se de uma liberdade efetiva saudável, ou pode, também, distanciar-se da causa original, porque a falta de liberdade efetiva se manifesta nas pessoas e nas estruturas, gerando um processo dialético de mútuo reforço.

Creio que esta realidade do estado nascente, da institucionalização e da quotidianidade pode ser uma boa chave de leitura e compreensão do que se passa atualmente na Igreja e na Vida Religiosa. Ajuda também a situar-nos melhor diante da intercongregacionalidade. Quando uma instituição – na fase da quotidianidade – está muito distante das causas originais, ela pode degenerar, perder seu sentido e até morrer. Ou então, pode voltar às fontes, purificar-se de aspectos espúrios e usar a criatividade para aumentar a fidelidade à primeira causa. Pode também, numa terceira alternativa, fazer outras opções que correspondem melhor hoje à intencionalidade original. A intercongregacionalidade, como veremos, corresponde um tanto a esta terceira alternativa. Mas temos também conhecimento

de reformas da vida religiosa em geral e de congregações, em particular. É muito difícil, dentro da dinâmica humana geral, uma instituição ‘morrer’, ainda que conheçamos muitos casos devido à qualidade dos seus membros ou devido às mudanças sociais. O que se constata hoje é a força da quotidianidade na maioria das Congregações, algumas delas, com pouca capacidade de renovação criativa ou opções diferentes como manifestação da fidelidade ao carisma fundacional.

Congregações com menos ‘idade’, com menos história podem ter ainda grandes traços do estado nascente. Outras com mais tempo de existência podem ter já passado por ‘reformas’ ou necessitando delas hoje. Isso vai depender da própria compreensão da vida religiosa como tal e sua missão no mundo como expressão da Igreja, e vai também depender da realidade social que requer outra forma de presença. Em todas estas diferentes situações a variável fundamental não é a nova realidade social ou a nova doutrina, os novos desafios e apelos, mas vai depender da qualidade das pessoas em questão. Não são os sonhos que morrem, mas a qualidade das pessoas e de suas relações faz perecerem sonhos e iniciativas.

2. Intercongregacionalidade e partilha do carisma

A partir daquilo que foi exposto acima, a meu ver a intercongregacionalidade se caracteriza um pouco como estado nascente e como uma superação da ‘negatividade’ do quotidiano. Do estado nascente podemos constatar certa euforia com a opção feita, pouco avaliando ainda as possibilidades negativas subjacentes; da quotidianidade procura afastar-se dos ‘desvios históricos’ que caracterizam muitas instituições atuais, sendo uma resposta às necessidades evangélicas de hoje, e também uma forma de vida criativa das instituições religiosas. Várias instituições religiosas oferecem muito pouco como alternativa de vida e pouco se empenham no processo humanizante de seus integrantes e daqueles que estão à margem. Algumas até podem manter vários traços regressivos e infantilizantes.

A Intercongregacionalidade é concretamente uma aliança que está acontecendo entre Congregações já há alguns anos. Esta aliança coloca a missão comum como centro referencial. A mesma missão decorrente de carismas semelhantes, mas mais ainda uma ação comum junto ao povo necessitado, deixando em segundo plano a expressão do próprio carisma, para garantir uma ampla humanização das pessoas. Deixa-se, em parte, de lado diferença congregacional e se assume um novo jeito de ser vida religiosa hoje. Os carismas são mais vistos como complementares na missão evangelizadora. A característica comum é se deixar conduzir pelo Espírito Santo.

Há várias formas de expressão da intercongregacionalidade. Uma delas é aquela que partilha o carisma aos leigos. A riqueza do carisma precisa ser partilhado e os leigos se beneficiam do carisma e colaboram para que ele seja uma

alternativa saudável para tantas outras pessoas. Outra forma de intercongregacionalidade é a união de carismas semelhantes para uma causa comum. Uma terceira forma é descentralizar do carisma próprio para focalizar na missão. Por muito tempo as congregações se fecharam bastante em seu carisma desenvolvendo sua especificidade como carisma da Igreja. E como tal não se pode abdicar do mesmo sem mais nem menos. Quando o carisma como expressão da identidade não é suficientemente forte, tende a se fechar sobre si mesmo. Mas pode também perder sua importância. Na missão da intercongregacionalidade o carisma precisa estar bem assumido, mas não salientado. O que importa é a missão a um povo necessitado. Dali decorre a grande característica atual da intercongregacionalidade: Solidariedade com os que sofrem e gritam por salvação humana integral. A intercongregacionalidade é antes de tudo solidariedade decorrente da missão. A intercongregacionalidade supera a visão do próprio carisma para assumir a causa comum do Reino de Deus.

Considera-se intercongregacionalidade não a aliança em si, mas aquela que tem como público alvo, os pobres. As associações em obras de classe média por parte de várias Congregações não são oficialmente integradas na compreensão de intercongregacionalidade, ainda que sejam louváveis e boas. A realidade da intercongregacionalidade não é algo novo. Talvez não se tenha dado a experiências de intercongregacionalidade um destaque institucional. Na Conferência Latino Americana e Caribenha (CLAR) se tem tomado decisões mais gerais e globais em favor dos pobres e necessitados com o lema: “ouvir o grito onde a vida clama” e se fazer presente onde a vida está ameaçada. Disso decorre a dimensão de ‘solidariedade’. Quando a vida clama já não se trata de um único aspecto como a fome, mas também de educação, de saúde, de relações afetivas, de família, de violência, de recursos econômicos... Assim, a complexidade destas realidades requer mais preparo e interdisciplinaridade. A questão do ‘grito onde a vida clama’ foi assumida em Assembleia Geral e por isso se transformou num desafio para a vida religiosa na América Latina. Dali surgiram várias iniciativas que estão dando uma face nova à vida religiosa. É uma experiência bastante nova e por isso não avaliável o suficiente devido à pouca distância do tempo.

Algo semelhante foi introduzido nas duas últimas Assembleias Gerais da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), constituindo-se em uma das prioridades para os próximos anos. Incentivar a intercongregacionalidade e associá-la à leveza institucional. A partir desta prioridade foram realizadas reflexões, diálogos, propostas e escolhas de formas concretas.

“Queremos trabalhar na Intercongregacionalidade não porque estamos envelhecendo, diminuindo em número ou porque vivemos a realidade da diminuição de vocações, mas porque sentimos que os novos cenários e sujeitos concretos exigem de nós novas respostas e novas presenças” (Vera Lúcia Palermo). Esta expressão resume a compreensão que se está seguindo para desenvolver a

intercongregacionalidade. Todos sabemos das grandes mudanças pelas quais estamos passando, a mudança de paradigmas. Há grandes questionamentos sobre estruturas sociais, eclesiais e da vida religiosa. Estamos também presenciando grande mudança na compreensão da autoridade. A crescente consciência da dignidade humana, o conhecimento mais generalizado da realidade em tantos países relativo a abusos ligados à pobreza, gênero, religião, condição sociocultural, etnia, idade... aumenta a sensibilidade de tantas pessoas. A vida religiosa – historicamente considerando – sempre foi sensível a esta situação. A isto se acresce as exortações do Papa Francisco em várias ocasiões para a Igreja em geral e para a vida religiosa em particular, no que se refere a sair do estatuído e ser uma presença evangélica junto aos marginalizados e sofridos. O Ano da Vida Consagrada é um reforço a esta nova forma de ser vida religiosa, naqueles três aspectos conhecidos: Olhar o passado com gratidão, assumir com paixão o presente, olhar o futuro com esperança.

Esta sensibilidade está fazendo com que se passe sempre mais ao centro da missão da vida religiosa que consiste no processo de humanização e o seguimento de Jesus Cristo. A palavra ‘Igreja em saída’ ajuda a entrar em contato com realidades bem delicadas, carentes. Ir onde estas pessoas vivem significa solidariedade e facilitou o surgimento da intercongregacionalidade como forma atual de presença da vida religiosa. Trata-se, portanto, de um seguimento de Jesus Cristo e sendo sua presença junto aos pobres de nosso tempo.

3. Experiências realizadas e em andamento

Experiências de intercongregacionalidade há muito estão acontecendo em muitas partes na formação. As Congregações querem oferecer as melhores condições de boa formação e isso significa entrar num processo intercongregacional que facilite um autoconhecimento, o conhecimento de outras pessoas, outras culturas, outro gênero, outros carismas; aumenta a compreensão de Igreja, de Reino de Deus, de caridade e tantas outras questões. Todos sabemos o valor dos postulinter, novinter, juninter e outras formas intercongregacionais.

A compreensão de intercongregacionalidade, como está sendo usada pela CLAR e CRB não se refere especialmente a esta forma formativa, mas à aliança de várias congregações para uma missão comum. Podem ser de várias congregações femininas e/ou masculinas. Em muitos casos há grande unidade com a Igreja Particular. Tudo é expressão de Igreja e deve convergir para ela. A questão de gênero e de carisma não é a variável determinante, mas a missão a realizar junto aos mais necessitados. Há experiências de intercongregacionalidade na África e Ásia e se constata uma satisfação e desejo de continuar. Está em andamento um projeto (Projeto Fratelli) para o Líbano e Jordânia assumido pelos Irmãos Maristas e pelos Irmãos de La Salle. A causa do Reino está sendo colocada em primeiro lugar e já não mais o projeto carismático de cada congregação que, no passado

teve, em alguns casos, características de competição destruição, sem tanta tolerância e admiração mútua. Hoje está ficando mais claro que a primeira virtude é a caridade e esta se transforma em solicitude para com os demais, sobretudo aos mais necessitados.

As características ou tendências destes novos caminhos têm algumas referências: a prioridade da vida sobre as estruturas; a consciência da ação do Espírito Santo que é discernido e seguido; a oração; o louvor, a misericórdia, o valor da missão como traço característico da vida religiosa; a solidariedade; a sensibilidade aos pobres, sobretudo os novos pobres e excluídos de nossa sociedade; a superação de formas estandardizadas de vida religiosa clássica, a busca de estruturas leves, a colaboração com diversas congregações vivendo em comum seus carismas numa só comunidade; a hospitalidade e acolhimento a quantos queiram partilhar sua vida; a consciência de fé através de obras, a flexibilidade e abertura à vontade de Deus, a convicção que a obra é de Deus, que o Reino e Dele e que compete a nós promovê-lo. Em alguns lugares está iniciando a possibilidade de colaboração de leigos num processo de voluntariado.

No Brasil esta aliança se fez também entre a CRB e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Podemos citar um projeto missionário em Timor Leste por 11 anos, como colaboração entre CRB e CNBB. Este projeto hoje continua no Haiti com a presença de várias Congregações. No Amazonas há várias experiências em Manaquiri, ao longo dos Rios Solimões e Negro, na Ilha de Marajó. Uma das destacadas expressões da intercongregacionalidade se realiza na Amazônia, PESA (Projeto de Evangelização Solidária na Amazônia). É uma iniciativa da CRB Nacional em conjunto com as Congregações e Institutos de Vida Apostólica, no intuito de animar, formar, enviar e acompanhar a VR em suas iniciativas no âmbito da Intercongregacionalidade – e internacionalidade - em diversas frentes entre as populações mais excluídas e menos atendidas da Amazônia e outros espaços de fronteiras, especialmente os ribeirinhos. Esta missão se realiza sempre em comunhão com a Igreja local e seus pastores. Caracteriza-se por comunidades itinerantes, inspirando-se no jeito itinerante de Jesus Cristo e da Igreja Primitiva de realizar a missão: Jesus que andava por cidades e povoados anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus, junto com os discípulos e as mulheres que iam com Ele.

Com a resposta generosa de Institutos Religiosos, a CRB Nacional no triênio passado, constituiu algumas comunidades Intercongregacionais, na Amazônia, como também favoreceu a inserção de algumas Congregações, e vem também contribuindo e apoiando a integração de Irmãs na Equipe Itinerante Interinstitucional. Há projetos na Diocese de Humaitá, AM (Uruapiara, Manicoré), de Manaus, AM, Roraima/RR. Certamente há muitas outras que não são tão publicadas, mas que expressam este novo jeito e ser vida religiosa. Religiosos jovens partem para Santarém para a Missão Vida Religiosa Jovem na Amazônia (30 de novembro a

15 de dezembro) nas dioceses de Borba, Parintins, Coari e Boa Vista; e em Obidos e Itaituba (25 de março a 5 de abril)

4. Motivação

A motivação expressa manifesta o desejo profundo e sincero de ser uma presença de salvação onde a ‘vida clama’. Esta motivação vem do interior das pessoas e das instituições que assumem o projeto e incentivam pessoas a participarem dele. Muitos religiosos são sensíveis a seu compromisso cristão e religioso em favor dos mais necessitados. Muitas instituições, dentro de seus limites e possibilidades, continuam querendo realizar o bem aos demais, especialmente aos mais necessitados. O apelo dos últimos Papas, especialmente por parte do Papa Francisco tem sido uma motivação importante. As próprias Congregações realizam discernimentos que incluem uma fidelidade ao Espírito em nossos dias.

Em algumas narrativas tem-se aludido como motivação para participação destes projetos missionários, que sejam pessoas ‘resolvidas’, ou seja, pessoas que não se engajam para resolver problemas pessoais ou institucionais, mas com bastante liberdade interior, satisfeitos por seguir Jesus Cristo dentro de seu estado de vida e engajados nesta missão interinstitucional. Pessoas ‘resolvidas’ podem dispor melhor de suas energias pela causa do Reino. Certamente este desejo de ‘resolvidas’ quer garantir a eficácia evangélica da missão.

Este é o lado da motivação mais consciente, espiritual e, por isso, mais positiva. Mesmo que até o presente momento se tem pensado e analisado menos as motivações inconscientes, estas precisam também ser levadas em consideração. Não que elas são necessariamente negativas. Podem vir de um interior unificado e integrado e, por isso, fortalecerem e consolidarem as opções evangélicas conscientes pessoais e institucionais. Não há motivação pura e única. Agimos com todo nosso ser, como o elaboramos até o presente momento. Consideramos a história pessoal até o presente momento, em seus conteúdos culturais, em suas oportunidades realizadas, em sua expressão de desejos antropológicos e fenomenológicos, em suas carências, em suas buscas compensatórias de diferentes formas. Precisamos contar com a busca da autoestima e auto respeito como anseio profundo que interfere nas opções que se realiza. Assim, tanto nas experiências intercongregacionais, quanto em qualquer outra, esta realidade profunda pessoal ligada à autoestima e ao auto respeito se transformam em forças conscientes e inconscientes de motivação, sobretudo em médio e longo prazos. Em longo prazo se tem o efeito da consistência do conjunto da pessoa e dos grupos.

As opções não podem ser desvalorizadas por uma motivação ambígua. O que se precisa é purificar as motivações para que as ações expressem a genuinidade do Evangelho. Sempre é benéfico avaliar de tempos em tempos as motivações múltiplas que podem estar presentes nos religiosos que participam destes projetos, bem como das Instituições que os enviam e apoiam.

5. Facilitadores e possíveis obstáculos

Todos nós desejamos que as experiências da intercongregacionalidade sejam uma resposta saudável para as necessidades atuais, especialmente dos mais pobres, onde ‘a vida clama’. Nem todos temos coragem de fazer estas opções. Nem todos fomos educados com esta perspectiva e nem todos tivemos estas oportunidades. A tendência a certo comodismo, às zonas de conforto, ao individualismo... hoje é bastante acentuado e recebe apoio da realidade atual desta ‘sociedade líquida’ e suas diferentes expressões. Este modelo mais pragmático, contaminado pelo poder como prestígio, como influência e como posse podem ser possíveis a uma autêntica solidariedade.

Mas, esta mesma sociedade faz aparecer bem rapidamente a desumanização, a insatisfação. A paz, a alegria resultam do acesso à verdade, de uma vida realizada, de uma partilha grupal, de um sentido para si e para os demais. Neste sentido, sempre em situações mais extremas o Evangelho tem seu lugar, e as pessoas que o vivem são admiradas, são objetos de identificação, de indicação e de imitação.

Tem-se falado muito em sonhos. De fato, quando estes desaparecem já antes houve sonhos e houve fracassos. Mas não são os sonhos em si que causam os problemas e os desânimos. Precisamos saber para onde vamos e ir com gosto, na esperança. As dificuldades podem estar nas pessoas e nas estruturas que incluem inquietações profundas que precisam ser encaradas. Encaradas com objetividade, numa dimensão multifatorial. Enquanto as pessoas não têm uma pacificação suficiente, é preciso retornar à história, recuperar a memória, compreendê-la, reconciliar-se com ela, com as pessoas e com a cultura, separar-se de mágoas, ressentimentos e frustrações. A reconciliação produz a pacificação e transforma a memória em memória feliz. Isso ajuda numa vida de esperança e coragem diante da realidade. Enquanto não formos religiosos ‘os mais humanos dos humanos’ a juventude que vem não encontra espaço para sonhar e viver sua consagração e o sonho será de uns poucos em vez de ser o projeto do Reino de Deus onde todos estão envolvidos.

Entre as possíveis dificuldades podemos citar a falta de apoio institucional, a realidade pessoal ferida, as dificuldades sociais, a fragilidade das pessoas, a pouca consideração das limitações e das dificuldades de mudar. Pensar que a presença, a gratuidade e a ‘reta intenção’ sejam suficientes para mudar a realidade, mesmo usando argumentos evangélicos pode significar certa onipotência. Não se pode fazer todo o bem que se conhece, mas é preciso fazer bem, gratuitamente e com amor o que nos compete fazer. Não há proporção entre nosso esforço e o resultado. É Deus que faz crescer a semente. Podemos diminuir o mal, podemos ser uma presença salvífica onde estivermos. E este esforço pode se tornar um projeto coletivo, da instituição, bem como pode ser um projeto de Reino

de Deus que é anterior aos carismas que o expressam e explicitam. A centralidade no seguimento de Jesus Cristo aponta facilmente para a intercongregacionalidade.

6. Perspectivas


O que podemos dizer desta solidariedade intercongregacional? Certamente é um desafio e também um convite de conversão para assumi-la. Há muito sofrimento e as pessoas desejam algum tipo de cura. Fechar-se sobre o próprio carisma, devido à diminuição dos membros, certa fixidez nas obras e pouca criatividade, tudo isso, mesmo sendo verdade, pode se tornar uma ameaça de continuidade. A intercongregacionalidade deriva de uma compreensão melhor do Evangelho e das necessidades atuais, assim como o havia acontecido nas origens das congregações. A vida religiosa hoje depende muito da qualidade das relações e não apenas do que fazemos. Espera-se dos religiosos que sejam peritos de comunhão. É preciso amar para curar.

A intercongregacionalidade está ligada diretamente com novas e melhores formas de relações humanas entre os religiosos. E estas relações saudáveis e salvíficas repercutem de forma sadia em todos os seres humanos, sobretudo nos mais frágeis e desprotegidos. Isso supõe tomar o modo de ser de Jesus Cristo nas formas de ver, conviver e agir em relação com as pessoas, superando gênero, idade, raça, cultura... Todo coração humano quer ser amado e ser objeto de solicitude. Desta forma Deus é reconhecido e o Reino de Deus se torna um referencial importante.

As gerações que hoje envelhecem viveram com entusiasmo, criatividade e confiança as propostas do Vaticano II. A força da intercongregacionalidade está neste entusiasmo que inclui boa estrutura humana, uma espiritualidade sólida e mística, formação científica segura, vida comunitária intensa, uma bondade irradiante, uma decisão de missão profética. Na intercongregacionalidade a vida religiosa se transforma num sinal da nova humanidade, numa itinerância de formação, de missão e de fidelidade.

¹ Para a elaboração deste texto eu me servi de textos e reflexões que me foram facilitados por responsáveis de publicações da CLAR e CRB, especialmente na revista da CLAR e da Convergência. Os interessados poderão consultar os sites tanto da CLAR como da CRB.

² Francesco Alberoni, especialmente em algumas de suas várias publicações, como "Genesi", "L'Amicizia", "Gli Invidiosi".



O SILÊNCIO
QUE CONDUZ À ORAÇÃO
E A ORAÇÃO
QUE VEM DO SILÊNCIO

P. Carlos del Valle, SVD

Padre Carlos del Valle é missionário do Verbo Divino. Ele tem um doutorado em Teologia Moral e trabalhou no Chile desde 1983 e foi Director da Revista Testemunho. Em Junho de 2013, foi nomeado Reitor do Collegio San Pietro, em Roma.

Original em Espanhol

*O fruto do **silêncio** é a **oração***

*O fruto da **oração** é a **fé***

*O fruto da **fé** é o **amor***

*O fruto do **amor** é o **serviço***

*O fruto do **serviço** é a **paz**. (Teresa de Calcutá)*

1. “Bem cala Sancho”

Se é um risco analisar palavras, muito mais é o interpretar silêncios. Há palavras que ferem e silêncios que matam, como há silêncios que redimem e palavras que dão vida. Há silêncios vazios e silêncios eloquentes; silêncios tensos e silêncios fecundos. Um silêncio evangélico: cobrir os defeitos do irmão com o véu do calar. Há palavras que emergem da solidão do silêncio e da solidão da dor. Um ser humano maduro em sofrimento desperta admiração, infunde respeito e impõe silêncio. O silêncio é muitas vezes a atitude mais sábia e sensata perante o sofrimento, na presença das vítimas. Em Filipinas, o Papa Francisco lembra-nos que: “*Quando nos façam a pergunta de porque as crianças sofrem, que a nossa resposta seja ou o silêncio ou palavras que nascem das lágrimas*”.

A conversa é melhorada quando são salvos breves períodos de silêncios,

que incentivam as nossas conversas. Às vezes é na conversa que precisamos de um silêncio cauteloso. Não temos que quebrá-lo se não for para melhorá-lo. Calar e ouvir é a arte de abster-se de demonstrar em palavras, que não tem nada a dizer. Calamos quando as palavras tornam-se insuficientes e basta abraçar longamente ao amigo após uma longa ausência. Silêncio ... unido à serenidade de uma noite, ao segredo de um manancial que nasce, ao esplendor de uma águia em voo, à surpresa de uma planta que floresce, ao verme embrulhado na seda que transforma-se em borboleta ... Em contacto com a natureza, o silêncio das montanhas, a vastidão do mar, a beleza de um céu estrelado, a variedade e a harmonia de uma paisagem ... Contagiam experiências de paz e serenidade, uma atracção benéfica para o mistério da vida.

Viciados ao asfalto, não lembramo-nos de como o silêncio soa. Vidas amarradas ao trabalho, à eficácia, ao efémero e superficial ... Excessivas palavras e poucos silêncios; muitos oásis e poucos desertos; muita exterioridade e pouca interioridade. Imersas em um ritmo frenético, que empurra-nos ao trabalho, e arrebatada o tempo para ser, para aprofundar a nossa vocação e descobrir qual é a melhor parte que não podemos perder. Como Marta, talvez para fugir ao essencial, ao silêncio fecundo onde é forjada o encontro com Deus que envia-nos aos irmãos. Conseguimos algum tempo de sossego, mas o barulho e a actividade frenética entram nas nossas mentes e nos nossos corações. Há silêncio exterior, e não interior. Entre ruídos, a vida escapa-nos das mãos como um punhado de água.

O silêncio tem uma melodia de paz. É a vitamina do espírito, escada da profundidade, pulso da maturidade. Espelho que mostra a nudez da alma e enfrenta os desafios da vida. Dá-nos uma nova oportunidade de ser; abre uma porta para o mistério que seduz e leva à profundidade. Um ser humano sem espaços de silêncio humano é uma margarita no asfalto. O silêncio é o pulmão do espírito, e sempre tem algo a dizer-nos. Dá serenidade, paz, tranquilidade, e isso transforma-nos. As ideias decisivas não vêm da reflexão; concebem-se no silêncio. Nele, podemos tornar-nos atentos aos impulsos provenientes da profundidade do nosso próprio ser. O silêncio brota de dentro e que procura o eco na entrega. Torna a vida em dom para qualquer um que vem ao encontro. A melhor coisa que podes dar à alguém que amas é o espaço para falar ou para permanecer em silêncio. Também silêncio é nítida, pode obrigar à olhar para o espelho da própria vida e descobrir-nos vazias.

Precisamos de um silêncio interior para deter o fluxo de pensamentos, imagens e sentimentos. A contemplação é uma maneira de chegar à esse silêncio. Não é uma actividade tão mental como a reflexão sobre Deus. É um exercício para calmar a mente e o coração, esvaziando-os de pensamentos e sentimentos. Na contemplação a pessoa progride quando se vai mais além das imagens, do pensamento, do raciocínio e entra em uma atenção mais profunda

ou uma percepção mais intensa, caracterizada por um profundo silêncio. “*A contemplação é, essencialmente escutar em silêncio*” (Thomas Merton). Unicamente a dinâmica do silêncio permite perceber a realidade do mundo. Permite aprender a ouvir os mestres que são os fracos, gestos de acolhida, a solidariedade, a festa compartilhada, a resistência silenciosa. Aqueles que vivem mais perto dos pobres estão mais expostos ao contágio das bem-aventuranças. O silêncio e a solidão ajudam a viver no momento presente; muitas vezes vivemos no passado ou no futuro.

2. Para ser o que somos

Ser religioso consiste em orar e amar. O que dizemos e fazemos na missão deverá ser verificado por meio da oração e da ternura. No tempo e na intensidade que dedicamos à oração contemplativa detectamos o nível de seriedade com o qual tomamos à Deus. O silêncio é o termómetro que mostra a qualidade da vida consagrada na pessoa. A graça curadora do silêncio ilumina o sentido profundo da nossa Vida Religiosa. A transformação pessoal começa quando seguimos a Jesus para o deserto. Leva à entrar em esse outro sistema de comunicação, colocar-nos a escutar o silêncio, cultivando a característica própria do nosso ser. O religioso é um homem de Deus. Devemos cultivar essa identidade, porque o que não for cultivada seca-se. Educar o ouvido do coração para o eco do silêncio, como a linguagem de Deus: o crescimento do Reino está escondido; o silêncio e a pobreza são tesouros escondidos; as coisas de Deus são conhecidas a partir do coração.

3. Entrar na graça curadora do silêncio

Com a palavra, a pessoa supera aos animais; com o silêncio supera-se a si mesma. O silêncio, e seu fruto que é a oração permite-nos de caminhar na história como homens e mulheres de Deus. Ao amanhecer, Jesus vai para descansar no Pai; dedica-se à solidão da oração e recuperação de Suas forças. Quanto mais activa é a nossa vida, mais precisamos do silêncio e da oração. Restaura as forças e renova o entusiasmo e o sentido.

Entrar em espaços de silêncio supõe libertar-se de si mesmo, do personagem, para descobrir o mundo e o ser humano, para sentir a presença de Deus no que somos e vivemos. A solidão e o silêncio são portas que se abrem para uma vida humana mais autêntica. O silêncio é a ausência do ego. Não permite refúgio no papel, nas máscaras... isso de apresentar-nos diante dos outros com o que fazemos, que geralmente são penas de pavão real. Chegamos à acreditar de que somos o que fazemos, cultivando o ser protagonistas e sentir-nos salvadores.

Jesus, depois da multiplicação dos pães (êxito), procura na solidão da oração a vontade do Pai (Jo. 6, 15). Liberta-se do ego. Não dá ouvidos à

tentação de fazê-lo rei. Nós ficamos ruminando os nossos êxitos, em vez de distanciar-nos para procurar no silêncio a vontade do Pai, que nos liberta do ego. Pergunta-te a ti mesmo se as tuas experiências humanas gratificantes, a consolação na oração ... levam-te para fora de ti mesmo para servir aos outros ou são experiências de egocentrismo. A solidão no celibato pode ser de dois tipos: A que cultiva uma pessoa isolada, auto - absorvida, maníaca, triste, incapaz de dar-se aos outros. Outra que mostra uma pessoa capaz de estar consigo mesma, de conhecer-se, chegar ao silêncio interior, que a conduz à relacionar-se com Deus e escutar os gritos dos irmãos. Sem essa solidão, não sabemos quem somos, para onde vamos, o que queremos.

A espiritualidade hoje enfatiza a capacidade de se conectar, o sentido da vida: Aprender a relacionar-se consigo mesmo, com os outros, com a criação, com Deus. Relacionamento possível somente se formos à profundidade. É a perspectiva da contemplação, que permite ver em profundidade. Na contemplação está a fonte do sentido para a Vida Religiosa. Podemos experimentar a Deus na vida se existisse um exercício na contemplação. Só a partir daí estaremos religiosamente presentes na sociedade.

A Vida Religiosa pré-conciliar centrou-se em longas orações e ritos. No pós-concílio enfatiza a missão e o compromisso: “*O trabalho é oração*”, “*Acreditar é comprometer-se*”. Temos gozado de uma geração de religiosos e religiosas de grande generosidade e dedicação no compromisso com a justiça e os direitos humanos. Mas a abundante tarefa deixou nas sombras o ser da Vida Consagrada. Se subestimam as dimensões essenciais: silêncio, oração, contemplação, celebração da fé, testemunha do Absoluto ... Se pressentem as motivações evangélicas nos compromissos generosos. Se enfraquece a identidade carismática e a missão específica da Vida Religiosa. Daí, a falta de sentido e de sabor da própria vida. Hoje, a Vida Religiosa tenta de recuperar a sua identidade carismática e a sua missão profética.

A actividade reduzida ao activismo faz-nos religiosos, não místicos; pessoas que vivem de ideias, não de experiências; capazes de falar de Deus, não desde Deus; profissionais do sagrado, não testemunhas. É um vício que não pode suportar o silêncio e a contemplação. O activismo é a suprema distração. Distrai a consciência de nós mesmos e da realidade, da consciência de Deus. Despertar, ser conscientes exige um certo grau de silêncio e solidão.

Anseio por espiritualidade, cultivo da contemplação ... Com o perigo de procura-lo na teoria, sem transformar-nos em homens e mulheres de oração. Algumas pessoas querem perder peso, e informam-se sobre todas as dietas possíveis, sem seguir nenhuma. Hoje há mais diálogo, mas sem compartilhar a experiência de Deus. Muita actividade, reduzida ao activismo. Muitos métodos de oração, mas não muitos homens e mulheres de Deus. Falta alegria na própria vocação, o vírus que corrói o disco rígido da nossa vida espiritual.

O que o mundo precisa não é que nós sejamos uma força de trabalho, uma ONG serviços gratuitos, mas sim uma voz do Espírito, um sinal que questiona os valores regidos pelo lucro, testemunhas que comunicam a força do Evangelho, o desejo de Deus de vida em abundância. É mais fácil de fornecer edifícios que espaços de cordialidade e escuta; organizações e serviços de que oportunidades de encontro e de oração partilhada. O olhar atento à realidade, e a escuta em silêncio da Palavra e a partir dela, é o que pode transformar a Vida Religiosa em bênção. A oração é esse espaço onde eu coloco minha vida, meus desejos, e onde eu me deixo ser moldada pela Palavra de Deus. Mas se estamos em muitos lugares, ocupados em muitos assuntos; agitados, inquietos, divididos, como Marta... Nesse clima interior, a orar é uma complicação adicional. Nossa santificação vem da missão. Também nossas tentações vêm dela: pega-se-nos a espiritualidade mundana.

Experiência carismática e missão profética é próprio da Vida Consagrada. A experiência carismática envolve o silêncio, para escutar a palavra, o discernimento, ver a realidade desde Deus, ser contemplativos desde a vida. Silêncio, oração, colocam-nos em atitude humilde e receptiva perante o Espírito. Ser religioso envolve exercitar-se no silêncio exterior e interior. Solidão habitada, a capacidade de chegar ao fundo de nós mesmos, exige exercício na contemplação. A Vida Religiosa não pode cumprir a sua missão profética sem alimentar a sua identidade carismática: Ir ao silêncio, e escutar a voz de Deus na vida. Contemplar, convite a olhar profundamente e admirar a vida com alegria.

A capacidade de silêncio, solidão habitada, interioridade profunda, permite-nos uma comunicação mais densa com os seres humanos, com Deus. Os primeiros eremitas no Egipto e na Síria vão para o deserto em busca de Deus. O primeiro passo foi a hesychia: silêncio do coração, tranquilidade, solidão, paz. O ideal não aponta para a eficácia da acção, mas para a coerência de vida. Os religiosos, chamados a viver em coerência e harmonia. Maria de Betânia conduz-nos para um canto silencioso na vida e o coração para acolher a Palavra. Esse será o factor unificador de nossa fragmentação para viver em harmonia.

4. Silêncio ... Solidão sonora

“E no sétimo dia descansou”... Do descanso de Deus nasceu o silêncio. Não um sino que isola. É a solidão sonora, habitada. A solidão de Jesus é cheia de gritos humanos, dores, esperanças. Se nos retiramos ao silêncio será para estar mais perto dos irmãos no próprio coração. Deus fala, e aumentar o volume nos encontros com pessoas especiais, na dor dos outros, e dentro de ti, onde estás sozinho contigo mesmo.

A oração de Jesus, na solidão e no silêncio. *“De madrugada... ele levantou e retirou-se para um lugar deserto, e ali estava orando”* (Mc 1,

35). Supõe um ouvido no Pai e outro nos mais fracos. Ergue os olhos ao Pai enquanto serve às pessoas. Mas não só ora ao servir; retira-se para a solidão para orar. Uma oração a sós, em clima de deserto. Sua espiritualidade procura momentos de intimidade e diálogo com o Pai, em uma solidão acompanhada. A relação procura momentos de encontro, solidão que se habita, diálogo que é escuta, silêncio para dizer-se as coisas sem palavras, como os namorados. O silêncio rompe as distâncias que as palavras não podem preencher. O Evangelho também mantém poucas palavras e muito silêncio de Maria. Ela nos ensina a encontrar na oração a pérola do silêncio. Maria escuta na fertilidade silêncio: “*guardava todas estas coisas em seu coração*” (Lc 2, 19). Antes de conceber a Palavra em seu ventre, ela concebeu em seu coração.

A Vida Religiosa está chamada para seguir à Jesus até o deserto. Não é possível o caminho de Jesus, sem espaços de silêncio e solidão. Os génios do mundo e as pessoas sábias tinham encontrado períodos de solidão. A Vida Religiosa deve colocar-se à escuta. Há demasiadas palavras e pouco silêncio para ouvir a Palavra de forma nítida. A oração de Jesus é consequente. Nós oramos para permanecer sendo o que somos e fazendo o que queremos, mas ficamos tranquilos porque temos falado com o Senhor. Temos falado sem escutar-Lhe. Temos escutado a nós mesmos. Entre Deus e nós temos colocado a barreira do próprio interesse. É mais importante a palavra que devemos escutar que a que vamos à dizer. Mas transformamos o “*fala, Senhor, que teu servo escuta*” em “*escuta, Senhor, que teu servo fala*”. A oração convida-nos à viver e caminhar na história como homens e mulheres de Deus. A riqueza da oração reside na dádiva de ideais, alegrias, ilusões que semeia em quem exerce-a. Quem vem à oração sente que sua solidão torna-se sonora e é povoada de ternura que enche-a de nomes.

5. Nós aprendemos a orar a partir do silêncio

Em Taizé canto gera uma oração que toca o fundo da estrutura humana, ligando o que a pessoa é e o que a pessoa reza. Gera um espaço de silêncio habitado e de consciência de protecção vital, além de reposicionar a pessoa no lugar do qual quer fugir, que é a sua profundidade, na verdade do próprio ser. Se o trabalho é a oração, na Vida Religiosa “*o primeiro trabalho é a oração*”. Não encher a oração com palavras, e depois sair à fazer outras coisas. A oração deve ser vivenciada como dar tempo à oração. Dar tempo à Deus para agir em mim, para que me invada, me guie, me conforte, me console. Para isso, deve-se criar o clima que antecede à um encontro. Ficar em silêncio diante Dele com a nossa fé e amor despertos, para unir-nos ao que Ele quer fazer de nós. O Seu desejo é fazer de ti e de mim, uma pessoa mais parecida a seu Filho. Deus olha para nós, e não para as nossas boas ou más acções, mas a imagem do Seu Filho.

A oração não é uma técnica, é uma graça. Desafia-nos a uma relação pessoal com o Senhor, de confiança, amizade, fidelidade. A revestir-nos com uma atitude de escuta, de discípulo. Nós não podemos chamar oração a qualquer coisa; mas sim aprender a fazer de qualquer coisa oração. Caso contrário, a mensagem se nos empobrece, torna-se-nos rotineira, não convence. A oração desafia-nos nas nossas linguagens, palavras, sinais. Não há uma palavra mais completa, mais clara e mais forte do que a vida. A oração leva a buscar a Sabedoria na vida de pessoas anónimas que, silenciosamente, fazem avançar o mundo para o Reino. A oração desafia-nos na motivação que a configura. Podemos usá-la como um rito de protecção para desviar as decisões divinas ameaçadoras, ou o para que Deus possa cumprir os nossos desejos e necessidades. É um encontro de amizade com quem sabemos que nos ama. Só o perito em humanidade pode ser perito em oração, que sabe olhar, sentir, calar, dizer, escutar...

O encontro com Jesus transforma a vida, os critérios, as opções, as preferências; orienta em direcção ao Reino. A oração leva a ser acolhedores, compassivos, serviçais. Reconhecemos seus frutos se vamos deixando-nos mergulhar nos valores, comportamentos, amores de Jesus. Na oração descobrimos o desejo de Deus. Desafia-nos a ir mais além de lacunas e necessidades, para configura-la mais desde o desejo que desde a necessidade. Orienta-la em direcção do Reino, fazendo coincidir os nossos desejos com o desejo de Deus. A oração é também uma oficina de educação do desejo. Talvez nós procuramos o tesouro longe do campo de casa. Nós não acreditamos que está nas profundezas do nosso ser. Temos de descobrir as estradas que levam ao nosso coração, sem que o intimismo nos paralisa. A oração precisa de verificação, mas não de justificação. É o amor gratuito.

6. A nossa missão: Converter o silêncio em palavra

A qualidade da Vida Religiosa é feita de significado e de missão. Normalmente, ambas carências vão juntas, mas às vezes destaca o vazio de missão ou a falta de sentido por carência de missão. Uma vida sem missão é uma vida sem sentido. O rezo deixa de ser oração se não tem alma. A alma do rezo é a fé e a vida, que o transformam em oração. O objectivo do exercício da oração é a busca de sentido e de missão: acertar com o que Deus quer de nós. Em Moisés descobrimos a nossa palavra profética: Sobe a montanha para encontrar-se com Deus e desce para encontrar-se com as pessoas. Passa à vida tecendo relação entre Deus e seu povo.

Às vezes limitamo-nos a fazer um uso religioso do Evangelho (Liturgia, Eucaristia, Oração, Teologia...). Mas não é um texto escrito para esse quadro religioso. O seu objectivo é construir novas relações entre indivíduos e grupos,

o qual Jesus chamava o reinado de Deus. Na maneira como nos relacionamos há um silêncio cheio de eloquência. Vamos redescobrir o tesouro escondido do silêncio, que permite capturar a futilidade de todo proselitismo verbal. O silêncio contemplativo gera silêncio para contemplar. Ilumina o sentido profundo das realidades eloquentes. O silêncio é inseparável da palavra; é seu túmulo e sua matriz. A palavra falada com amor exige o cultivo do silêncio.

Na Encarnação, o Silêncio torna-se Palavra. A Palavra mantém o silêncio, em nove meses de gestação e em trinta anos de vida escondida. Tantas coisas a dizer, e mantém o silêncio. O silêncio de Deus fala de humildade e paciência, compreensão e acolhimento, misericórdia e aniquilação. Leva-nos a fazer-nos presentes à força divina que habita em toda a realidade, com antenas para captar as mensagens do silêncio aparente da banalidade cotidiana.

A própria palavra da Vida Religiosa é o silêncio e a palavra que nasce do silêncio. As religiosas, os religiosos, são pessoas que, ao ser tocados por Deus, transformam o silêncio em palavra, o humano em divino. Eles fazem isso quando o seu claustro sagrado é o mundo. A sua oração é misturada com o sofrimento e a vida das pessoas. O seu dinheiro é dos pobres. Vivem os seus votos nas ruas, como um interrogante para alguns. Essa é a palavra que configura a identidade e a missão na Vida Consagrada.

O testemunho silencioso alimenta a oração, o dinamismo daqueles que se sentem observados pelo Amor, e faz tudo com amor e paz no coração. O Amor dirige-nos a pergunta que remove as indiferenças: *“Onde está o teu irmão?”*. Orar é expor-se a essa pergunta; é sentir-se contagiado pela paixão de Deus pela humanidade. O encontro com Deus faz-nos sair da oração com nova sensibilidade, mais vulneráveis e solidários, mais capazes de compreender e desculpar, mais dispostos a criar vínculos e tecer cercanias, mais empurrados para os lugares de abaixo. É a nossa palavra, a linguagem de sinais fortes que somente, homens e mulheres fortes amigos de Deus, sabem pronuncia-la (Teresa de Ávila).

Da mesa da Secretária Executiva

O Plano Estratégico 2016-2019 da UISG é claramente orientado em direção ao exterior. A nova declaração de missão diz o seguinte:

Como um organismo Internacional enraizados em Cristo, e que representa as Congregações de Mulheres Religiosas em todo o mundo, a UISG procura testemunhar e proclamar a identidade da Vida Religiosa Apostólica em toda a sua diversidade. Através de tecer a solidariedade global e de abrir novas fronteiras, nós animamos, apoiamos e estimulamos a liderança das religiosas para ser voz profética e testemunha na Igreja e no mundo.

Entre seus diversos objectivos, o Plano Estratégico compromete a UISG à estender as suas redes e relações internacionais, à trabalhar com as Conferências de Religiosos e Bispos em todo o mundo e à explorar novas formas de parcerias e diferentes formas de colaboração e comunicação. O foco está em direção ao exterior e, para isso, a Secretária Executiva e os membros da Directiva respondem às oportunidades que surgem onde as relações podem ser estabelecidas ou aprofundadas, especialmente aquelas que ajudam a construir a colaboração e a parceria global.

Para esse fim, no final de Maio, pouco depois da Assembléia, a Secretária Executiva, Ir. Pat Murray, IBVM, viajou à Zâmbia para falar num encontro internacional de formadores organizado pela União das Irmãs da Apresentação da BVM. Enquanto estava na Zâmbia, ela foi convidada para dirigir-se à Conferência de Religiosos sobre o tema das Tendências Globais nos Religiosos; também ela fez esta mesma intervenção para a Conferência de Religiosos do Zimbabwe.

Em Junho e Setembro os membros da equipe de coordenação – Ir. Elisabetta Flick, SA, Ir. Carmen Bando, S.Sp.S. e Ir. Pat Murray, IBVM – viajaram para a Sicília para reunirem-se com as irmãs participantes do Projecto de Migrantes. Depois de mais de seis meses, o projecto estava começando a tomar forma, o progresso foi avaliado e como resultado, um terceiro grupo foi recentemente estabelecido em Caltanissetta. Estas irmãs, juntamente com aquelas que estão em Agrigento e Ramacca, formam uma comunidade. Agora que as necessidades do projecto foram esclarecidas, a equipe de coordenação, em breve, entrará em contacto com as congregações para procurar mais voluntárias.

Em Maio, a Ir. Carmen Sammut, MSOLA (Presidenta) e Ir. Pat Murray, IBVM participaram de uma conferência sobre o Impacto do Investimento, organizada pelo Serviços de Auxílio Católico (CRS – EUA) em conjunto com a Pontifícia Comissão para a Justiça e a Paz. É claro que no futuro, as Fundações e as Instituições de Caridade esperam que os beneficiários das subvenções monitorem o impacto das subvenções recebidas. Em Agosto, a Ir. Pat participou da Assembléia anual da LCWR com Ir. Sally Hodgdon CSJ (Vice Presidenta da UISG), enquanto que a Ir. Veronica Openibo SHCJ (Membro da Directiva da UISG) reuniu-se com os membros da Conferência de Religiosos da Nigéria, durante a sua visita à Nigéria.

Em Setembro, a Ir. Pat participou numa reunião na Zâmbia com os Superiores Maiores para finalizar o relatório de um estudo de investigação que foi designado para ajudar as congregações na Zâmbia à reflectir sobre o contexto em mudança da missão e as implicações para a formação, a escolha dos ministérios e a educação e a formação. O relatório, intitulado Semear em Abundância, tem valiosas lições a serem compartilhadas. Está actualmente a ser traduzido e será enviado aos membros da UISG em todo o mundo no início de 2017.

Em Outubro, a Ir. Gabriella Bottani, CMS (Coordenadora de Talitha Kum) e a Secretária Executiva participaram da reunião do Grupo Santa Marta – uma iniciativa iniciada pela Conferência Episcopal da Inglaterra e do País de Gales, que é uma aliança internacional de bispos e chefes de polícia trabalhando em conjunto com a sociedade civil contra o tráfico de seres humanos. Nesta importante reunião, a UISG / Talitha Kum representou as milhares de irmãs e seus colaboradores que trabalham contra o tráfico humano em muitos níveis diferentes. Durante a primeira semana de Novembro, a Ir. Gabriella esteve presente na Assembléia da Renate – Rede Europeia de Irmãs contra o tráfico de seres humanos.

Outras notícias...

Website da UISG – Área Reservada

Recordamos às Superiores Gerais, que na área Reservada do site www.uisg.org podem encontrar a lista de membros e os nomes das Superiores Gerais, as actas das reuniões e os documentos do Workshop de Direito Canónico.

Para entrar na área reservada do site da UISG basta escrever o número do código da UISG de sua própria congregação, tanto para o nome de usuário e senha: outros detalhes não são necessários, apenas o Código da UISG. A

entrada na área reservada (log in) está localizada na parte inferior da página principal (homepage).

Pagamentos com Paypal

É possível agora fazer pagamentos via PayPal a partir do nosso site: www.uisg.org, para os vários serviços da UISG: quotas anuais, boletim, doações, quotas para reuniões e cursos.

É necessário mencionar o seu próprio código da UISG em todos os assuntos de pagamentos que são feitos.

Assembleia anual da Constelação de Roma 2017

O evento será realizado nos dias 11 e 12 de Janeiro de 2017, em Roma. O tema escolhido è: Colaboração para o bem comum: deslocando para as margens.

Nesta assembleia será realizada as eleições das Delegadas e membros do grupo de coordenação. As duas actuais Delegadas, de facto, Ir. Divina Garcia e Ir. Franca Zonta foram eleitas para o Conselho Directivo da UISG. Lembrem-se que para a eleição requerem-se a presença da Superiora Geral.

www.uisg.org

Workshop “Reconfiguração: porquê? Como?”

Realizou-se no dia 19 de Novembro em Roma, o primeiro Workshop de Direito Canónico para Superiores Maiores e os Conselhos em língua italiana promovido pelo Projecto de Assessoria Canónica da UISG.

Usando o estilo participativo do workshop, o dia foi organizado para enfrentar o grande desafio da reconfiguração das nossas instituições. Interpretando as nossas experiências, iluminando-as com os elementos canónicos e os de discernimento espiritual.

As animadoras do dia foram: Ir. Elisabetta Flick, SA, que foi Superiora Geral e é Vice-Secretária Executiva da UISG; Ir. Tiziana Merletti, SPF, que foi Superiora Geral e é membro do Conselho das Canonistas da UISG; Ir. Simona Paolini, FMGB, professora da Pontifícia Universidade Antonianum e Claretianum de Roma e da Faculdade Pio X em Veneza.

www.uisg.org

Assembleia da Associação “Comunicadores para Mulheres Religiosas”

Pela primeira vez, a UISG participou na Assembleia Anual da Associação Comunicadores para as Religiosas: leigas, leigos e freiras responsáveis pela gestão da Comunicação em sua própria Congregação. Uma oportunidade formativa importante para reforçar as competências no âmbito da Comunicação interna e externa das Congregações de Vida Religiosa feminina; um espaço para criar sinergias entre os profissionais que trabalham ao serviço das Religiosas.

www.c4wr.org

Workshop para Governos Gerais e responsáveis da Comunicação

Nos dias **21 e 22 de Janeiro de 2017** será realizada em Roma um Workshop para Governos Gerais e responsáveis da Comunicação das Congregações, intitulada: “*Comunicar a Beleza, cuidar das palavras, das imagens e dos ambientes digitais*”

A nossa Congregação “comunica” ao externo uma imagem que diz algo sobre nós: a forma como comunicamos, atinge o objetivo desejado? É eficaz? Desenvolve comunhão e participação? O interesse dos nossos Institutos pela Comunicação como espaço de missão tem aumentado, em proporção com a necessidade de aprender a fazer o melhor uso das Tecnologias de Informação e Comunicação. A comunicação é parte da nossa missão e é missão em si mesma. Promovem a UISG e USMI (União Superiores Maiores da Itália).

Para informações: *comunicazione@uisg.org* - *www.uisg.org*

Workshop de Direito Canónico em Quénia, 20-24/02/2017

Organizado pela UISG e pela Associação das Mulheres Consagradas da África Central e Oriental, patrocinada pela Fundação Conrad N. Hilton. O evento será realizado no Centro Mary Ward em Nairobi, Quénia, e será aberta à 55 participantes (30 Superiores Gerais e 25 Superiores Maiores membros da ACWECA). As despesas de viagem, alojamento e alimentação serão reembolsadas pela Fundação. Para informações: *ufficio.segreteria@uisg.org*

Campanha Sister for All (Irmãs para todos)

O que os americanos pensam das freiras? Como lhes percebem? Quanto é que lhes conhecem? Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos queria responder a estas perguntas através de entrevistas com um público diversificado dos cidadãos. Os resultados foram anunciados a partir do dia 6 de Setembro de 2016 com uma campanha de promoção nos meios de comunicação e no site da revista *National Catholic Reporter*. Na campanha é prevista também uma colecta de histórias e entrevistas de como as Religiosas hoje operam no mundo, e como a sua missão vem mudando nos últimos anos.

<http://nationalcatholicsistersweek.org/sister-to-all>

O projecto dos migrantes

Um ano de vida na Sicília: o sonho tornou-se realidade

O projecto dos migrantes da UISG na Sicília, nasceu do desejo do Conselho Directivo para levar a cabo um gesto simbólico em resposta ao apelo do Papa Francisco, e foi lançado no Dezembro do ano passado, e que agora já é realidade: uma comunidade de 10 irmãs, integradas em três diferentes dioceses de Agrigento, Caltagirone e Caltanissetta, com o compromisso de **ser uma presença** ao lado dos migrantes, para **dar testemunho** na igreja local que é possível viver juntos, apesar das diferentes culturas, países, congregações e carismas, e tornar-se uma **ponte** entre a comunidade local e a população migrante.

Durante nove longos meses as irmãs tinham tomado o tempo para construir a comunidade ao seu interno e integrar-se de forma discreta, com a ponta dos pés, na realidade local, pôr-se em escuta, tomando o tempo para observar, estudar as problemáticas de imigração, conhecer o território.

Tem sido um período bonito, mas austero e exigente, que requereu paciência, perseverança, constante atenção aos pequenos sinais de diálogo e abertura por parte das pessoas locais e das instituições, e o primeiro contacto pela estrada com os migrantes.

Elas mesmas são imigrantes em uma terra estrangeira ... mas esta própria experiência, vivida em primeira pessoa, foi o primeiro passo para a integração real e um conhecimento mais verdadeiro da realidade vivida por milhares de irmãos e irmãs em busca de uma vida mais digna e mais humana. As irmãs, depois de, em certo sentido, ter experimentado pessoalmente na sua pele, o que significa sentir-se estrangeiras e hóspedes nem sempre desejadas, ou apenas toleradas por alguns serviços onde elas pensavam que seriam capazes de inserir-se; agora são de fato mais sensíveis e atentas ao sofrimento e a fadiga dos que chegam em uma terra estranha.

Gradualmente, as irmãs, que são agora chamadas carinhosamente de “irmãs do mundo”, estão discretamente inseridas na realidade, tecendo relações, criando redes, andando pela estrada, atendendo aos migrantes que não têm direito a ser aceites pelas estruturas estatais.

Ao falar varias línguas diferentes, facilita o contacto e muitas vezes permite criar relações gratuitas, pôr-se em escuta das histórias terríveis de que

são vítimas os imigrantes que desembarcam na costa da Sicília.

A semente semeada na fase de conhecimento silencioso e escondido, está começando a dar frutos. Agora estão-se abrindo diferentes portas, mesmo dentro das Instituições. Nas três dioceses, as Irmãs estão inserindo-se no **hospital**, na **prisão**, nos Centros de Aconselhamento da Caritas. Elas servem o almoço em cozinhas, onde trabalha-se a integração entre as pessoas locais pobres e estrangeiros: pessoas que precisam de ser consideradas dignas de respeito e consideração. Muitas vezes, as irmãs são chamados para acompanhar momentos de oração e de reflexão, em algumas comunidades.

Em Agrigento, o **Centro de acolhimento** e de identificação abriu a porta para as irmãs, afim de dialogar com as mulheres e entreter as crianças à espera de ser realocados.

“A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos”... dizia Jesus aos seus discípulos ... oremos ao Senhor que envie operários para a sua messe. Duas irmãs deixaram-nos no verão, mas chegaram duas novas: uma italiana e uma dos Estados Unidos. Todas estão unidas pela mesma paixão por Deus e pela humanidade. Todas elas vêm de vários anos de experiência missionária, mas são somente dez... seria bom que se tornaram 12 como os 12 apóstolos...

Fazemos votos de que este projecto não permanecerá isolado, mas seja como um estímulo para outras experiências entre - congregacionais para que juntas possamos enfrentar os desafios que o mundo globalizado impõe à missão hoje.

Talitha Kum - A Rede Mundial da Vida Consagrada contra o Tráfico de pessoas

Comité Internacional de Coordenação de Talitha Kum

No dia 13 de Julho de 2016, pela primeira vez, com a utilização da videoconferência, reuniu-se o Comité Internacional de Coordenação de Talitha Kum. A decisão foi tomada no final de Janeiro, durante a 2ª Reunião da Coordenação Internacional de Talitha Kum, durante a qual foi decidida a promover uma maior participação das redes regionais na organização do Escritório de Coordenação Internacional de Roma. A comissão é composta pela coordenadora mundial de Talitha Kum, de uma representante de cada uma das seguintes regiões geográficas: África, América Latina, Ásia, Canadá, Europa, Oceânia e Estados Unidos da América.

As irmãs representantes foram escolhidas pelas redes, e nomeadas após um processo de consulta local da base, que as diferentes redes têm organizado de forma autónoma. Actualmente, a comissão é composta por:

Ir. Gabriella Bottani, smc (Talitha Kum Roma); Ir. Adeline Abamo, sds (Ásia); Ir. Patricia Nnenna Ebegbulem, ssl (África); Ir. Carmela Gibaja Esquerdo, hag (América Latina); Ir. Noelene Robyn Simmons, sm (Oceania); Ir. Nicole Rivard, ola (América do Norte - Canadá); Ir. Ann Oestreich, ihm (América do Norte-EUA); Ir. Imelda Poole, ibvm (Europa).

O objectivo do comité é operacionalizar os compromissos assumidos em conjunto para combater o tráfico, promover e implementar o trabalho em redes, promover o diálogo interno, entre as diferentes redes e com Talitha Kum Internacional. A interligação, a troca de notícias, informações e boas práticas promovem a colaboração e são a base para que a rede actue de forma eficaz contra o tráfico em favor de todos aqueles que sofrem a violência deste grave crime contra a humanidade.

A criação da Comissão foi um passo importante para a vida e crescimento de Talitha Kum, a Rede Mundial da Vida Consagrada contra o Tráfico de pessoas. O comité fornece-nos uma ferramenta valiosa para o crescimento na liderança colaborativa. A UISG é grata à todas as irmãs e suas congregações por compartilhar o seu carisma e suas irmãs competentes e qualificadas para este projecto comum. O tráfico de pessoas continua a desafiar-nos e pedir-nos de ser testemunhas proféticas de vida e de liberdade. No mundo, na verdade, o número de vítimas está crescendo de forma alarmante. Deus ouve e vê a grande dor e continua a chamar-nos!

Novos espaços de colaboração intra eclesiais

• Conferência dos Bispos dos Estados Unidos

No mês de Julho a Ir. Gabriella Bottani, cms, coordenador da Talitha Kum participou no grupo dos consultores do projecto COMPASS, projeto da Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, financiado pelo governo dos Estados Unidos. O objectivo do projecto é combater o tráfico de pessoas na indústria marítima, especialmente nos navios de pesca. Durante o encontro, Ir. Gabriella Bottani foi convidada a apresentar Talitha Kum, como um modelo eficaz de trabalho em rede contra o tráfico.

• Caritas Internationalis / COATNET

Caritas Internationalis em conjunto com o Pontifício Conselho para os Migrantes e os Povos Itinerantes promoveram a Conferência Internacional sobre o tráfico de pessoas dentro e da África.

Talitha Kum e a UISG foram representadas por: Ir. Agatha Osarenkhoe, presidente da Conferência dos Religiosos da Nigéria e de COSUDOW; Ir. Gabriella Bottani, coordenadora mundial; Ir. Patricia Ebegbulem, representante da Talitha Kum em África; Ir. Mercy Muthoni Wanguna (Cameron); Ir. Yvonne Clemence Bambara (Burkina Faso); Ir. Clara Torres (CTIP África do Sul); Ir. Annah Teresa Niadombo (CTIP Zimbabwe); Ir. Eugenia Bonetti (RENATE – Itália); Ir. Monica Chikwe (RENATE – Itália); Anne Kelleher (RENATE Irlanda).

Na sessão de abertura, juntamente com as autoridades eclesiais e civis, Ir. Agatha Osarenkhoe representou as religiosas envolvidas em África e no mundo contra o tráfico.

Talitha Kum, bem como tendo contribuído para o trabalho do grupo, foi representada por Ir. Gabriella Bottani nas duas mesas redondas finais durante o qual compartilharam-se ideias sobre como melhorar a colaboração entre as organizações eclesiais e fazer que as nossas acções contra o tráfico de pessoas, sejam mais eficazes.

Reuniões das Redes de Talitha Kum Internacional:

8–14 Agosto 2016, Montreal, Canadá, a Participação no Fórum Social Mundial e Encontro com CATHII

Por ocasião da participação de Talitha Kum, no Fórum Social Mundial, realizado em Montreal do dia 9 até 14 de Agosto de 2016, a Ir. Gabriella Bottani, CMS, reuniu-se com a rede CATHII (Comite d’action contre la traite humaine interne et international) que actua desde 2011 em Québec. CATHII é membro de Talitha Kum desde o início. CATHII, Talitha Kum e Comboni Network tinham colaborado para a realização de duas actividades auto - gestionadas no FSM sobre o tema do tráfico de pessoas, uma organizado pela CATHII em francês, dando maior ênfase ao fenómeno do tráfico em Québec e a outra promovida pela Talitha Kum e pela Comboni Network apresentando a questão do tráfico na conjuntura internacional actual, onde se partilhou sobre a conexão entre o tráfico de pessoas e a instabilidade, a violência, a destruição ambiental e a migração.

2 – 8 de Setembro de 2016 – Talitha Kum em Benin City, Nigéria - COSUDOW

Ir. Gabriella Bottani, CMS, visitou a rede nigeriana, membro de Talitha Kum e a casa de acolhimento gerida pela rede em Benin City. A casa foi criada após a Conferência dos Religiosos da Nigéria decidiu ser solidária com as mulheres e meninas nigerianas vítimas de tráfico, que por diversas razões estão de volta à casa. As mulheres acolhidas tinham sido exploradas, torturados e

traficadas em todo o mundo, principalmente para fins de exploração sexual. Estima-se que cerca de 90% das pessoas traficadas de origem nigeriana são provenientes da região em torno de Benin City. A casa que abriga o projecto foi construída com recursos da Conferência Episcopal Italiana e é gerida alternadamente por diversas congregações que a cada 3/6 anos assumem a coordenação, fornecendo uma comunidade de freiras. Actualmente são as Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo para coordenar a casa. A Presidente da COSUDOW é a presidente da Conferência dos Religiosos da Nigéria. Nos últimos anos, as religiosas na Nigéria estão procurando para expandir o trabalho preventivo através de acções educativas, de sensibilização e informação e de apoio.

18 – 24 de Setembro de 2016, Talitha Kum em México

De 18 a 24 de Setembro de 2016 nella Casa Villa Maria Imaculada, em Tepoztlán (Cidade do México), Talitha Kum promovido em colaboração com a Conferência Mexicana dos Religiosos (CIRM) o curso de formação para a criação de uma rede de religiosas comprometidas contra o tráfico no México.

O curso de formação foi coordenado pela Ir. Lourdes Medina, CIRM, Ir. Carmela Gibaja, representante de Talitha Kum para a América Latina, Ir. Eurides Alves de Oliveira, coordenadora da rede brasileira Um Grito pela Vida e pelo formador Stefano Volpicelli. Participaram no curso 30 religiosas provenientes do México e dos vários países da América Central, do Equador, da Colômbia. Como resultado do curso constituiu-se a Rede Rahamim México. A rede está incluído no Departamento de “Proyección Profética” da CIRM e na rede mundial da vida consagrada contra o tráfico de pessoas Talitha Kum.

O curso tem favorecido o fortalecimento do trabalho em rede na região e no continente Americano promovendo os contactos entre a América do Sul, América Central e América do Norte.

SÍNTESE DO QUESTIONÁRIO SOBRE A COMUNICAÇÃO

O que esperam as Superiores Gerais do Escritório de Comunicação da UISG?

“Ter um sistema de comunicação eficaz e eficiente, tanto internamente como externamente.” (Objectivo no. 3 do Plano Estratégico da UISG, 2015-2020)

Escritório de Comunicação da UISG, nasceu apenas em Setembro de 2015, todo o primeiro ano de trabalho foi dedicado à escuta da realidade, a fazer funcionar o Escritório de Comunicação (recursos humanos e instrumentos) e implementação de espaços comunicativos de base: website, newsletter regulares e meios de comunicação social. A principal tarefa do Escritório é alimentar a comunhão entre os membros e fortalecer a colaboração intercongregacional através da Comunicação.

Durante a última Assembleia Plenária (Roma, 9 - 13 de Maio de 2016) pedimos as Superiores Gerais presentes (cerca de 900): *O que vocês esperam de encontrar no nosso site? Quais são as informações que desejam receber da UISG?* Aqui está um breve resumo das respostas mais frequentes.

O que vocês esperam de encontrar no nosso site?

As palavras-chave são: *liderança, formação, internacionalidade, intercongregacionalidade.*

É claro que da UISG espera-se que contribua para a reflexão sobre o serviço da autoridade (liderança), baseada em uma teologia que seja aberta aos sinais dos tempos e de uma formação com horizontes globais e intercongregacionais.

Em detalhe:

- Estímulos para enfrentar os desafios e a reforma da Vida Consagrada
- Reflexões sobre a Vida Religiosa e temas de actualidade
- Material para ler os sinais dos tempos
- Documentos da CIVCSVA / Magistério da Igreja que orientam sobre a novidade da Vida Religiosa
- Os assuntos abordados no nível internacional
- Formação (artigos e iniciativas)
- Formação e Orientações para o Serviço de Liderança
- Relatórios das / dos relatoras / relatores (UISG – reuniões – Constelações)

Que tipo de notícias / informações que vocês gostariam de receber regularmente?

Relatamos aqui as vozes mais frequentes:

- O que ajuda a Vida Religiosa para o novo e promove a intercongregacionalidade
- Dimensão Mundial da Vida Religiosa
- Experiências de outras congregações
- Iniciativas e vida da UISG (e das constelações)
- Projectos da UISG
- Anúncios de iniciativas de formação, reuniões e eventos
- Informações e notícias sobre o contexto sócio - eclesial da missão na qual se insere a Vida Religiosa

Que tipo de informações e documentos que vocês desejariam de encontrar na área reservada?

As respostas mais frequentes foram:

1. As actas de reuniões / encontros
2. Fórum para discussões e partilha.

Os outros dois pedidos, Directório dos membros da UISG, e o Plano Estratégico, já estão presentes na área reservada.

Na caixa “outro”, foram adicionadas outras ideias: a necessidade de que possam requerer o nosso apoio / suporte, a consulta com peritos, as decisões do Conselho Directivo da UISG, calendário de actividades da UISG.

Espero que todas encontram a sua voz neste breve resumo. A nossa comunicação só pode ser mútua e circular: a direcção vamos construí-la juntas numa dinâmica de escuta e de comunhão. Obrigada!

Patrizia Morgante

Responsável da Comunicação da UISG

comunicazione@uisg.org - +39 0668400234

STAFF DA UISG

Nome	Papel	E-mail - Telefono
Ir. Patricia Murray, ibvm	Secretária Executiva	<i>segretaria.esecutiva@uisg.org</i> 06 684002 36
Ir. Elisabetta Flick, sa	Vice- Secretária Executiva Projecto Migrantes	<i>vice.segre.ese@uisg.org</i> <i>progetto.migranti@uisg.org</i> 06 684002 48
Rosalia Armillotta	Assistente da Secretária Executiva Secção Italiana	<i>ufficio.segreteria@uisg.org</i> 06 684002 38
Svetlana Antonova	Administradora de Finanças	<i>economato@uisg.org</i> 06 684002 50
Patrizia Balzerani	Assistente Administradora de Finanças	<i>assistente.economato@uisg.org</i> 06 684002 49
Patrizia Morgante	Responsável de Comunicação	<i>comunicazione@uisg.org</i> 06 684002 34
Antonietta Rauti	Responsável de Boletim UISG	<i>bollettino@uisg.org</i> 06 684002 32
Ir. Gabriella Bottani, smc	Coordinadora "Talitha Kum"	<i>uisg_talithakum@yahoo.it</i> <i>coordinator@talithakum.info</i> 06 684002 35
Ir. Cecilia Bayona, osa	Arquivista	<i>archivio@uisg.org</i> 06 684002 42
Ir. Fabiola Gusmão, H.Carm	Coordinadora "Regina Mundi in Diaspora" Secção Portuguesa	<i>regina.mundi@uisg.org</i> 06 684002 31
Ir. Anna Sanchez Boira, mn	Secção Espanhola Disenhadora Grafica	<i>spagnolo@uisg.org</i> 06 684002 33
Ir. Laurence Zaninka, sa	Secção Francesa	<i>francese@uisg.org</i> 06 684002 30
Ir. Florence de la Villeon, rscj	Coordinadora Internacional Projecto Migrantes	<i>rete.migranti@uisg.org</i> 06 68400245 - 3512555618
Conselho de Canonistas		<i>canoniste@uisg.org</i>
Solidarity South Sudan		<i>solidarityssudan@gmail.com</i>